

## Introdução

A comunicação constrói a cultura e sustenta as nossas perspetivas sobre o mundo. O humor, como forma de comunicação, é uma perspetiva possível sobre essa realidade. É um ângulo singular porque rompe com a ordem social estabelecida, com os discursos dominantes, as regras, os gestos, a estabilidade, as conversas. É uma construção cultural que subverte a construção social estabelecida e hegemónica, acabando por se transformar num outro olhar sobre a realidade e o mundo. Partindo desta hipótese, propomo-nos analisar o programa televisivo *Governo Sombra*, emitido no canal TVI 24. A escolha ficou a dever-se ao conhecimento preambular de que é o único programa de cariz opinativo - maioritariamente político - que não possui nenhum interveniente que desempenhe, ou já tenha desempenhado, funções políticas. Tal facto, aliado ao uso frequente da sátira, da ironia e do humor aplicados à atualidade noticiosa, faz do *Governo Sombra* um estudo de caso pertinente para os estudos do jornalismo e comunicação, na medida em que se pode tratar de uma fonte de informação alternativa, e que ainda é pouco explorada em trabalhos académicos. Esta dissertação pretende, também, verificar qual a origem histórica e os principais recursos que a sátira contém para a tornar num discurso utilizado em programas televisivos. Consequentemente, o papel da sátira na informação de temas políticos e na forma de comunicar os diversos assuntos que marcam a atualidade noticiosa em Portugal não foi descurado, principalmente ao nível do discurso e dos seus principais alvos.

Recorreu-se a várias metodologias de investigação para dar resposta à complexidade deste objeto de estudo. Esta opção vai ao encontro da perspetiva de autores como Creswell (1994) ou Eisner (1998) que sugerem que, quando se pretende abranger várias valências de um determinado objeto de estudo, é recomendável recorrer a várias opções metodológicas. Assim se procedeu, aplicando a metodologia considerada mais adequada nas várias fases da dissertação. Primeiramente, utilizaram-se técnicas de análise documental, em particular o levantamento bibliográfico e exaustivo sobre as origens literárias da sátira, bem com as suas definições que estão longe de ser unânimes nas reflexões académicas que têm problematizado este conceito. Ainda no campo das definições, procurou-se a diferenciação teórica entre sátira e paródia, uma vez que os conceitos surgem muitas vezes confundidos. Enquanto, a primeira deixa antever características moralistas, a segunda, tem por base a criação artística. A pesquisa documental foi ainda basilar do ponto de vista histórico para elaborar uma

história dos principais conteúdos televisivos, e não só, de humor e de sátira, quer em Portugal, quer no resto do mundo, com especial incidência no contexto anglo-saxónico. O enquadramento teórico e histórico foi fundamental para prosseguir na análise do estudo de caso, o programa *Governo Sombra*. Nesta fase, as metodologias utilizadas foram quantitativas, na análise de conteúdo, e qualitativas, na análise crítica do discurso. Todas elas foram assentes no período de análise de um ano, do primeiro episódio de março de 2014, até ao último de fevereiro de 2015, selecionado tanto por questões de ordem prática - temporal e acesso - como por questões estritamente temáticas. Como doutrina, a Análise Crítica do Discurso considera a linguagem como uma prática social e descodifica as ideologias do discurso. Torna-se assim fundamental para esta tipologia de trabalho, uma vez que, de acordo com Fairclough (1989), requer multidisciplinaridade e conhecimentos mais vastos que possam explicar o discurso que é objeto de análise.

Realizou-se uma análise de conteúdo simples, a partir do conjunto de temas debatidos nas várias secções do programa: "Pastas Ministeriais", "Estados de Espírito", "Decretos-Lei", "Vídeos e Soundbytes" e, ainda, frases consideradas chave seguindo os critérios de presença de elementos discursivos de sátira, humor, ironia ou defesa da liberdade de expressão. O objetivo foi entender qual é a agenda temática do programa, bem como apreender os assuntos preferenciais entre os vários intervenientes - Ricardo Araújo Pereira, João Miguel Tavares e Pedro Mexia - todos eles com ideologias divergentes e convicções políticas dissemelhantes. Utilizou-se a mesma técnica de investigação para verificar quais foram as personalidades ou instituições mais visadas, nas diferentes etapas do programa e para cada interveniente. A derradeira fase de investigação foi desenvolvida a partir de uma análise de discurso de dois casos de grande envergadura noticiosa que foram debatidos recorrentemente no programa: o ex-primeiro-ministro José Sócrates - antes e durante o processo judicial de que foi alvo - e os atentados terroristas ao jornal satírico francês *Charlie Hebdo*. Foram ainda utilizadas técnicas de análise não-documental, nomeadamente entrevistas semi-estruturadas a cada um dos intervenientes. As entrevistas tiveram sobretudo função exploratória, servindo essencialmente para perceber as dinâmicas de funcionamento do *Governo Sombra*, o que motiva cada um dos três intervenientes a fazer sátira e, por fim, a sua opinião sobre o papel que este e outros programas similares podem ter na televisão portuguesa.

A dissertação está dividida em quatro capítulos. O primeiro problematiza os conceitos de sátira, paródia e humor. Para uma conceptualização, recuou-se às origens dos termos até chegar às analogias com as suas potenciais utilizações na comunicação política.

O segundo contextualizou o humor e a sátira como elementos presentes na história da comunicação social. Dos cartoons na imprensa até aos programas de televisão, esboçou-se uma breve história dos principais conteúdos televisivos satíricos e humorísticos, quer no cenário internacional, quer, mais exaustivamente, na televisão portuguesa.

O terceiro procura caracterizar o *Governo Sombra*, os seus intervenientes e moderador. Analisam-se os temas mais debatidos ao longo do período de análise e as personalidades que mais foram visadas, por cada um dos intervenientes, em cada secção do programa.

Por fim, o quarto capítulo contém a análise crítica do discurso dos dois estudos de caso escolhidos: José Sócrates e *Charlie Hebdo*. Ambos foram escolhidos, do ponto de vista transversal, pelo facto de serem dois dos maiores acontecimentos noticiosos do período em análise desta dissertação. Já em termos particulares, o caso de José Sócrates foi escolhido por nos mostrar a evolução de uma personalidade política ao longo do desempenho de dois papéis: primeiro como político que retomava funções no seu partido e, depois, como sendo o primeiro ex-primeiro-ministro detido na história da democracia portuguesa. Por outro lado, o caso do *Charlie Hebdo* marcou um dos maiores atentados à liberdade de expressão do século XXI, fomentando discussões sobre a sátira e o humor num programa que tem exatamente essas duas componentes na sua génese.

O jornalismo tem desde sempre como principal missão informar as pessoas. Mas as fontes de informação são cada vez mais abundantes, já não se confinam apenas aos telejornais e aos espaços de comunicação social tradicionais. Com a existência de uma maior dinâmica, a fronteira entre aquilo que é informação e aquilo que é entretenimento tende a esbater-se até alcançar uma certa neutralização difícil de definir e, ainda, pouco explorada em trabalhos académicos. O fenómeno é verificável em qualquer temática,

mas é na comunicação de temas políticos que tendem a existir mais desdobramentos de géneros, em termos de guião, de discurso e de objetivos. Para verificar alguns desses desenvolvimentos não é exequível descurar programas cujo os conteúdos informem, ainda que se afastem das formas tradicionais de produzir informação, o *Governo Sombra* é um exemplo desse pressuposto.

Este trabalho ambiciona ser um contributo para o estudo da sátira aliada ao carácter informativo dos programas de debate social e político, apostando na identificação das mensagens transmitidas e dos assuntos abordados, tal como dissecando criticamente os principais aspetos discursivos dos mesmos. A dissertação foi concebida tendo em vista a consciencialização das potencialidades da sátira como fonte de informação na era da comunicação global e com a perspetiva de deixar caminho feito para eventuais futuros trabalhos nesta área.

## Capítulo I - A Sátira, a Paródia e o Humor

### 1.1. Origens literárias da sátira

A sátira teve a sua origem na literatura grega, com as clássicas peças de teatro, e, na romana, com o festival *saturnália* - festival em honra do deus Neptuno. No entanto, estes dois epicentros de sátira detêm características divergentes no que diz respeito ao âmbito político e, também, quanto ao seu formato. O teatro de comédia grega era um evento público que interagia com a audiência através do riso, ao mesmo tempo que permitia a criação de uma sensação de pertença à comunidade. Em contraste, a sátira romana era escrita para as elites e, conseqüentemente, usufruída como uma experiência individual e privada (Keane, 2007:41). A comédia grega, tal como a tragédia, foi marcada por uma noção didática em detrimento da estética. Esta, última, só foi desenvolvida posteriormente, com o surgimento da crítica sofista, como é exemplificado nas peças de Aristófanes (Silva, 1987:58). A grande diferença da época medieval para a época renascentista foi a descoberta da função social da sátira (Silva & Garcia, 2012:91). Essa função social assentava na exposição e revelação de temáticas que costumavam ficar à margem de qualquer contemplar crítico.

É a partir do século XVIII que a sátira na literatura se expande e desenvolve com mais vigor. Tanto pela sua diversificação, como pela sua criatividade e, também, pelo espoletar de alguns dos autores mais influentes da história literária. Voltaire, Montesquieu, Jonathan Swift, Alexander Pope, por exemplo, foram autores basilares para o desenvolvimento, não só da sátira mas, também, da própria literatura, tal como a reconhecemos e consumimos hoje. Todos partilham a peculiaridade de contar as suas histórias como se estivessem a contar uma viagem, um roteiro a algum lugar recôndito da imaginação, aliado à realidade social e política da sua contemporaneidade. A sátira na literatura europeia tem origens tanto na cultura grega, como na romana, e, é nesta, que a poesia de Juvenal e Horácio sobressai, fabricando alguns dos alicerces essenciais para o desenvolvimento do estilo satírico. Horácio é um autor mais urbano e espiritual, enquanto Juvenal costuma ser caracterizado por uma escrita mais ácida e, ainda mais, crítica. Para estes dois autores pioneiros, uma sátira tratava-se de um poema, com uma forma e conteúdo bastante restritos. Essa definição perdurou no resto da Europa, nomeadamente na literatura britânica, espelhada nos trabalhos de escritores como John Donne e Dryden. Em todo o tipo de escrita satírica, desde os primórdios e das primeiras

manifestações do estilo, que é valorizada a inteligência da mensagem, o poder de observação e a arte de manusear a língua. Todos estes pontos conjugados criam a possibilidade da sátira conseguir entreter, ao mesmo tempo que crítica (Ogborn & Buckroyd: 2001:13).

Depois do período de maior proliferação de elementos satíricos na literatura, um pouco por todo o continente europeu, a sátira continuou a ser propagada pelos seus elementos sociais, políticos e religiosos, adquirindo robustez ao longo das décadas subseqüentes a 1800. Alguns dos últimos trabalhos de Mark Twain podem ser encarados como o culminar da maturação da sátira, relativamente a todas as dimensões supracitadas (Silva & Garcia, 2012:91). Os britânicos, os puritanos e as recém-formadas instituições democráticas eram, nesta altura, alvos fáceis para a sátira. Aliás, a democracia e os regimes democráticos são fatores essenciais para o desenvolvimento e manutenção das manifestações satíricas. Sem democracia as consequências da sátira seriam demasiado nefastas para um desenvolvimento e uma evolução sustentada do género que tem o poder como o seu principal alvo de crítica. Simultaneamente à fundação de algumas instituições democráticas, despontariam temáticas de carácter mais suscetível. Temas como a abolição dos escravos e o direito ao voto das mulheres começavam a ser abordados pela sátira e pelos autores satíricos (Morris, 2007:377). Já nesta fase é notório que a sátira chega - tendencialmente - primeiro aos assuntos mais controversos e polémicos, em comparação com qualquer outra forma de expressão e de comunicação. Ao aproximarmo-nos dos tempos contemporâneos, sempre inspirados pela sátira clássica, tanto no formato, como no foco e nos objetivos, começa a existir uma nova postura por parte dos autores satíricos do século XX. Essa postura seria perceptível no foco em desconstruir utopias modernas e no favorecimento da tecnologia e da mecânica como temas prediletos para se tornarem objetos satirizáveis (Silva & Garcia, 2012:92). É ainda no século XX que as obras de George Orwell, nomeadamente, *O Triunfo dos Porcos* (1945) e *1984* (1949), empregam a linguagem satírica direcionada para uma dimensão muito mais política, bem como concentrada na preocupação vincada em alertar para eventuais perigos políticos e sociais futuros, em detrimento de uma tentativa de diligenciar um efeito moralista. Esse objetivo futurista, utilizando certas valências do presente, é uma das principais características do género distópico. Outro exemplo dessa distopia, é o livro *Admirável Novo Mundo* (1932), de

Aldous Huxley, que influenciou muitos outros textos, posteriores, e que é considerado por muitos como uma obra muito à frente do tempo em que foi escrita.

Com o surgimento dos meios de comunicação de massas e, depois, com a evolução de novas tecnologias, passou a ser mais comum encontrar elementos satíricos em cartoons, nos jornais tradicionais, na internet e na televisão, protagonizados por comediantes ou até mesmo por jornalistas a desempenhar um papel de comentaristas políticos ou de protagonismo em programas de entretenimento. Todos eles devem à literatura o trilho percorrido para que a sátira se tornasse naquilo que é hoje: uma forma de comunicação popular, com objetivos muito claros nas sociedades, principalmente as ocidentais, no que respeita à ridicularização de assuntos políticos e sociais, expondo situações que são, por determinados padrões partilhados, consideradas impróprias e que, sem essa postura satírica, passariam despercebidas. No entanto, existem diferenças entre a sátira clássica, a sátira do século XVIII e do século XX, em relação ao que se faz hoje com os novos meios existentes, nomeadamente com o maior acesso a canais temáticos, com a internet e as redes sociais. Essas diferenças fazem-se notar nos alvos da sátira. O alvo tornou-se efémero, tratam-se de eventos imediatos ou de personalidades mediáticas, normalmente pelas suas funções ou estatuto social, que são, maioritariamente políticos. Continua a servir o propósito de entreter, de criticar e de apontar hipocrisias, mas, é mais passível de conter um prazo de validade, dado que os contextos e os protagonistas alternam com muita facilidade no âmbito político. "A sátira tem muitas mais probabilidades de durar através do tempo, quando o seu alvo é algum aspeto do comportamento humano" (Ogborn & Buckroyd, 2001:16).

## **1.2. Definições de sátira e outras origens**

A sátira é uma configuração de discurso utilizada ao longo do tempo, em vários formatos, moldando-se sempre aos contextos históricos, políticos e sociais das várias épocas da história humana. Está presente na literatura, no teatro, nos cartoons e, também, na televisão, entre várias outras formas e diferentes formatos. A sátira adapta-se às circunstâncias e a diversos modelos de expressão artística. O espoletar da sátira mediática no século XX e XXI pode-nos conceder a ideia errada de que se trata de um fenómeno recente. Na verdade, o seu desenvolvimento e disseminação na comunicação de massas poderá ser recente, mas a sua história remonta a 386 a.C, à comédia grega de

Aristófanes<sup>1</sup>. A definição de sátira não é unânime, existem vários aspetos que são debatidos sem que se consigam estabelecer argumentos universais e imutáveis. Existem algumas ramificações e problemáticas que impedem a restrição a uma simples e uníssona definição, provavelmente porque mais nenhum género literário tem um léxico com tantas contradições (Quintero, 2007:6). Essa consciência já está enraizada, mas continua a ser discutida por vários autores. G. L. Hendrickson (1971:49) afirma que os termos sátira, satírico e satirizar são palavras que não se relacionam sequer etimologicamente. O autor relembra, também, que há uma certa tendência para tentar definir sátira com termos que, só por si, já são complexos e detentores de significados dissemelhantes, como por exemplo, ironia, comédia e paródia.

Analisar a derivação de palavras como comédia e sátira, pode-nos ajudar a restringir e diferenciar os conceitos. A palavra comédia deriva do termo grego *komos* e do vocábulo *odi*. *Komos* alude a um ritual de dança e bebida, protagonizado por um grupo de dançarinos, já a palavra *odi*, refere-se a uma música ou poema lírico (Rusten, 2006:41). Aristófanes defendia que a palavra comédia tinha a sua origem nos *Dóricos*, uma tribo que, alegadamente, a teria inventado. A opinião de Aristófanes acaba por ser sustentada por algumas provas, encontradas nas zonas da Sicília e da Mégara, que sustentam algumas formas de comédia nesses territórios, muito antes das palavras do dramaturgo grego.

Relativamente à derivação da palavra sátira, existem, pelo menos, duas visões diferentes. A primeira corrente de pensamento reivindica que a palavra sobrevém do termo grego, *satyros*. *Satyros* foi um seguidor do deus do vinho – Baco na mitologia romana, Dionísio na mitologia grega – e era metade homem, metade cabra. O termo *satyros* adquiriu, ao longo do tempo, um significado metafórico e passou a ser referido a uma pessoa que é lasciva (Stamatakos, 1999:885). A segunda, apoia que a sátira deriva da palavra latina, *satura*, que significa, entre outras possibilidades, variedade e saturado. Consequentemente, foi engendrado o termo *satura lex*, que significa que a lei é composta por várias cláusulas, diferentes umas das outras (Iliou, 1955:887).

Com derivações discrepantes, é coerente que os significados de comédia e sátira também sejam distintos. A comédia, como género que é, não inclui, obrigatoriamente, a

---

<sup>1</sup>Aristófanes foi um dramaturgo grego. É considerado o maior e mais importante representante da comédia antiga.

sátira. No entanto, a comédia pode utilizá-la por vezes - e utiliza-a -, o que não significa que uma não subsista sem a outra. A sátira pode, também, ocupar todo um programa, uma peça de teatro ou um conteúdo na imprensa escrita. Como supracitado, a derivação latina da palavra sátira remete-nos para variedade e, essa é uma analogia interessante de constatar nos programas televisivos portugueses, aqueles que tornaram possível o surgimento da sátira na televisão em Portugal e, também, aqueles que são produtos posteriores a esse desenvolvimento preambular. Herman José conduziu vários programas onde os *sketches*, a crítica social e política e as variedades - entrevistas, números musicais e interações com o público - dominavam toda a duração do conteúdo. Assim como o *Governo Sombra*, programa que aborda maioritariamente temas políticos, pode ser considerado, neste contexto, um programa satírico e de variedades, dado os diferentes separadores temáticos utilizados e as diferentes posturas dos intervenientes mediante o papel que representam. Ou seja, o *Governo Sombra* é um programa com elevada carga satírica, mas, tal asserção, não o torna num programa de comédia. A definição de sátira de Schutz (1997:50) é aquela que vai ao encontro das dimensões assinaladas anteriormente e a que será seguida, de forma mais literal, ao longo desta dissertação:

Satire is a form of comedy, ranging from drama through poetry to prose narrative. It must be amusing or humorous, but satire is essentially an attack on someone or some social institution. It may ridicule, parody, or caricature its target, but the purpose of satire with its negative approach is positive change.

Ou seja, a sátira é, essencialmente, uma configuração de ataque a alguém, ou a alguma instituição. Ataque que é consumado através da denúncia do ridículo, da paródia e de uma crítica quase sempre caricatural e, conseqüentemente, exagerada ao seu alvo. A sátira utiliza uma abordagem, aparentemente, negativa para alcançar uma mudança e uma reação positiva em quem a consome. Essa mudança pode encontrar-se na informação sobre assuntos de interesse público que, antes da sua ridicularização, podiam estar a ser descautelados pelos consumidores de notícias em formatos tradicionais, como os jornais, telejornais, etc. Neste âmbito, a sátira utiliza a inclusão, não a exclusão, da falha humana (Quintero, 2007:2). A sátira tem, tradicionalmente, uma função pública e quem a realiza tende a acreditar, ou pelo menos, detém a esperança, de que é possível haver uma mudança. Uma mudança pessoal que conduzirá a uma mudança social. O satírico "mostra-nos a nós próprios e mostra-nos o nosso mundo; ele exige que nós evoluamos ambos" (Spacks, 1971:363). A sátira, tal como a

comédia e a tragédia, constrói tensão e conflito mas, ao contrário desses dois formatos, não procura qualquer reconciliação com o assunto satirizado. Não consegue ser eficaz sem um padrão contra o qual os leitores ou as audiências possam comparar o assunto. Já o produtor de sátira tenta, implícita ou explicitamente, levar-nos em direção a uma alternativa considerada ideal. Para Northrop Frye (1957:224), para a sátira conseguir atacar qualquer que seja o seu referente, o escritor e a audiência têm de concordar sobre se o assunto ou pessoa atacada é realmente indesejável. Ou seja, a matéria-prima com que a sátira trabalha permuta muito rapidamente e está constantemente a ser renovada.

O satirista e as audiências partilham, portanto, de uma percepção do que é um padrão desejável, no entanto, quem faz sátira não é obrigado a resolver o que é compreendido como um problema, nem tão pouco é obrigado a substituir o que é desmascarado ou evidenciado pela sátira por uma eventual solução cobiçável. Para Quintero (2007:4), a responsabilidade de quem produz sátira é análoga à de um *watchdog* na medida em que ninguém espera que se realize a dupla tarefa de lançar o alarme de que algo está mal e "apagar esse mesmo fogo". Os satíricos despertam-nos para que sejamos nós a apagar esse fogo, eles encorajam a necessidade de estabelecer a verdade e, para isso, desmascaram impostores, expõem ações e atos fraudulentos, no fundo, abalam a opinião pública para a libertar da complacência e da indiferença.

Para compreender ainda melhor o que é a sátira e o que é ser satírico, é imprescindível uma regressar às primeiras feições e manifestações - registadas - de sátira na literatura. *Sátiras*, uma coleção de poemas satíricos escritos por Juvenal, poeta e retórico romano, é uma obra opulenta em termos de conteúdo mas, também, essencial para conferir uma dimensão histórica e contextualizante aos investigadores da sátira. Juvenal foi uma ilustração perfeita daquilo que é ser satírico. Isto porque, o autor era um eterno insatisfeito sedento de contar aos outros as razões da sua indignação. No entanto, quem faz sátira, não a executa apenas numa tentativa de expressar indignações pessoais, realiza-a com uma vocação moral e com uma preocupação pelo interesse público (Quintero, 2007:1). Tal como nos versos satíricos de Juvenal e Horácio, a poesia, mais recente, de Alexander Pope cria uma índole de tribunal de culpa e vergonha, onde o produtor da sátira litiga e julga determinado assunto. Mesmo que esse objeto satirizado não seja condenável por nenhuma legislação, pode ser condenável pela lei não oficial da sátira, *lex saturam* (Quintero, 2007:2). Porém, esta noção não significa que quem satiriza pode, ou deve, rir e ridicularizar sem critério. Quintero defende, também, que

deve existir uma fronteira entre a verdade e a difamação, bem como, uma fronteira ética sobre o assunto, pessoa ou objeto satirizado, que deve ser respeitada. Essa linha de limitação é muito ténue e é, também, bastante controversa. Não é por acaso que alguns humoristas e comentadores portugueses, que utilizam a sátira de forma recorrente, já foram alvo de processos devido a determinadas palavras que foram interpretadas como difamações. Um dos exemplos dessa situação é o de João Miguel Tavares, que foi alvo de um processo - que ganhou - quando José Sócrates, na altura, primeiro-ministro português, interpôs uma queixa-crime contra o jornalista e comentador<sup>2</sup>. A questão dos limites da sátira - se é que existem - fica ainda mais sensível quando as sequelas são mais gravosas, como exemplo, no ataque terrorista ao jornal satírico francês, *Charlie Hebdo*.<sup>3</sup> O sucedido levou a que muitos académicos, jornalistas e comentadores se debruçassem sobre a sátira e os seus limites, tendo em conta, sobretudo, os temas religiosos e em como estes podem suscitar ódios em grupos fundamentalistas e radicais.

Sem uma definição unânime, os estudos em torno da sátira centram-se na sua essência, na sua forma discursiva e no seu, alegado, impacto nas audiências. No entanto, parece existir pelo menos uma premissa comum e unânime: a sátira foi, e é, um discurso que se aproveita de situações caricatas e dos erros das pessoas, responsabilizando-as pela sua ação (Gray, Jones e Thompson, 2009:ix). Os mesmos autores sustentam, também, que "o riso - uma reação visceral e involuntária que sabe bem - é uma experiência mais recompensadora do que apenas indicar mais uma prova da patética e inconsequente existência humana" (2009). Talvez seja essa característica que facilita a propensão para assistir a programas que provocam o riso, mesmo que estes abordem assuntos sérios e rotineiros da esfera social ou política.

No contexto específico desta dissertação, com o objetivo de circunscrever o conceito e a palavra sátira a um significado e aos seus significantes, existem três elementos primordiais. O primeiro é natureza da sátira, ou seja, a utilização da ridicularização, da caricatura e do exagero. O segundo é a ideia da sátira funcionar como um *watchdog*, ou seja, a sua característica inerente de responsabilizar os agentes políticos e sociais, com poder de decisão, pelas suas ações. O terceiro é a falta de guião que existe na sátira, ao contrário da comédia que utiliza, normalmente, um guião estruturado e planeado. A sátira é mais espontânea, utiliza o improviso e o sentido de

---

<sup>2</sup>Ver notícia em: <http://expresso.sapo.pt/actualidade/socrates-processa-joao-miguel-tavares=f507141>

<sup>3</sup>Ver notícia em: [http://rr.sapo.pt/informacao\\_detalhe.aspx?fid=26&did=174017](http://rr.sapo.pt/informacao_detalhe.aspx?fid=26&did=174017)

oportunidade do tema que está a ser abordado. Estes três elementos serão as principais dimensões em causa quando a palavra sátira for utilizada durante esta dissertação, assumindo assim uma diferenciação com outros conceitos similares que podem ser, facilmente, confundidos. Para além disso, estas três dimensões ajudam a caracterizar programas como o *Governo Sombra* como conteúdos que fogem à norma social do comentário político, através do recurso recorrente à sátira, expondo várias temáticas, que não têm um tratamento crítico nos telejornais, tendo por base valores que se observam como ideais, sem distanciação e com a ausência da demanda inexequível pela objetividade. Ao contrário da comédia que, por si só, se constrói tendo por base uma história e protagonistas, a sátira pode ser fragmentada quando utiliza o comentário como fio condutor. É isso que nos é apresentado no *Governo Sombra* e é essa noção que contextualiza e, também, sustenta a escolha do programa para o estudo de caso da dissertação.

### **1.3. O conceito de paródia e as suas diferenças com a sátira**

A paródia nem sempre é sátira, ainda que a sátira se sirva, por vezes, da paródia para alcançar os seus desígnios. Essa é a preliminar distinção que é imprescindível salientar para clarificar dois conceitos que possuem muitas similaridades mas, também, são propícios a gerar algumas incoerências teóricas. A paródia, tal como a sátira, já advém de tempos antigos, neste caso, desde Aristóteles. No entanto, só a partir do século XX é que lhe foi conferida uma maior importância, uma vez que a estética clássica tinha tendência em subestimar as manifestações paródicas, devido ao motivo de serem consideradas de índole inferior ao modelo clássico e tradicional (Rodrigues, 2002:238). Etimologicamente, a palavra paródia provém do grego, *para* significa contra, ou ao longo de, e, *odos*, é referente a canto, ou seja, *Contra Canto*. Hutcheon (1985:13) define a paródia como uma das formas mais importantes da autorreflexividade do eu e como uma forma de discurso interartístico. A paródia pode ser considerada um recurso de consciencialização, em que a ironia desempenha o papel fundamental de mecanismo retórico para despertar essa mesma consciência no leitor ou telespectador. Tudo isto tendo em conta dois planos: o paródico e o parodiado.

Um dos autores mais importantes para o desenvolvimento e compreensão do conceito de paródia, bem como das suas ramificações associadas, foi Mikhail Bakhtin,

filósofo e teórico russo. Algumas das suas obras<sup>4</sup> tornaram-se essenciais para colocar a paródia no centro das atenções da crítica literária. Bakhtin desenvolveu a teoria de que os romances - género literário - não são apenas derivados da epopeia, nem da tragédia mas, sim, do questionamento das mesmas, protagonizado pelas paródias. Isto porque foram as obras paródicas que introduziram, na literatura, uma linguagem mais informal, mais quotidiana e um certo tom errático, que acabou por conferir novas ferramentas para o romance e para a sua linguagem associada, tal como a reconhecemos hoje. Neste sentido, é indispensável mencionar o conceito de carnavalização, - também ele estudado e desenvolvido por Bakhtin - isto porque a carnavalização está diretamente associada ao conceito de paródia. De acordo com o teórico russo, a carnavalização detém quatro categorias que se inter-relacionam e que, conseqüentemente, constroem o conceito: inversão, excentricidade, familiarização e profanação. Todas elas integram os géneros carnavalizados, mas, a inversão, acaba por deter alguma primazia já que, no carnaval, tudo o que determina algum tipo de desigualdade social, hierárquica, política, ou qualquer outra, é momentaneamente abolida e invertida, ou seja, de acordo com Bakhtin (2000:123), revoga-se o sistema hierárquico de todas as formas associadas ao medo, à reverência ou à devoção.

Ainda seguindo a análise ao trabalho e à obra de Bahktin acerca da paródia, é de passível averiguação que o autor chega à constituição do sério-cómico, uma tendência literária "influenciada pela cosmovisão carnavalesca transformadora" (Bahktin, 2000:107). O sério-cómico é, no fundo, uma mescla do épico com o vulgar, do estilo mais sério com a comédia e prevalece uma certa tendência para a mistura de vários géneros intercalados, sem a primazia somente de um, como era habitual na literatura clássica. Dentro da dimensão sério-cómica, Bakhtin distingue dois géneros: o diálogo socrático e a sátira menipeia. É, no âmbito desta dissertação, a sátira menipeia que carece de uma análise elucidativa e de um enquadramento mais detalhado. As raízes da sátira menipeia são oriundas do folclore carnavalesco, cuja influência é mais considerável do que no diálogo socrático (Bakhtin, 2000:112). As sátiras menipeias distinguem-se por via de algumas características singulares que vão desde a ousadia e a ruptura com a realidade, até ao facto dos heróis, na sátira menipeia, subirem ao céu, descerem ao inferno e serem colocados em conjunturas totalmente fora do comum, tanto

---

<sup>4</sup> Bakhtin, Mikhail (1984). *Rabelais and His World*. Bloomington: Indiana University Press. e Bakhtin, Mikhail (2000). *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

em termos históricos, como em termos realísticos. Sendo repleta de oposições e contrastes, a menipeia tem, também, espaço para todo o tipo de insensatez e para devaneios de dupla personalidade. A inversão está presente quando o imperador é submetido em escravo, desde os antigos gregos, no século V a.C., que o método já seria utilizado. De acordo com Sant'Anna (1999:11), Hegemon "usou o estilo épico para representar os homens não como superiores ao que são na vida diária, mas como inferiores. Teria ocorrido, então, uma inversão". Isto porque a epopeia é reconhecida por representar os grandes heróis, bem como os seus feitos, e, neste caso em particular, os papéis acabaram por ser invertidos. Bakhtin (2000:118) acrescenta ainda, relativamente à sátira menipeia, que o género incorpora elementos sociais utópicos e que outra característica é o "grande aproveitamento dos géneros intercalados, como as novelas, os discursos e oratórias, as cartas, os simpósios, etc." A paródia é integrante de tudo isto, faz parte da sátira menipeia, bem como de todos os géneros carnalizados. Bakhtin (2000:167) atesta o supracitado ao afirmar que a paródia é organicamente estranha aos géneros puros, como por exemplo, as epopeias e as tragédias gregas, sendo, em oposição, organicamente própria dos géneros carnalizados, como a sátira menipeia.

O parodiar carnavalesco era empregado de modo muito amplo e apresentava formas e graus variados: diferentes imagens (os pares carnavalescos de sexos diferentes, por exemplo) se parodiavam, umas às outras de diversas maneiras e sob diferentes pontos de vista, e isso parecia constituir um autêntico sistema de espelhos deformantes: espelhos que alongam, reduzem e distorcem em diferentes sentidos e em diferentes graus. (Bakhtin, 2000:127)

A paródia - produto carnalizado - pode ser vista como uma renovação ou reconstrução, visto que, no ato de parodiar, destrói-se uma realidade para a sua posterior reconstrução em diferente contexto e tempo histórico. Essas reconstruções procuram algo novo, de outro significado, mas estão penderes de uma referência que deve ser conhecida ou interpretada corretamente pelo leitor, ou no caso televisivo, pelo telespectador. Neste caso, o papel da mimese existente não é a de uma simples imitação, mas sim levar a que o reconhecimento do referente parodiado seja de averiguação exequível. A paródia não necessita de um texto, ou textos delimitados como antecedentes. O "seu referente poderá ser as convenções de um género ou um subgénero literário, de uma escola, um período ou corrente literária ou até mesmo de um estereótipo linguístico de um determinado período cultural" (Rodrigues, 2002:245). Ou seja, é possível referir que a paródia também se distingue da sátira devido ao referente.

Enquanto a sátira procura sempre o âmbito moral e procura uma mudança social, a paródia não tem, obrigatoriamente, uma intencionalidade moral ou social, ainda que essa intencionalidade possa existir. A paródia tem sempre um antecedente, uma base de criação, e, por isso é, nesse aspeto, mais artística e menos consequente.

A paródia repete, assim, um trabalho prévio de representação, criticando-o, enquanto a sátira se baseia directamente na realidade, captada nos costumes, nos preconceitos e outros usos, caricaturando-a. A primeira, imita para criticar, a segunda critica, mordazmente, representando caricaturalmente e pressupondo uma atitude ofensiva, ainda quando dissimulada: o ataque é a sua marca indelével, a insatisfação perante o estabelecido, a sua mola básica. (Morgado 2011:75)

A confusão entre os dois conceitos ocorre em muitas ocasiões devido à sátira utilizar meios paródicos para a ridicularização, estabelecendo assim de forma mais inteligível e eficaz uma depreciação de uma pessoa, instituição ou género. Em suma, não tendo o mesmo significado, uma utiliza a outra.

#### **1.4. As teorias do humor**

John Morreall é um filósofo americano, fundador da *International Society for Humor Studies*<sup>5</sup>, uma organização dedicada à investigação acerca do humor e das suas mais variadas vertentes. Morreall identifica as componentes e motivações do humor como estando repartidas em três teorias: alívio, superioridade e incongruência. Apesar de existirem outros estudiosos – como por exemplo Meyer (1998) e Raskin (1985) – que se debruçaram sobre estas teorias, este capítulo segue essencialmente a linha de pensamento de Morreall. O autor possui um vasto leque de artigos científicos publicados e de obras acerca do humor mas, para o propósito introdutório do conceito de humor, esta reflexão vai incidir essencialmente no livro, *The Philosophy of Laughter and Humour*<sup>6</sup>. Com a elucidação acerca destas dimensões humorísticas, torna-se possível assimilar como se constrói e, simultaneamente, quais são os mecanismos mais eficazes para alcançar determinadas finalidades do humor.

---

<sup>5</sup> <http://www.humorstudies.org/>

<sup>6</sup> Morreall, J. (1987). *The Philosophy of Laughter and Humour*. State University of New York Press, Albany.

A teoria do alívio tornou-se conhecida através de Freud, mais propriamente no livro *Jokes and Their Relation to the Unconscious*<sup>7</sup>. Freud interliga o prazer ao riso, afirmando que este provoca aquele, através de uma libertação de energia. Em termos psicológicos, o psicanalista declara que, ao nos rirmos, estamos a poupar energia que seria aproveitada como forma de repressão. Os alvos dos atos humorísticos são, na maioria das ocasiões, indivíduos, instituições ou regras que desfrutam de um certo grau de poder em relação às massas, como tal, Freud refere que, com esse gesto de agressão - a piada - libertamo-nos desse domínio, mesmo que por um breve momento, mesmo que seja uma libertação inconsequente fora do âmbito psicológico e psicanalítico. A piada e o sonho são, neste âmbito, análogos uma vez que permitem que ideias proibidas num determinado contexto social e cultural sejam desenvolvidas. Goffman, reconhecido sociólogo canadense, acrescenta a ideia de que o humor sustentado pela motivação de alívio pode ser utilizado para reduzir momentos de tensão e até aumentar a confiança entre duas partes em conflito, ou em negociação (Lynch, 2002:427).

A teoria da superioridade está implícita na própria designação. Morreall (1987) explica que nos rimos devido a sentimentos de superioridade em relação ao outro, ou em relação aquilo que o outro representa e apoia. Esta teoria foi a principal reflexão em relação ao humor até meados do século XVIII e foi partilhada e debatida por grandes pensadores, entre eles Aristóteles e Platão. Os dois filósofos clássicos escreveram acerca do humor como sendo uma forma de ridicularizar e de desdém, tanto direcionado ao outro, como a si próprio (Janco, 1984). O humor como expressão de superioridade está presente nos textos de Thomas Hobbes:

The passion of laughter is nothing else but sudden glory arising from sudden conception of some eminency in ourselves by comparisom with the infirmity of others, or with our own formerly. (citado em Morreall, 1983:5)

A teoria da superioridade nunca perdeu a validade, nomeadamente quando estamos na presença de piadas étnicas, de piadas que visam as minorias das quais não fazemos parte, de piadas em relação a uma instituição que não apoiamos porque achamos que a que merece o nosso apoio é superior. Um exemplo do referido são os clubes de futebol, desporto rei em Portugal e, conseqüentemente, uma das temáticas mais visadas pelos humoristas portugueses, em todos os formatos, desde os jornais até à

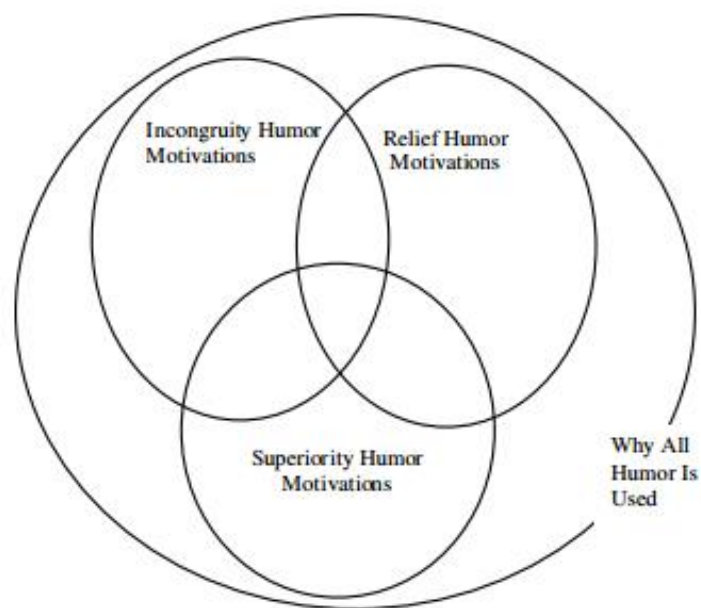
---

<sup>7</sup> Freud, S. (2001). "Jokes and Their Relation to the Unconscious", *The Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, Ed. James Strachey.

televisão. É produzido humor tendo por base as derrotas do clube rival ao que merece o nosso apoio, consideramo-nos melhores, superiores, dignos de perfeição em comparação com as imperfeições de terceiros.

A teoria da incongruência defende que o humor é, numa linha preliminar de análise, uma constatação do que é incongruente, uma percepção do contraditório e a posterior difusão dessas características. No entanto, a incongruência como motivação para o humor não exclui as anteriores – de superioridade e de alívio – mas, sugere que o riso é consumado pela atividade intelectual e lógica em maior grau do que é pelo sentimento de superioridade ou de alívio em relação a algum tipo de tensão (Lynch, 2002:428). Com base nesta teoria, o humorista ou comediante produz as suas piadas no alicerce daquilo que é contraditório entre as nossas ações e palavras, confrontadas com as regras da sociedade onde nos inserimos. Ou seja, rimo-nos quando observamos uma atitude normal no ser humano que, num determinado contexto e situação, se torna totalmente desfasada da atitude que seria expectável. Apontar a incongruência é uma das principais motivações humorísticas e existem múltiplas formas de o fazer, sendo através do ridículo, provavelmente, a mais comum e, também, a que os programas de sátira política mais aproveitam, expondo assim as inúmeras contraditoriedades do nosso sistema político e da nossa esfera social. A teoria da incongruência remonta à definição de Immanuel Kant, que refere que o riso é uma consequência da transformação súbita de uma grande expectativa em nada (Kant, 1952:223).

As três teorias supracitadas encontram-se reciprocamente em algumas valências, e também têm as suas diferenças demarcadas, numa demanda para compreender as motivações que se escondem por de trás do uso do humor. Lynch apresenta-nos um esquema ilustrativo das teorias supracitadas, no âmbito das motivações que levam o humor a ser utilizado:



**Figura 1. – O humor e as suas teorias motivacionais**  
**Fonte: Lynch (2002:430)**

Estas três teorias revelam pistas importantes para poder concluir que a sátira política, ao utilizar o humor como aliado, consegue aproveitar programas catalogados como entretenimento, para realizar uma crítica ao poder estabelecido. Para sustentar esta ideia, Lyttle (2001:208) afirma que a existência de uma distração, relativamente aos contra-argumentos, gera uma forma de comunicação política com um poder de persuasão bastante robusto. Quem assiste a um programa de entretenimento, mesmo que tenha a política como temática basilar, como é o caso do *Governo Sombra*, procura, em primeira instância, entreter-se. No entanto, ao mesmo tempo que o faz, está a receber conteúdo político que, de outra forma, poderia nunca receber. Essa situação poderá gerar um interesse posterior para conjugar a informação recebida através do programa com as notícias tradicionais, ou pode, pelo menos, levar ao conhecimento de incongruências políticas explícitas que, por um motivo ou outro, acabaram por ser ridicularizadas no programa. Assim se percebe como é que estas três teorias, explicitadas por Morreall, continuam a ser relevantes para investigações em torno do humor, da comédia e da sátira.

### **1.5. A sátira e o humor como componentes dos programas de entretenimento político**

A sátira é, presumivelmente, a configuração humorística mais utilizada na comunicação política mediática, ou seja, naquela que é transmitida pelos meios de comunicação social. É devido a essa premissa que se torna essencial esboçar um enquadramento teórico conciso sobre o género. A sátira é, em primeira instância, uma forma de discurso que coloca questões e semeia dúvidas, sem precisar de identificar respostas. O que acaba por distinguir a sátira de outras formas de fazer humor - como, por exemplo, da paródia - é o propósito moral do agente satírico, o seu desejo de corrigir o mundo (Ogborn & Buckroyd, 2001:11). Até porque, segundo Quintero (2007:3), os satíricos foram os primeiros utópicos conscientes da nossa sociedade.

No entanto, não se pense, pela alusão à utopia, que a sátira, nomeadamente a política, é oca de consequências e, principalmente, de significação. A sátira tem a particular característica de colocar em discussão no espaço mediático o que já muitos indagaram, mas não conseguiram verbalizar com o devido eco na sociedade. A sátira coloca em evidência os aspetos mais ridículos do sistema e do poder instituído, (mesmo que, numa análise epidérmica, não detenham qualquer valor humorístico) pois a mesma tem sempre o objetivo de ridicularizar (Scott, 2005:5). Tal afirmação coloca em evidência o que já era expectável através do senso comum: a sátira não informa por si só, ridiculariza, e, a sátira utiliza, muitas vezes o humor, mas, por definição, não tem necessariamente de ter piada. A ridicularização e a crítica satírica vão contribuir para que as audiências consigam realizar uma autoavaliação ao ver o estrato social - ou profissional - onde pertencem a ser alvo de satirização. Wagg (1998) refletiu sobre o elo entre sátira e intervenção política e/ou social. Para o autor, o humor pode ter consequências políticas e, ao afirmar isso, está a admitir que a sátira tem um certo poder e pode influenciar fortemente as audiências.

No que diz respeito ao poder político que a sátira detém enquanto configuração de discurso, existem trabalhos bastante completos que se direcionam especificamente acerca de programas de entretenimento. Jeffrey P. Jones (2005) é, nesse sentido, um autor de referência. No seu livro *Entertaining Politics*, o autor foca-se sobretudo na comunicação política em programas de televisão com um teor substancial de entretenimento. Exemplos como *Daily Show*; *The Colbert Report*; *Politically*

*Incorrect/Real Time* com Bill Maher e o trabalho de Michael Moore, são boas ilustrações de como estes programas se tornaram verdadeiros epicentros de crítica económica, política e social, bem como se converteram em conteúdos vitais para as audiências assimilarem o que se está a passar à sua volta nessas dimensões.

Nos exemplos supramencionados, a sátira é utilizada como uma ridicularização da realidade. A sua intenção é fazer rir mas, ao mesmo tempo, procura desencadear mudança social, mesmo que não passe do nível da consciencialização individual. De acordo com Lyttle (2001:208), a ironia presente num discurso humorístico aumenta o poder de persuasão de uma determinada mensagem. Isto porque permite a existência de uma distração e de uma emancipação relativamente aos contra-argumentos que possam advir em tons mais sérios e sóbrios. Não será por acaso que a ridicularização é um dos termos mais repetidos por vários autores que já investigaram esta área: "A sátira é uma agressão verbal em que um aspeto da realidade histórica é exposto ao ridículo" (Gray, 2009:12); "A sátira necessita da inclusão, não da exclusão, do falhanço humano" (Quintero, 2007:2). Na verdade, é verificável que a sátira funciona sob o ponto de vista da minoria ou, pelo menos, vai quase sempre servir de oposição ao poder estabelecido, contra figuras que usufruem de alguma preponderância na altura em que são satirizadas. É como se de um *watchdog* se tratasse (Quintero 2007:4).

Não tem de existir obrigatoriamente paródia nem um humor declarado para estarmos na presença da sátira porém, se existir um desses elementos, ou mesmo os dois, torna-se mais fácil que as audiências centrem a sua atenção na mensagem e, conseqüentemente, também apreendam o conteúdo no seu todo, para além do riso e do entretenimento que lhe está associado. Se programas como o *Daily Show* ou, transpondo para a realidade portuguesa, o *Governo Sombra* ou o *Eixo do Mal* têm um lugar cativo em canais de informação 24 horas, é caso para poder afirmar que os conteúdos de sátira política estão a conseguir estabelecer-se como uma fonte informativa, independentemente do tratamento noticioso que lhe são anuídos.

O encontro entre o humor, a sátira em democracia - com liberdade de expressão - e a comunicação política na esfera mediática só foi possível graças a uma nova era onde a mensagem política é cada vez mais disseminada dentro do contexto dos programas de humor. Programas que são transmitidos, no caso português, maioritariamente pelos canais por cabo e até pelos que se revestem com o rótulo de

canais de informação 24 horas. Como exemplos práticos há o *Eixo do Mal*, na SIC Notícias e o *Governo Sombra*, na TVI 24. Tal vai ao encontro das ideias defendidas por Dagnes (2010). Ainda que trate apenas do caso americano, Dagnes está ciente dos efeitos que os canais de informação 24 horas podem ter sobre os políticos, numa era em que os programas de humor estão inseridos no leque de conteúdos que estão a comutar a forma de relação entre os próprios agentes políticos e os media. "Na era moderna dos media, os programas de humor misturam-se com as notícias, animadores de televisão e rádio são considerados especialistas políticos e a internet consegue transformar qualquer rumor em evidência" (Dagnes 2010:74). Como tal, os políticos têm de conseguir moldar-se, têm de rir-se de si mesmos e, muitas vezes, participar nesses programas para defender as suas aspirações eleitorais. Se é certo que Dagnes fala de acontecimentos americanos, também é certo que a situação supradita já ocorreu em Portugal. Nomeadamente em programas da autoria do grupo humorístico, *Gato Fedorento*, como o *Gato Fedorento Esmiúça os Sufrágios e Isso é tudo muito bonito, mas*. Em ambos os casos, líderes partidários, e outros agentes políticos de referência nacional, acabaram por se colocar à disposição para responder a perguntas irónicas, satíricas e com claras finalidades humorísticas. Questões essas, que tanto estavam relacionadas com os programas eleitorais dos partidos, como coincidiam com a atualidade política ou, em última instância, entravam em trilhos pessoais dos convidados, existindo uma certa personalização dos conteúdos.

O humor torna-se assim um meio de transmissão de informação política, mesmo que não tenha essa intenção primária, "é certo que o humor apresenta hiatos de tempo a tempo mas, sempre foi - e irá continuar a ser - parte do panorama político" (Baumgartner, 2007:16). Apesar dessa aparente preponderância e ligação, não existe ainda investigação abundante no sentido de descobrir e decifrar todos os significados que se escondem nos programas de humor. Essa posição é sustentada por teóricos como Lichter, Amundson e Niven (2003), ao afirmarem que não existem estudos suficientes acerca do conteúdo do humor político dos chamados *late night shows*. "Apesar de sabermos que esses programas contém incessantemente piadas sobre figuras políticas, não sabemos sobre quem precisamente eles estão a contar essas piadas" (Lichter et al, 2003). É também por isso que no estudo de caso desenvolvido existe a preocupação de percorrer toda a história e conhecer todos os intervenientes que fazem parte do *Governo Sombra*.

## 1.6. A Sátira e o aumento da literacia política

Uma das hipóteses que surge naturalmente com a exploração do tema é se a sátira pode ajudar a que as audiências - sobretudo as mais jovens - criem uma ligação com o mundo político que de outra forma se tornaria num processo de desenvolvimento mais complexo. De acordo com Colby e Ehrlich (2007:68), a sátira é uma tática política que deve ser representada como uma ferramenta que os estudantes aprendem a apreciar, a compreender e a exercer. É, também, uma forma de motivar os estudantes para a vida política e mostrar-lhes que o envolvimento político também pode ser divertido.

Na verdade, em Portugal, podemos denotar sem a necessidade de uma análise profunda, que as camadas mais jovens da população são audiência frequente e fiel dos programas do grupo humorístico *Gato Fedorento*, mesmo que a temática do programa seja exclusivamente política, como por exemplo no programa *Gato Fedorento: Esmiúça os Sufrágios* que chegou a ter agentes políticos como participantes diretos na ação e no conteúdo. Existem outros autores que prosseguem esta linha de pensamento, Gray vai mais longe e afirma mesmo que a sátira é mais eficiente do que o jornalismo. O autor defende que a sátira, com presença assídua na televisão, pode afirmar factos e opiniões que os media tradicionais não podem, "a sátira é mais crítica dos políticos e é uma forma mais efetiva de mostrar o descontentamento das pessoas acerca de quem está no poder" (2009:4).

Os pontos supracitados não deixam de estar corretos, apenas carecem de um asterisco essencial, principalmente quando se comparam programas de comentário político e jornalismo tradicional: quem faz sátira não tem qualquer responsabilidade nem obrigação de se manter objetivo, nem tão pouco de ser totalmente fidedigno no que toca às informações que dissemina, muitas dessas informações já são, por si só, conhecidas como pura ficção. Quintero (2007) defende que a sátira só tem significado quando existe uma clara noção da realidade e dos contextos sociais em que ela é praticada. Talvez seja essa liberdade que torna a sátira aquilo que ela é, um discurso livre e descomprometido que pode utilizar o exagero, a paródia e a imaginação para cumprir os seus principais propósitos: fazer rir, ao mesmo tempo que moraliza, critica e denuncia. É pelo riso, aparentemente descomprometido, que alguns autores explicam o porquê da sátira ter tanto sucesso. Jones afirma que o humor político preenche um vazio sem filiações com partidos políticos, ideologias e ligações com instituições, "nós rimos

porque o riso confere uma resposta afetiva que nos permite conectar com significados profundos (Jones, 2005:120). O autor vai ainda mais longe ao defender a sátira daqueles que a assumem como uma forma de desinformação e sustenta que o discurso satírico tem uma literacia e uma pedagogia associada e que, quando bem utilizado e articulado, é benéfico para a formação de um espírito crítico. As novas tecnologias que surgiram da internet - principalmente o Youtube - são uma boa prova da existência e formação de literacia política através da sátira. Steve Rosenbaum (2006) aborda o assunto no seu livro *Political Satire and the Web*. Destaca que a sátira política na internet, num espaço livre onde qualquer um pode ser uma voz ativa e até um *opinion maker*, é um acontecimento que determina que existem muitos jovens atentos à política, tanto pela sedução tecnológica como pela satírica ou até por ambas. Rosenbaum (2006) apoia também que a opção por fazer sátira política pode significar que essa é uma forma eficaz do povo comunicar as suas frustrações em relação ao poder político. O público está, pela primeira vez na história, interessado em fazer parte integrante dos media e não ser apenas um mero consumidor. Para além de existir essa vontade, agora também há as ferramentas necessárias ao alcance para que o interesse se possa materializar em vídeos como aqueles que hoje vemos proliferados nas redes sociais. Nesse sentido torna-se pertinente olhar para o trabalho de Garcia e Silva (2012), sobretudo para compreender o fenómeno dos *Youtubers* como elementos proeminentes na sátira política e social. A internet tem a grande particularidade de misturar tanto canais anónimos, - mas com imensas visualizações - como canais de personalidades conhecidas na esfera pública, que, muitas vezes, também observamos na televisão, em outro tipo de programas com linhas temáticas mais criteriosas - aliás, muitos dos intervenientes do programa *Governo Sombra* também têm uma presença na internet menos filtrada. Sendo este um fenómeno atual, não é possível indiferente, mesmo que sem possuir tratamento aprofundado nesta dissertação.

## Capítulo II - O humor e a sátira na comunicação social

### 2.1. Do cartoon à televisão

A conjugação entre humor e sátira nos programas de televisão, terá, nesta dissertação e para conseguir cumprir os seus propósitos, primazia sobre todos os outros meios de comunicação. No entanto, especialmente quando se fala de origens na comunicação social, não se deve descurar o papel pioneiro que os cartoons desempenharam, bem como não deverá ser dispensável uma observação sucinta ao que se faz atualmente nos vários jornais portugueses. A história do termo cartoon - publicada - ter-se-á iniciado na revista britânica *Punch*, em 1843, com um desenho sobre uma exposição de pintura no novo Palácio de Westminster<sup>8</sup>. O cartoon apresenta, na sua maioria, meninos de rua numa exposição onde os aristocratas seriam os principais protagonistas. O principal objetivo terá sido ironizar sobre a forma como os políticos de Westminster se achavam grandes e superiores.



**Figura 2. Cartoon da autoria de John Leech, "Substance and Shadow" publicado na revista *Punch* em 1843, disponível em:**

<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/f/f9/SubstanceandShadow.jpg>

Em Portugal, o cartoon surgiu apenas quatro anos mais tarde. De acordo com Sousa (2010), a estreia fez-se no dia 12 de agosto de 1847, com a publicação do

<sup>8</sup> O Palácio de Westminster, em Londres, é conhecido como "Houses of Parliament", que significa em português, Casas do Parlamento. É lá que estão albergadas as principais estruturas do Governo do Reino Unido.

*Suplemento Burlesco de O Patriota*. O mesmo autor fundamenta a data com o argumento de, nessa altura, terem sido cumpridos os critérios de “serem trabalhos noticiosos ligados aos acontecimentos do dia-a-dia e serem de autoria reconhecida” (Sousa, 2010:10). O objetivo era comum ao do desenho supramencionado de John Leech, de 1843: criticar e satirizar elementos sociais. O cartoon foi a primeira tipologia de imagem a chegar aos jornais. Rebelo (2002:42) refere que o *Le Monde*, que sempre se afirmou pela ausência de ilustrações, seria obrigado - por exigências do mercado e pela necessidade de aumentar as vendas - a alterar a sua posição no que diz respeito à aplicação de imagens. O jornal francófono começou “por inserir na primeira página, desenhos humorísticos assinados por comentadores políticos, os célebres *cartoons* que, pela sua natureza, se situam entre o texto e a ilustração propriamente dita”. Com uma natureza tão dinâmica e análoga à informação, o desenvolvimento do cartoon foi exponencial. A literatura nesta área refere que a crítica social e política terá começado a desenvolver-se, nos meios modernos, no fim da década 1950 e foi, numa fase preliminar, nas revistas onde encontrou uma audiência de nicho, como por exemplo, na *MAD Magazine* e na *Playboy*. Em quase todas as publicações portuguesas com valências informativas - tanto jornais, como revistas - é possível encontrar uma pequena secção dedicada a ilustrações satíricas, normalmente políticas mas, também, sociais e, até, correlacionadas com temáticas de nicho, como por exemplo, o desporto. O jornal *Correio da Manhã* - o mais vendido em Portugal - possui uma página inteira dedicada à rubrica "Humor Bananal". Não se tratam de cartoons mas, de imagens reais, manipuladas com diálogos fictícios. O jornal desportivo *A Bola* tem o cartoon "Barba e Cabelo" da autoria de Luís Afonso. Também da autoria do cartoonista alentejano, são os desenhos presentes no jornal *Público*. Como derradeiro exemplo, o semanário *Expresso*, também tem tendência para apresentar cartoons, de forma regular, quer seja no jornal ou nos suplementos que o integram.

Com a origem da sátira e do humor nos órgãos de comunicação social por via do cartoon explicitada, avançamos para o caso da televisão que, sendo o meio em evidência nesta dissertação, terá uma contextualização mais aprumada. Existem vários programas televisivos onde a sátira é um dos principais componentes, tanto em Portugal, como no resto do mundo. Muitos dos conteúdos internacionais também possuem transmissões em Portugal por via da televisão por cabo, e, por isso, pode-se preliminarmente considerar que a proliferação do género foi fácil e célere. No entanto, a sátira na televisão ainda é

muito circunscrita quando comparada com o seu contexto e desenvolvimento na literatura, e ainda mais o foi durante os primeiros anos após o surgimento da televisão, por vários motivos, quer fossem eles logísticos, publicitários ou estratégicos. Na década de 1970 - ainda de forma mais acentuada do que no passado mais recente - as cadeias televisivas dependiam muito de patrocínios e da publicidade. A maioria dos patrocinadores observavam a sátira política e social como algo passível de ofender a grande maioria dos telespectadores e, conseqüentemente, distanciar o investimento publicitário (Gray, Jones e Thompson, 2009:22). Para que a existência de programas como o *Governo Sombra* fosse possível, foi necessário trilhar algum caminho, por vezes foram as circunstâncias sociais e políticas que suscitaram o surgimento de certos conteúdos satíricos, noutras ocasiões foi a criação de programas satíricos que constituíram uma novidade e que aparecia com boa qualidade, tendo moldado a televisão e, em última instância, a sociedade consumidora de conteúdos televisivos.

Na esfera da televisão do mundo anglo-saxónico, o programa *That Was the Week That Was*, de David Frost, é citado como tendo um papel importante na gênese das formas satíricas no meio, ao conseguir despertar as atenções no Reino Unido. Porém, nos Estados Unidos, esse sucesso não resvalou, provavelmente devido a agentes de pressão externa mais proeminentes, como os anunciantes e a classe política. *That Was the Week That Was* subsistiu durante, sensivelmente um ano e, o seu formato, resumia-se à sátira dos principais eventos da semana, a alguns números musicais, diversas formas de entretenimento e humor mais irreverente. No fundo, tratava-se de "uma mistura entre o *The Daily Show* e um programa de variedades" (Gray, Jones e Thompson, 2009:21). Numa altura em que os canais de televisão, para além dos blocos informativos, ignoravam quaisquer assuntos de conflito e transmutação social nas grelhas de programação, como por exemplo, a Guerra do Vietname, existiram dois programas que conseguiram, de forma limitada pelas circunstâncias, contrariar a tendência, *The Smothers Brothers Comedy Hour* e *Rowan and Martin's Laugh-In*. O primeiro, apresentado por dois irmãos, acabou mesmo por se converter numa contenda entre os protagonistas e a CBS, devido à censura por parte da estação televisiva. A alteração entre a empresa e os protagonistas deu origem à decisão de cancelamento do programa. Os irmãos Smothers não utilizavam o seu programa de entretenimento como forma exclusiva de alienação e músicas como a seguinte marcaram fortemente a sua crítica social, política e anti censura:

The War in Vietnam keeps on a-raging  
Blacks and whites still haven'tworked it out  
Pollution, guns and poverty surround us  
No Wonder everybody's dropping out  
But we're still here We're still here  
We face the same old problems But we're here  
The weekly grind is stretching out before us  
The bleeping censors lurking in the wings  
CBS would like to give us notice  
And some of you don't like the things we say  
But we're still hereWe're still here  
You may not think we're funny But we're here.<sup>9</sup>

Com este exemplo, podemos verificar que *The Smothers Brothers Comedy Hour* foi um contributo importante para a abertura de mentalidade, tanto social, como por parte das estações televisivas, que só viria a ser materializada alguns anos mais tarde. Antes disso, o programa *Rowan and Martin's Laugh-In*, apresentado por Dan Rowan e Dick Martin, foi menos controverso. O programa não privilegiava o comentário político, nem a confrontação, apenas o humor, com várias piadas e *sketches* desprovidos de segundo grau de significação. “A atmosfera era pacífica o suficiente para que o candidato presidencial Republicano, Richard Nixon, aparecesse, uns meses antes das eleições de 1968, a repetir a frase chavão do programa, *Sock it to me*” (Gray, Jones e Thompson, 2009:22).

Com a entrada na década de 1970, a sátira televisiva começou a ganhar algum espaço intencional nas grelhas de programação dos canais. Isso não ocorreu propriamente por motivos nobres mas, sim, como estratégia para conquistar audiências e, conseqüentemente, mais anunciantes. Neste contexto, surgiu a série *All in The Family*, o formato não seria muito dissemelhante do que já tinha sido realizado noutras *sitcoms*, mas eram verificáveis alguns elementos novos. Não podemos falar ainda em sátira, mas sim numa série que retrata os conflitos geracionais num contexto social mais conservador, presente na personagem Archie Bunker, e uma geração mais liberal, retratada na filha de Archie, Gloria, uma feminista por convicção.

Em 1975, surge nos Estados Unidos *Saturday Night Live*, um conteúdo de humor mais satírico, produzido por uma nova geração que tinha passado pelas mudanças históricas e sociais dos anos de 1960. O programa ajudou a tornar a sátira política e social tolerável, ainda que, inicialmente, apenas para um nicho, presente

---

<sup>9</sup> Bodroghkozy, Aniko (2001), *The Groove Tube: Sixties Television and Youth Rebellion*. Durham: Duke University Press. P. 142

somente em horários tardios. *Saturday Night Live* cumpriu um papel fundamental na familiarização da sátira política na televisão, não só nos Estados Unidos, mas com repercussões, ainda que bastante posteriores, no resto do mundo. Durante os primeiros cinco anos de emissão, o segmento *Weekend Update*, onde os protagonistas do programa se vestiam de forma profissional e transmitiam as notícias como se fossem jornalistas, alcançou mais de 30 milhões de pessoas. O formato definia-se pela transmissão de notícias reais e genuínas, seguidas de piadas prontas a demonstrar o absurdo de determinadas situações. Lorne Michaels, criador do programa, queria que a rubrica fosse considerada uma voz séria no contexto político americano para fins informativos (Reincheld, 2006:190). “Apesar de alguma literatura argumentar que *Saturday Night Live* tem como o objetivo o entretenimento em vez da persuasão intencional, a intenção do criador de conceber influência política é significativa” (Leano, 2014:85). Em suma, o segmento *Weekend Update* permitiu a possibilidade das audiências se rirem das interpretações irreverentes sobre as principais temáticas que marcavam a atualidade do país. Este modelo persiste ainda hoje, proliferado um pouco por todo o mundo onde se faz humor, sátira e paródia com elementos rotineiros da política e da sociedade. *Saturday Night Live* é pioneiro no que diz respeito a esta dimensão de abordagem.

Na década seguinte, ainda sem grande fulgor de sátira política, existiram alguns programas merecedores de referência. *Not Necessarily the News* foi, nos Estados Unidos, uma adaptação de *Not Nine O’ Clock News* da BBC, que tinha como protagonista o famoso Rowan Atkinson, que viria a ser conhecido, mais tarde, como “Mr. Bean”. O programa realizou bastantes paródias de anúncios e notícias, mas com poucas referências políticas. Este é um dos exemplos que mostra que a sátira no Reino Unido estava mais enraizada e desenvolvida do que na televisão americana (Gray, Jones e Thompson, 2009:24). No Reino Unido, a partir de 1984, os famosos bonecos de *Spitting Image* já satirizavam políticos, como o presidente norte-americano Ronald Reagan e a primeira-ministra britânica Margaret Thatcher. *Spitting Image* é considerado um dos programas satíricos mais poderosos de sempre, o primeiro que ousou ridicularizar não só o Governo britânico mas, também, a família real, construindo grandes audiências que chegaram a atingir os 18 milhões de telespectadores. Ainda assim, o co-autor de *Spitting Image*, Roger Law, tem dúvidas em relação à influência que o programa poderá ter tido no paradigma social e político, expondo a possibilidade

do conteúdo não ter realizado qualquer influência evidente, algo que muitos outros, especialmente políticos, discordam<sup>10</sup>. Depois, multiplicaram-se modelos de sátira televisiva análogos um pouco por todo o mundo, e Portugal, também, não foi exceção. No entanto, foi em França que as influências de *Spitting Image* deram origem a um conteúdo com sucesso de escala global, *Les Guignols de l'info*.

No fim da década viria a surgir, nos Estados Unidos da América, mais uma série que iria modificar todo o paradigma e presença da sátira na televisão, *Os Simpsons*. “Provavelmente, nenhum programa teve maior importância em criar espaço para o boom da sátira televisiva como *Os Simpsons*” (Gray, Jones e Thompson, 2009:25). A série parodiava a própria televisão e, desde os primeiros episódios, em 1989, que os conteúdos televisivos são uns dos principais alvos da crítica da família e amigos de Homer. No entanto, a política não é das temáticas mais visadas pela série, pelo menos, não de forma partidarizada e eleitoralista. *Os Simpsons* sempre trabalharam com o objetivo de expor os perigos de certas ideologias sociais, como por exemplo, sexismo, racismo, homofobia, xenofobia e fundamentalismo religioso (Henry, 2012:7).

Apesar dos contributos para o surgimento da sátira na televisão serem, com o passar dos anos, mais consistentes, nenhum acontecimento ajudou tanto à consumação da sátira televisiva como a criação do canal *Comedy Central*, o primeiro com a estratégia de utilizar a sátira e o humor político como propósito da sua existência (Jones, 2009:63-88). Essa linha editorial veio, finalmente, mudar o panorama humorístico no que diz respeito à sátira da política e paródia dos políticos. O primeiro programa de relevo lançado pelo canal foi o *Indecision 1992*, que efetuava uma cobertura alternativa e humorística da eleição presidencial americana de 1992, que opôs os candidatos Bill Clinton, George H. W. Bush e Ross Perot. Tudo sob o slogan "Same World, Different Take", ou seja, o mesmo mundo, visão diferente. Um ano depois, surge mais um marco para a história da sátira, *Politically Incorrect*, apresentado pelo carismático Bill Maher. O programa distinguia-se dos antecessores por conseguir conciliar uma discussão séria e descomprometida sobre assuntos políticos, com a participação em simultâneo de políticos e comediantes. Acabou por ser um modelo para os atuais programas americanos como o *The Daily Show* e *The Colbert Report*, e até mesmo portugueses, como *Gato Fedorento: Esmiúça os Sufrágios* e, ainda, o próprio *Governo Sombra*. A

---

<sup>10</sup> BBC. *Does satire influence politics?* Disponível em <http://www.bbc.co.uk/guides/zqpr4wx> (10-05-2015)

*Comedy Central*, depois do sucesso no início dos anos de 1990, continuou a produzir conteúdos com vários formatos, mas com um ingrediente em comum: a sátira social e política. Como exemplos da produção do canal surgem programas como *Chappelle's Show*, *South Park*, *The Man Show* e, o já supracitado, *The Colbert Report*.

É pela sátira na TV que "que encontramos algumas das análises do panorama político mais inteligentes, complexas e provocantes" (Gray, Jones e Thompson, 2009:32). Os programas de humor estão inseridos nos conteúdos que estão a comutar a forma de relação entre os próprios agentes políticos e os media. "Na era moderna dos media, os programas de humor misturam-se com as notícias, animadores de televisão e rádio são considerados especialistas políticos e a internet consegue transformar qualquer rumor em evidência" (Dagnes 2010:74). Em suma, o humor é um meio de transmissão de informação política, mesmo que não tenha, exclusivamente ou conscientemente, essa intenção, "é certo que o humor apresenta hiatos de tempo a tempo mas, sempre foi - e irá continuar a ser - parte do panorama político" (Baumgartner, 2007:16)

## **2.2. O humor e a sátira na televisão portuguesa**

Como observado no subcapítulo anterior, as origens da sátira na televisão estão aglutinadas, de acordo com muita da literatura utilizada, à Inglaterra e dos Estados Unidos. Terá sido a partir desses dois territórios que os diversos ângulos de abordagem e as experiências, tanto as falhadas, com as de sucesso, se transpuseram para o resto do mundo com mais facilidade. Em Portugal, isso não foi exceção e as influências dessas origens são bem perceptíveis nos primeiros programas de sátira e humor em formato de TV que sobrevieram até ao público português. Em 1957, com o nascimento da televisão pública, a RTP, surge também o primeiro programa de humor nacional transmitido no meio audiovisual, *Os Televizinhos*<sup>11</sup>, com alguns nomes que viriam a ser conhecidos na esfera pública, como é o exemplo de Vasco Santana, Elvira Velez e Camilo de Oliveira. Apesar do humor ser o principal ingrediente do conteúdo, à semelhança do que se passou nos primórdios do humor na TV nos outros países, também *Os Televizinhos* pouco ou nada se confrontava com temáticas políticas. Para além de ser uma matéria ainda insondada, a conjuntura política ditatorial que se vivia em Portugal impossibilitava qualquer esboço de sátira a questões dessa índole, ou até mesmo, a

---

<sup>11</sup>Diário de Lisboa (1957), nº 12560, Ano 37, Sábado, 23 de Novembro de 1957, Casa Comum.org. Disponível em HTTP: [http://hdl.handle.net/11002/fms\\_dc\\_18305](http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_18305) (5-5-2015)

questões sociais. No mesmo ano, Vasco Santana, Maria Helena e Henrique Santana conduziam *A Anekdota da Semana*<sup>12</sup>, um programa com, sensivelmente, quinze minutos de duração, que, à semelhança do supramencionado, *Os Televizinhos*, era humorístico mas não abrangia qualquer conotação política. A evolução dos programas de humor foi lenta, tal como o desenvolvimento da própria televisão. Em 1964, surgiram dois programas que davam os primeiros passos na forma de inovar, no que diz respeito ao método de fazer humor nos conteúdos audiovisuais, sendo eles, *Os Três Saloios* e *Riso e Ritmo*. O primeiro era protagonizado por Humberto Madeira, Emílio Correia e, mesmo tendo entrado numa fase posterior, Raúl Solnado. Aos momentos de humor, juntavam-se números musicais, criando uma certa analogia com o já mencionado, *That Was the Week That Was*, ainda que, sem crítica social vincada. O segundo inovou, principalmente pela irreverência e pela, aparente, falta de sentido nos diálogos idealizados por Francisco Nicholson e Armando Cortez. *Riso e Ritmo* caracterizava-se por ser "um programa de humor, muito *nonsense*, com *gags* humorísticos entre o irónico e o absurdo"<sup>13</sup>.

Em 1969, no período histórico comumente designado por "Primavera Marcelista", nasceu *Zip-Zip*<sup>14</sup>, um dos mais importantes marcos da televisão portuguesa, uma forma e formato completamente dissemelhantes em relação a tudo o que se tinha feito até então. O conteúdo granjeia de menções ainda mais meritórias por ter despontado numa altura em que a censura ainda limitava, em larga escala, a liberdade. *Zip-Zip* foi, também, o primeiro *talk-show* realizado em Portugal. Apresentado por Carlos Cruz, Raúl Solnado e Fialho Gouveia, as gravações faziam-se a partir do teatro Villaret, para, posteriormente, ser transmitido à segunda-feira à noite na televisão pública portuguesa. Destaca-se também a característica inovadora de ser um programa aberto à participação do público. Foram, realmente, como destacou o jornalista Adelino Gomes, num artigo para o jornal *Público*, em 2002, "sete meses que marcaram a televisão em Portugal"<sup>15</sup>. O programa mudou mentalidades, colocou a televisão na agenda das conversas populares e, dentro dos possíveis processos negociais com o

---

<sup>12</sup>Diário de Lisboa (1957), nº 12525, Ano 37, Sábado, 19 de Outubro de 1957, Casa Comum.org, Disponível em [http://hdl.handle.net/11002/fms\\_dc\\_19171](http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_19171) (5-5-2015)

<sup>13</sup>RTP. Disponível em <http://www.rtp.pt/programa/tv/p16749> (3-5-2015)

<sup>14</sup>RTP. Disponível em <http://www.rtp.pt/programa/tv/p16747> (9-5-2015)

<sup>15</sup> Adelino Gomes (2002), ZIP-ZIP: Os sete meses que marcaram a televisão em Portugal. *Público*, Disponível em <http://www.publico.pt/culturaipilon/noticia/zipzip-os-sete-meses-que-marcam-a-televisao-em-portugal-por-adelino-gomes-1395288> (09-05-2015)

regime, abrangeu temas políticos e sociais. *Zip-Zip* abriu caminho para a celebração do meio - a televisão -, ao mesmo tempo que desenvolveu trilhos para os programas que estariam para ser produzidos mais tarde, já em regime democrático.

O pós-25 de abril trouxe uma nova dinâmica na forma de fazer televisão e, conseqüentemente, no processo de produzir humor. Ainda assim, o conservadorismo português, a vários níveis, tanto sociais, como políticos, não permitiu um avanço imediato, tanto por esses mesmos fundamentos, como, também, devido à carência de referências internacionais fortes. O país estava fechado às influências do exterior. Herman José sobrevém como um dos principais responsáveis pelo desbloqueamento criativo do humor em Portugal e, a primeira prova disso, foi *O Tal Canal*. O programa estreou no dia 8 de outubro de 1983 e marcou o início de uma nova era na televisão devido ao seu formato pioneiro. *O Tal Canal* consistia num canal de TV fictício liderado pelo diretor Oliveira Casca, interpretado pelo próprio, Herman José. A paródia está presente mas é centralizada, sobretudo, na própria televisão, em alguns programas da época ou conteúdos que já tinham sido produzidos anteriormente. No *O Tal Canal*, existiam vários programas fictícios que potenciavam a paródia a várias tipologias de conteúdo, como por exemplo, a *Informação 3*, o *Cozinheiro para o Povo* e o *Viva a Cultura*. Algumas das personagens criadas eram, também elas, paródias reconhecidas a personalidades da televisão, como por exemplo, Carlos Filinto Botelho, personagem da *Informação 3*, era uma paródia ao jornalista Carlos Pinto Coelho, enquanto, Filipa Vasconcelos, personagem do *Cozinheiro para o Povo*, era uma paródia de fácil reconhecimento aos programas da famosa cozinheira, Filipa Vacondeus. Sob o slogan, "O Tal Canal, o melhor de Portugal", o programa conseguiu um sucesso quase unânime e, ainda hoje, é reconhecido pela sua importância e qualidade no panorama humorístico da altura. *O Tal Canal* notabilizou-se, principalmente, por apostar num tipo de humor que ainda não tinha sido produzido em Portugal, no que à televisão diz respeito, já que, no teatro de revista, já teriam existido algumas produções que ensaiavam um humor mais sofisticado. Em 1984, *Hermanias*<sup>16</sup> explora o caminho do humor *nonsense*. O programa escrito por Herman José immortaliza personagens míticas como o cantor Serafim Saudade e, o cronista de futebol, José Esteves. Para além disso, músicas como *A Canção do Beijinho* e *Mentirosa*, ambas escritas por Carlos Paião, um dos principais músicos satíricos da história portuguesa, tiveram neste programa a sua estreia.

---

<sup>16</sup>RTP. Disponível em <http://www.rtp.pt/programa/tv/p27335> (3-5-2015)

Herman José continuaria a desenvolver o seu legado com *Humor de Perdição*, programa datado de 1987, que já continha uma mensagem de crítica social e política. Este programa foi histórico para a TV e para o humor por diversos motivos mas, especialmente, por ter sido alvo de censura num período em que, supostamente, esta já não existia. A censura foi consumada no segmento "Entrevistas Históricas", que, através de paródias, possibilitava entrevistas a grandes figuras da história portuguesa como se ainda vivessem nos tempos presentes. As entrevistas agregavam o passado das figuras satirizadas aos acontecimentos nacionais e internacionais mais marcantes da atualidade. Tudo isto, sempre na mesma linha do humor *nonsense* a que Herman já tinha habituado as audiências em programas anteriores. A grande diferença do *Humor de Perdição* foram as acusações de que Herman José estaria a brincar com referências e valores nacionais. Na sequência dessas críticas, o Conselho de Administração da RTP acabaria por suspender o programa e, no dia 5 de junho de 1988 e os telespectadores não chegaram a ver a entrevista à Rainha Santa Isabel, com a emissão a ser cortada meticulosa e intencionalmente. Uns anos mais tarde, em entrevista<sup>17</sup>, Herman José reflectiu sobre o sucedido:

Fui cilindrado, um cilindro de toneladas. Antes de ir para o ar a entrevista da Rainha Isabel, suspenderam-me o programa e o Índice voltou à televisão. Havia ordens para não se falar de mim, o Fialho Gouveia tinha uma fotografia minha no concurso e teve de a tirar. Estava-se no princípio da maioria de Cavaco, com o Moniz na Informação e o vivo e moderno advogado Coelho Ribeiro (ex-SNI) é que mandava. Tive uns telefonemazinhos de umas pessoas, antes de gravar o 'sketch'. (...) O governo de Cavaco, reforçado pela maioria absoluta, andava à procura da sua identidade e o maior inimigo estava em Belém, era o Soares (...) O primeiro *Humor de Perdição* era malandro, anti-regime, anti-Teixeira da Cunha, com o Cavaco a ser imitado em voz 'off'. Foi o mais político e o mais inteligente e divertido dos meus programas. No segundo programa, o Soares foi-me visitar ao estúdio, assistindo a uma rábula, rindo, deixando-se fotografar, e aparecendo a peça no telejornal do Henrique Garcia. Eles não gostaram e vieram dizer-me que a coisa tinha mudado.

*Humor de Perdição* é, pelos fatores e pela história supramencionada, um marco para os programas de sátira na TV e, neste caso, com muita conotação política. Herman só regressaria à televisão dois anos depois do incidente de censura, o regresso ocorreu em 1990, com *Casino Royale*<sup>18</sup>. Um programa humorístico sem conotação política, mas

---

<sup>17</sup> Entrevista de Clara Ferreira Alves, "Pobre Menino Rico", no Jornal Expresso do dia 13 de junho de 1997.

<sup>18</sup> RTP. Disponível em <http://www.rtp.pt/programa/tv/p14531>

com vislumbres de paródia social, mais que não seja pelo seu contexto, recriando o ambiente da Segunda Guerra Mundial.

Em 1992, surgia o esboço do primeiro conteúdo de sátira política permanente. Tratava-se do *Jornalouco*, exibido na SIC, estação privada recém-criada. O *Jornalouco* era uma secção do programa *Praça Pública*, criado pela produtora *Mandala* que, através de bonecos marionetas, retratava os principais políticos do país e satirizava o contexto político nacional. As influências eram claramente oriundas do britânico *Spitting Image* e, também, do francês, *Guignols de l'info*. A rubrica viria a dar origem ao programa, *Cara Chapada*, em 1993. Com as mesmas características de sátira e paródia, com políticos e personagens conhecidas na esfera pública a serem retratadas e personalizadas em bonecos de marionetas, mas, desta vez, com um espaço e horário próprio. *Cara Chapada* realizava uma crítica directa e acutilante. Característica que lhe viria a valer algum sucesso e reconhecimento por parte das audiências. No leque das personagens destacam-se: Jorge Sampaio (Jorge Sampaio); Marques Remendos (Marques Mendes); Francisco Bolsa-na-Mão (Francisco Balsemão); Furão Baboso (Durão Barroso), entre muitos outros. Estava consumada a primeira experiência de sátira política em Portugal. No entanto, a evolução deste conceito não se ficou por aqui, em 1996 chegaria o *Contra Informação*, na RTP, também produzido pela *Mandala*. O programa teria uma grande longevidade, quase 15 anos de transmissão, quase 15 anos de sátira política. A transmissão em horário nobre também foi determinante para a célere popularização dos bonecos que se immortalizaram no tempo e na história, já que, durante a maior parte do seu percurso de vida, o "Contra" foi transmitido logo antes do tradicional telejornal da noite. O *Contra Informação* protagonizou centenas de sátiras a políticos, marcas, órgãos de comunicação social, celebridades e a programas de TV. Entre as mais famosas, destacam-se, por exemplo, os seguintes denominativos: Aníbal Regressado Silva (Cavaco Silva); António José Inseguro (António José Seguro); António Posta (António Costa); Bill Gaitas (Bill Gates); Berloque de Esquerda (Bloco de Esquerda); CSI: Cascais (CSI); FÍFIA (FIFA); José Carlos Palato (José Carlos Malato); Judite de Sonsa (Judite de Sousa); Paulo Tortas (Paulo Portas); Sonai (Sonae); TRAP (TAP); Tristeza Guilherme (Teresa Guilherme), entre muitos outros.

Depois desta fase, em que a sátira política chegou e se estabeleceu em Portugal, a proliferação de programas de humor antes do início do novo milénio e também durante os primeiros anos do mesmo, foi sendo mais fluida. Poucos tinham uma

conotação política acentuada e nenhum a utilizava de forma exclusiva e constante mas, em contrapartida, em algum momento, todos acabavam por consumir referências políticas. As audiências já estavam habituadas, aceitavam e aprovavam essas críticas disfarçadas no humor. Criada em 1993, as *Produções Fictícias* viriam a ter um papel preponderante no contexto criativo, satírico e, também, na produção de conteúdos. A empresa é conhecida devido aos projetos e programas de renome que foi lançando, desde os anos da sua fundação, até aos dias de hoje. São ilustração disso mesmo, projetos de televisão como: *Herman Enciclopédia*; *Herman 99*; *Herman SIC*; *Conversa da Treta*; *Gato Fedorento*; *Os Contemporâneos*; *Estado de Graça*; *Eixo do Mal*; *Há Vida em Markl*; *Canal Q*, entre muitos outros.

O grupo humorístico, *Gato Fedorento*, formado por Ricardo Araújo Pereira, José Diogo Quintela, Miguel Góis e Tiago Dores, começou a sua história no ano de 2003. Todos os elementos eram guionistas nas *Produções Fictícias* e decidiram criar um blogue. O nome "Gato Fedorento" sobreveio da influência da série americana, *Friends*, mais propriamente de uma música intitulada, *Smelly Cat*, celebrizada pela personagem, Phoebe. Depois do relativo sucesso do blogue, Ricardo Araújo Pereira e José Diogo Quintela acabaram por ser convidados para realizar sketches humorísticos no programa da SIC Radical, *O Perfeito Anormal*. Neste início de percurso, as piadas e a tipologia de humor não tinha referências à política, no entanto, o sucesso humorístico desta primeira experiência televisiva, permitiu-lhes espaço e tempo para um programa de nome próprio, agora, com os quatro elementos incluídos. A série *Fonseca* marcou a estreia do grupo que viria a produzir mais sketches do género com as séries *Meireles*, *Barbosa e Lopes da Silva*. Esta, última, foi transmitida pela RTP 1, enquanto as primeiras tiveram transmissão na SIC Radical. A transmutação no formato humorístico dos *Gato Fedorento*, começou com o programa, *Diz Que É Uma Espécie de Magazine*. Foi a partir desse momento que o humor de um dos grupos mais proeminentes da comédia portuguesa passou a ser satírico, com a política presente de forma amiúde na grande maioria das suas intervenções. O ângulo de abordagem mudou, mas o sucesso continuou. A nova metodologia do programa, estreado em 2007, foi incentivada e produzida porque os protagonistas "entenderam que o formato de sketches, só por si, começava a esgotar-se na sua essência, ou seja, eles próprios entenderam que era chegado o momento de oferecer mais ao seu público e, eventualmente, começar a conquistar novos públicos" (Brás, 2009:66). O programa ramificava-se em quatro

segmentos, sendo eles: os "Tesourinhos Deprimentes", que consistia numa paródia a programas antigos da televisão portuguesa; o "Telejornal", um bloco de notícias fictícias, mas, baseadas em factos e intervenientes reais; o "Momento Musical", momento em que uma banda interpreta um dos temas do seu próprio repertório mas, com a letra modificada pelo grupo humorístico, de forma a torná-la numa paródia a determinada situação; e, claro, os próprios *sketches* que continuavam a ser uma das imagens de marca dos *Gato Fedorento*. A sátira política estava presente, sobretudo, nos *sketches* e, também, no segmento das notícias fictícias. Em suma, este foi o primeiro programa onde os *Gato Fedorento* mostraram todo o seu potencial para a sátira política, em "*Diz Que É uma Espécie de Magazine*, na RTP, ficaram célebres as caricaturas de que foram alvo inúmeros políticos" (Brás, 2009:80). Quem não se lembra do famoso *sketch* a satirizar Marcelo Rebelo de Sousa e a sua posição relativamente ao referendo sobre a despenalização do aborto? Se, Herman José foi o principal impulsionador para a introdução da sátira social e política em Portugal, os *Gato Fedorento* foram os principais responsáveis pela sua popularização, proliferação e mediatização, ao longo da primeira década do novo milénio.

Em 2008, os *Gato Fedorento* voltaram à SIC, desta vez com o programa *Zé Carlos*. A abordagem era semelhante ao conteúdo supracitado e a sátira política continuava bem presente nos atos humorísticos. Um exemplo disso, subsiste no primeiro *sketch*, do primeiro episódio, sobre José Sócrates e o computador "Magalhães" que foi alvo de várias críticas, durante a governação do ex-Primeiro-Ministro que protagonizou a sua produção e introdução no mercado. Porém, foi em 2009, com *Gato Fedorento Esmiúça os Sufrágios* que o grupo dedicou toda a sua atenção à sátira política, com a particularidade de ter os próprios protagonistas políticos em estúdio, para uma série de entrevistas provocadoras, humorísticas e confrontadoras sobre os programas eleitorais e a situação política, económica e social do país. O programa acabou por ter algumas analogias com o americano *The Daily Show*, criando uma atmosfera informativa, ao mesmo tempo em que o primeiro objetivo era fazer rir. Foi, provavelmente, a primeira vez na TV portuguesa que essas duas dimensões se cruzaram de forma tão directa. A própria disponibilidade por parte dos políticos em estarem presentes no programa é reveladora que estavam cientes do impacto que isso poderia ter no eleitorado, algo que só é possível através do humor e de um grupo já tão consagrado como era o caso dos *Gato Fedorento*.

Também com o carimbo das *Produções Fictícias*, é criado, em 2010, o primeiro canal português exclusivamente dedicado ao humor e, também, à sátira social e política, o *Canal Q*. É inegável a sua analogia com o *Comedy Central*, mesmo tendo em conta o facto de existirem dezoito anos a separar os respetivos inícios de emissões. O programa *Inferno*<sup>19</sup> é o conteúdo mais politicamente satírico do canal. É emitido diariamente com direito a um compacto de melhores momentos ao fim de semana. Conta com a participação de nomes como Pedro Vieira, Inês Lopes Gonçalves, Maria João Amorim e Ana Markl. *Inferno* já vai na sua quarta temporada e, com um ângulo de abordagem orientado para o formato de telejornal, com reportagens e rubricas que analisam, de forma irónica, a atualidade do país, tem vindo a conseguir ganhar espaço e importância nesta forma, ainda pouco replicada, de fazer humor político em Portugal. *Sem Moderação*<sup>20</sup> é outro dos programas do *Canal Q* que merece menção, devido à forte carga política que o define. Neste caso, não se trata de um programa satírico, mas sim de comentário político bem-disposto e mais informal do que é habitual nos tradicionais blocos de debate. A grande inovação aqui é, tal como o nome indica, a ausência de um moderador. O programa conta com a participação de quatro comentadores residentes, entre eles, os políticos Daniel Oliveira, associado ao movimento Tempo de Avançar, do partido LIVRE e João Galamba, militante do Partido Socialista. Para além destes dois programas, onde a política está mais presente, também os conteúdos *Camada de Nervos*, *Altos & Baixos*, *O Que Fica do Que Passa*, entre outros, são exemplos que amostram que a paródia, a sátira e a ridicularização de várias situações do nosso quotidiano, sejam elas culturais, sociais, políticas ou do próprio meio televisivo, existem em Portugal. Não em tanto em termos de quantidade, mas, em termos de relevância e trabalho de qualidade na área.

Depois desta retrospectiva pela história e ângulos de abordagem dos programas de humor e sátira na TV, tanto nas origens britânicas e americanas, como, depois, no desenvolvimento em Portugal, é imprescindível destacar o *Eixo do Mal*. Não só pelas suas inúmeras potencialidades e características de relevo mas, também, porque é um programa análogo ao *Governo Sombra*, que é o estudo de caso nesta dissertação. Com o percurso supramencionado, é de perceptível análise o facto de que se foram desabrochando, aos poucos, os caminhos do humor e, numa fase posterior, os caminhos

---

<sup>19</sup> Vídeos disponíveis em <http://videos.sapo.pt/canalq/play/73>

<sup>20</sup> Vídeos disponíveis em <http://videos.sapo.pt/canalq/play/67>

do humor interligado com a atualidade política. A importância do contexto serve para isso mesmo, para ser inteligível a forma como programas da tipologia do *Eixo do Mal* e do *Governo Sombra* se conseguiram impor na televisão com relativo sucesso, com audiências fieis e com interesse tanto no âmbito da informação, como no âmbito do comentário político e, claro, também no contexto do humor e da sátira política.

O *Eixo do Mal* é, também, um programa oriundo das *Produções Fictícias*, que é transmitido, em direto, na SIC Notícias, desde 2004. Logo pela incrível longevidade - em televisão é ainda mais rara - que já ultrapassa uma década, é perceptível que o programa tem algo de especial. Nem que seja a abordagem, a irreverência e a linguagem despreocupada de diplomacia que, em 2004, ninguém, em Portugal, estava habituado a assistir num programa de opinião e debate político. "A atualidade política, social e cultural do país e um ou outro assunto sério", é esta a frase descritiva do programa e, na verdade, é um bom resumo do que por lá se passa e do que lá se trata. O título *Eixo do Mal* é baseado na célebre expressão do ex-presidente americano, George W. Bush, para se referir a países com interesses contrários aos dos Estados Unidos da América, alegadamente com programas nucleares. Os intervenientes atuais são: Clara Ferreira Alves; Daniel Oliveira; Luís Pedro Nunes e Pedro Marques Lopes. O moderador foi, desde o início, Nuno Artur Silva mas, depois da mudança para a RTP no início de 2015, é Aurélio Gomes quem comanda as operações e conduz o guião. O impacto do programa<sup>21</sup> é, de acordo com Nuno Artur Silva, surpreendente: "Surpreendeu-nos o programa ter durado tanto tempo e continuar a durar, ter uma audiência e, sobretudo, um impacto que nós não imaginámos." Já o segredo do sucesso, segundo Clara Ferreira Alves, é a receita ímpar que o programa trouxe para a televisão portuguesa:

Nunca ninguém tinha feito um programa com este nível de irreverência perante os políticos, dizendo sobre eles o que ninguém dizia na televisão. Depois, a mistura com o humor, para não ser excessivamente pesado. A juntar a isto, uma certa dose de idealismo, de achar que há sempre a possibilidade de as coisas serem um bocadinho melhores e nós contribuirmos para isso.<sup>22</sup>

O programa tem a duração aproximada de 50 minutos e vai para o ar todos os sábados, pouco depois da meia-noite, com repetição aos domingos durante a tarde e, de madrugada, na SIC Notícias.

---

<sup>21</sup> Revista Caras (2014), "Eixo do Mal" Celebra 10 Anos". Disponível em [http://caras.sapo.pt/famosos/2014-11-13-Eixo-do-Mal-celebra-10-anos- \(09-05-2015\)](http://caras.sapo.pt/famosos/2014-11-13-Eixo-do-Mal-celebra-10-anos- (09-05-2015))

<sup>22</sup> Revista do Expresso (2014), "É uma família disfuncional. E ao fim de 10 anos continua (des)unida", Edição de 8 de novembro.

Juntamente com o *Eixo do Mal*, é o *Governo Sombra* o único programa com transmissão, atualmente, na TV portuguesa, que consegue conjugar uma boa dose de informação com momentos de sátira e paródia aos intervenientes políticos, aos partidos, às situações da rotina parlamentar, às gafes do Governo, às incoerências da oposição, entre muitas outras críticas e, também, elogios ao modo de fazer política em Portugal. Tais conteúdos só existem hoje, graças aos avanços de outros tempos, tanto na liberdade de expressão, como no desenvolvimento da preparação das audiências para este formato. É no passado que se compreendem as abordagens de hoje e é nos formatos atuais que se podem descortinar falhas e potencialidades a explorar no futuro.

## Capítulo III - Caracterização do *Governo Sombra*

### 3.1. Elementos de caracterização do programa

O *Governo Sombra* começou por ser, na sua génese, um conteúdo exclusivamente radiofónico, emitido na TSF, com estreia no dia 3 de outubro de 2008. O painel é, desde o início, constituído por quatro elementos: Pedro Mexia, Ricardo Araújo Pereira, João Miguel Tavares e Carlos Vaz Marques, sendo este último o moderador do programa. A estabilidade do painel ao longo dos anos realça a interação eficaz e produtiva entre os participantes, cada qual com a sua ideologia política - mais ou menos vincada - mas, ao mesmo tempo, independentes do circuito partidário, todos *outsiders* políticos. O propósito é haver discordância constante, - muitas vezes inserida na polarização ideológica entre Ricardo Araújo Pereira e João Miguel Tavares - mas não crispada. O programa garante a existência de um debate fluido, para que o humor com substância se desenrole, controlado por um guião semiestruturado.

Nos primórdios, a emissão tinha a duração de, sensivelmente, 35 minutos, tendo vindo a aumentar gradualmente até atingir os cerca de 45 a 50 minutos atuais. Foram necessários quase quatro anos para que o sucesso que foi obtido no meio da rádio, fosse transposto para o meio televisivo. No dia 23 de setembro de 2012, o *Governo Sombra* estreava-se na TVI 24, fruto de uma parceria multiplataforma, na altura, inédita em Portugal e, posteriormente, replicada na *Mixórdia de Temáticas* da Rádio Comercial, também com a TVI 24. Em 2014 e 2015, o *Governo Sombra* tem sido emitido regularmente às sextas-feiras, depois das 19 horas, na TSF e por volta da 1:15, na TVI 24, repetindo ao sábado, à 01:15 e, ao domingo, às 13:10, na TSF. Já na TVI 24, as repetições têm lugar no sábado, às 21:30 e por volta das 03:15 e, ao domingo, pouco depois das 18 horas. No total, agregando emissões de rádio e de televisão, são sete transmissões durante três dias, o que revela a boa aceitação do público a um conteúdo que já dura há quase sete anos. O único programa do género em Portugal, que também tem data de início precedente, e que ainda existe, é o já referido *Eixo do Mal*, da SIC Notícias.

Apesar da existência sincrónica do *Governo Sombra* na rádio e na televisão, não se pode falar de uma diferenciação na linguagem do programa para os diferentes meios de comunicação, já que o programa é gravado apenas uma vez, deixando para os meios técnicos o aproveitamento da filmagem e da gravação para os respetivos canais de

transmissão. Contudo, existe uma preocupação por parte dos intervenientes para que os ouvintes da rádio tenham a consciência do que se está a passar, especialmente nos momentos em que são inseridos elementos multimédia na discussão, como por exemplo, vídeos, imagens e outros apoios maioritariamente visuais. Essa preocupação é materializada em narrações precisas da imagem, ou do vídeo, num discurso mais descritivo do que é corrente no programa.

Esta análise incide no *Governo Sombra* enquanto programa de televisão, e, como tal, o estúdio, introdução gráfica e a disposição dos intervenientes, são elementos merecedores de referência. O estúdio tem o formato de uma circunferência algo irregular, é composto por oito candeeiros, roxos e amarelos, dispostos atrás dos intervenientes que estão sentados diante de uma mesa oval, todos do mesmo lado, de frente para as câmaras. O fundo do painel possui cores quentes, vermelho, laranja e amarelo, contrastando com o chão, dominado por cores frias, tons de azul e roxo. Desde setembro de 2015 que existe público nas emissões em direto, sempre com pouca luz para que haja uma certa harmonia com o cenário. A ação desenrola-se, portanto, na sombra, compondo uma clara alusão ao nome do programa. Na mesma ordem de coerência, a introdução gráfica do programa tem a duração de 23 segundos, é acompanhada por um jingle instrumental que contém várias sombras humanas. Os nomes de Carlos Vaz Marques, João Miguel Tavares, Pedro Mexia e Ricardo Araújo Pereira, pela ordem apresentada, tombam em blocos com tons amarelos e laranjas, rachando o chão que, aparentemente, é feito de vidro. A introdução culmina com um bloco destacando o nome Governo Sombra, de forma imponente e com uma larga sombra na dianteira do letreiro. Pode-se afirmar, portanto, que existe uma forte congruência entre a introdução inicial e o ambiente em estúdio. Também a disposição dos intervenientes não é certamente casual e, de acordo com as entrevistas exploratórias para este trabalho, Pedro Mexia e João Miguel Tavares afirmam que já vem desde os tempos da rádio. Isto porque, João Miguel Tavares, conhecido pelo seu posicionamento ideológico à direita é, de facto, na perspetiva do telespectador, o elemento mais à direita do painel. Pedro Mexia, também conotado com certos princípios ideológicos do conservadorismo social, encontra-se à esquerda de João Miguel Tavares mas, ainda assim, na ala direita da mesa. Por outro lado, Ricardo Araújo Pereira, defensor de políticas e ideias de esquerda é o interveniente, à exceção do moderador, mais à esquerda do painel. A posição de Carlos Vaz Marques, neste caso e tendo em conta o

papel que desempenha no programa, é menos significativa, deixando a carga de maior significado semiótico para os restantes participantes da ação.

Quanto à estrutura, o *Governo Sombra* tem preservado, ao longo dos anos, o mesmo modelo. Os temas em discussão são introduzidos a partir de três segmentos diferentes: “Pastas Ministeriais”; “Estados de Espírito” e “Decreto-Lei”. Para além destes três separadores, o moderador apresenta um tema central e transversal a todo o programa. No alinhamento padrão, são as “Pastas Ministeriais” as primeiras a serem apresentadas. Nessa altura, João Miguel Tavares, Pedro Mexia e Ricardo Araújo Pereira, escolhem uma pasta ministerial ficcional para, com isso, apresentar um tema ou notícia que esteja na ordem do dia. O limite dos ministérios escolhidos é apenas a criatividade de cada um e são, normalmente, assinalados, à semelhança de todos os segmentos, com ironia e sátira. Todos os intervenientes do debate discutem o tema selecionado, possuindo a oportunidade de refutar, com maior ou menor grau de seriedade, os argumentos iniciais do protagonista de cada pasta. Logo de seguida, o separador dos “Estados de Espírito” é a oportunidade para cada um dos intervenientes do programa, sempre com exceção do moderador, elaborar uma frase ou palavra que defina o seu estado de espírito sobre uma temática marcante da semana. Com esse ponto de partida, todos comentam a notícia ou situação apurada pelos colegas de painel. O papel do moderador é introduzir perguntas relacionadas com os tópicos que auxiliem no desenvolvimento da discussão. É visível, nas perguntas de Carlos Vaz Marques, ou na introdução esporádica de elementos multimédia para apresentar os temas, que existe um guião previamente estruturado e que os temas introduzidos são antecipadamente eleitos com o conhecimento de todos os intervenientes participantes do *Governo Sombra*. Existe, portanto, alguma improvisação nos argumentos de cada um, mas o alinhamento não sofre grandes variações. Posteriormente, chega o momento em que é introduzido o tema central, lançado pelo moderador e desenvolvido através de perguntas gerais aos três participantes. A temática é, por norma, central na atualidade política ou, pelo menos, possui ligações próximas à situação política e social do país. É, portanto, o momento neutro, onde apenas o moderador tem controlo na escolha temática. É, também, a parte do programa mais passível de cair no alinhamento quando existe falta de tempo para o seu desenvolvimento. Por fim, surge o segmento do “Decreto-Lei”. É o separador mais curto, onde, parodiando o ato legislativo de um Governo, mesmo que, este, faça apenas sombra e não tenha poder de decisão, se decreta e se discutem leis. É

um espaço onde a ironia e a sátira também estão, quase sempre, presentes nos próprios nomes das leis atribuídos por João Miguel Tavares, Pedro Mexia e Ricardo Araújo Pereira. Tudo se resume a um pequeno apontamento, com uma temática, por norma, mais leve do que as restantes e que serve de mote para o término de mais um episódio.

### 3.2. Os intervenientes

O posicionamento ideológico de Ricardo Araújo Pereira, Pedro Mexia e João Miguel Tavares são conhecidos na esfera pública e, como tal, não é surpresa que cada um defenda as suas ideias sem pudores, até porque se trata de um programa de opinião, onde a própria personalidade dos intervenientes se torna essencial para o *Governo Sombra* ser aquilo que é. No entanto, o facto de serem todos independentes e de nenhum elemento integrar a vida política ativa, faz com que o *Governo Sombra* se distinga, também nessa dimensão, de vários outros programas na televisão portuguesa, nomeadamente, nos canais temáticos de informação. Antes de apresentar cada um deles, é importante esclarecer o que os une. Todos são críticos do sistema partidário, as suas ideias acentuam, acima de tudo, a crença democrática e o pluralismo de opinião. Só com estes valores unificadores o debate pode ser desenvolvido num clima amigável, informal e respeitador, independentemente da ideologia política e da crença religiosa de cada um ser dissemelhante.

Ricardo Araújo Pereira é um dos mais aclamados humoristas portugueses que conjuga uma forte popularidade humorística, a um perfil de *opinion maker* político e desportivo. Nasceu em Lisboa, em 1974, é licenciado em Comunicação Social, pela Universidade Católica e foi jornalista no *Jornal de Letras*. Em 1998, tornou-se guionista nas *Produções Fictícias* onde foi coautor de programas como *Herman 98*, *Herman 99*, *Herman SIC* e *O Programa da Maria*. Mas foi em 2003 que, juntamente com José Diogo Quintela, Miguel Góis e Tiago Dores, formou o grupo humorístico *Gato Fedorento*, um dos mais reconhecidos nomes da comédia nacional. Foi com os *Gato Fedorento* que escreveu e participou em programas importantes no que à sátira política diz respeito, nomeadamente os programas, *Diz Que é Uma Espécie de Magazine*, emitido em 2007, e *Gato Fedorento: esmiúça os sufrágios*, em 2009. Ricardo Araújo Pereira é - para além de membro do programa em análise nesta investigação, *Governo Sombra* - protagonista do programa *Mixórdia de Temáticas* da rádio *Comercial* e da *TVI 24*, escreve semanalmente para a revista *Visão* e já o fez, também, para o jornal *A Bola*.

Publicou quatro livros de crónicas: *Boca do Inferno* (2007); *Novas Crónicas da Boca do Inferno* (2012); *A Chama Imensa* (2012) e *Mixórdia de Temáticas* (2012). É, desde 2006, a cara publicitária da operadora de telecomunicações MEO. Apesar de todo o vasto espólio de conteúdos que contam com a autoria de Ricardo, o humorista não dispensa a referencia ao facto de ser o sócio número 17411 do Sport Lisboa e Benfica. O seu posicionamento político é conhecido na esfera pública, sendo as ideologias conotadas à esquerda aqueles com que mais se identifica e que mais defende em debates públicos, facto que não é exceção o *Governo Sombra*. Foi militante do PCP e, na campanha para as eleições legislativas de 2015, afirmou publicamente ser apoiante do movimento Livre/Tempo de Avançar. Situando-se à esquerda, o humorista não se identifica com derivas autoritárias que marcam certos percursos do comunismo e da extrema esquerda, é um claro defensor do Estado Social, da regulação pública do capital financeiro e da liberdade de expressão. Ricardo Araújo Pereira é contra qualquer tipo de regime totalitarista e, apesar da educação católica, declara-se ateu.

Pedro Mexia é um escritor, cronista e crítico literário muito difícil de situar ideologicamente, apresentando, normalmente, posições conotadas com um certo conservadorismo, em que se destaca o seu ceticismo, relativamente às ideologias do progresso, que pode denotar um certo tom pessimista. Nasceu em Lisboa, em 1972, licenciou-se em Direito, pela Universidade Católica, mas nunca exerceu. Na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, realizou o mestrado em Estudos Americanos. Entre 1998 e 2007, fez crítica literária no *Diário de Notícias*. Também até 2007, assinou um espaço de crónicas no *Público*. Posteriormente continuou a fazê-lo, mas no jornal *Expresso*. É membro do programa *Governo Sombra* desde o seu início, no entanto, também foi, por pouco tempo, interveniente no *Eixo do Mal*, da *SIC Notícias*, muitas vezes apontado como o concorrente direto do programa em análise, em termos de audiências, temáticas e formato. Ironicamente, Ricardo Costa, diretor da *SIC Notícias* na altura da saída de Pedro Mexia do *Eixo do Mal*, apontou que a causa da saída se devia ao facto de Pedro Mexia não gostar de fazer televisão<sup>23</sup>. Fora do espectro mediático, Mexia foi, ainda, diretor da Cinemateca Portuguesa entre 2008 e 2010. Mas é na literatura que despense a maior parte do seu tempo profissional. Tem seis livros de poesia publicados: *Duplo Império* (1999); *Em Memória* (2000); *Avalanche* (2001); *Eliot e Outras Observações* (2003); *Vida Oculta* (2004) e *Senhor Fantasma* (2007). Em 2011

---

<sup>23</sup>[http://www.dn.pt/inicio/interior.aspx?content\\_id=623507](http://www.dn.pt/inicio/interior.aspx?content_id=623507)

lançou uma antologia pessoal, intitulada *Menos por Menos - Poemas Escolhidos*, onde selecionou vários poemas dos livros anteriores. Pedro Mexia é cristão, possui ideias e valores de um cristianismo elevado, acredita no mercado regulado e é um descrente convicto em relação às visões mais progressistas da política e da sociedade.

João Miguel Tavares nasceu em Portalegre, em 1973, é o único elemento do *Governo Sombra* que não é natural da área metropolitana de Lisboa. Após uma passagem pela licenciatura de Engenharia Química, no Instituto Superior Técnico, acabou por licenciar-se em Ciências da Comunicação na FCSH da Universidade Nova de Lisboa. Iniciou a carreira profissional no *Diário de Notícias*, onde esteve até 2007. Nesse mesmo ano, fundou a revista *Time Out Lisboa*, mantendo-se em funções de diretor-adjunto até 2013. No entanto, é como cronista que João Miguel Tavares é mais conhecido no jornalismo. Em 2010, iniciou um espaço de crónica no *Correio da Manhã* que durou cerca de três anos para, depois, se mudar para o *Público* onde escreve, até ao presente, duas vezes por semana, na última página do diário. João Miguel Tavares faz parte do painel do *Governo Sombra* desde o início e, à semelhança dos seus colegas, também tem livros publicados, quatro, sendo três deles livros infantis e, outro, de crónicas familiares: *Os Homens Precisam de Mimo* (2011); *A Crise Explicada às Crianças* (2012); *Uma Baleia no Quarto* (2012) e *O Pai Mais Horrível do Mundo* (2013). É, ainda, autor do blogue sobre questões familiares, *Pais de Quatro*. Ideologicamente é, usualmente, conotado com ideias de direita, defendendo o Governo liderado por PSD e CDS mais frequentemente do que os seus colegas de painel. No entanto, de acordo com o próprio, pode ser definido como um liberal de direita, apenas no contexto português do termo. No contexto americano, declara-se democrata e deixa a possibilidade de até encaixar no pensamento trabalhista, no contexto britânico. João Miguel Tavares é, acima de tudo, tal como os restantes intervenientes, um democrata e defensor da liberdade de expressão.

Carlos Vaz Marques é o moderador do *Governo Sombra* e, de todos os elementos do programa, é aquele que tem uma carreira mais extensa e consagrada no jornalismo. Tudo começou em 1987, na redação do *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, tendo passado, também, pelo, já extinto, semanário *O Jornal*. Está na *TSF* desde 1990, e, nesse órgão de comunicação, já desempenhou várias funções e participou em múltiplos conteúdos programáticos. Para além do *Governo Sombra*, Carlos Vaz Marques conduz, desde 2001, também na *TSF*, o programa *Pessoal e...Transmissível*,

onde já entrevistou largas centenas de personalidades, incluindo nomes como Xanana Gusmão, Dalai Lama e José Saramago. Em termos académicos, frequentou a licenciatura de Línguas e Literaturas Modernas, variante de Português/Francês, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Antes de se dedicar ao jornalismo, desempenhou funções de professor no ensino secundário durante dois anos. Para além da atividade jornalística, também tem ligações à literatura. É diretor da edição portuguesa da revista *Granta*, uma revista literária de referência mundial, coordena a coleção de Literatura e Viagens, das edições *Tinta-da-China* e, realizou, ainda, várias traduções de obras literárias, entre elas, *Paisagens Depois da Batalha*, de Juan Goytisolo e, *O Japão É Um Lugar Estranho*, de Peter Carey. Carlos Vaz Marques venceu, em 2005, o prémio da Casa da Imprensa, como autor de rádio, pelas suas entrevistas para a TSF. Em 2009, arrecadou o prémio de Jornalismo Científico pela sua reportagem, *Dari, primata como nós* e, em 2011, o seu programa *Pessoal e... Transmissível*, foi distinguido como Melhor Programa de Rádio pela Sociedade Portuguesa de Autores.

### **3.3. Análise de conteúdo: os mais visados**

O *Governo Sombra* - tal como a maioria dos programas em que a opinião e o debate são os principais componentes - planeia e desenvolve o seu conteúdo maioritariamente de acordo com a atualidade política e social. Para compreender toda a amplitude do programa é imprescindível saber quem são as pessoas mais visadas, as estruturas mais questionadas e quais são as macrotemáticas dominantes. Tendo em vista uma análise sistematizada, foi feita a diferenciação em cada segmento, e, também, por cada elemento do *Governo Sombra*. Estes dados referem-se ao período temporal em análise, de 1 de março de 2014 a 28 de fevereiro de 2015, que se traduz num total de 46 episódios. O intervalo temporal em análise encontra-se disponível online, nomeadamente, no site da TSF e no blogue oficial do programa. Esse fácil e gratuito acesso aos conteúdos ajudou a encerrar as balizas temporais da investigação. Para períodos antecedentes seria necessário um ingresso devidamente autorizado ao arquivo da TSF ou TVI que, tendo em conta os meios disponíveis para uma dissertação de mestrado, não seria exequível em tempo útil. As datas selecionadas justificam-se, também, com a ocorrência de vários acontecimentos importantes na vida social e política portuguesa e internacional, tais como, a falência do BES, a mudança de líderes no PS, a detenção do ex-Primeiro-Ministro José Sócrates, o ataque terrorista à redação

do jornal satírico *Charlie Hebdo* ou a situação de crise económica e política vivida na Grécia.

No tema central do programa, introduzido pelo moderador, José Sócrates, Cavaco Silva e o PS foram os visados do debate por quatro vezes cada, números que se refletem em 24% na parcela total de intervenientes mencionados neste segmento. É de realçar que, apesar de serem 46 os episódios em análise, existiram programas e segmentos que abrangeram mais do que uma alusão a pessoas ou instituições, ou seja, neste caso, os 24% são extraídos de um total de 50 visados e não de 46 como poderia ser expectável. Com três menções, seguem-se o Mundial de 2014 e as Eleições Europeias. Os restantes elementos referidos mais do que uma vez foram: António Costa e António José Seguro, BES, Cristiano Ronaldo e a Grécia. Não deixa de ser curioso o surgimento de temas e personalidades alheias à esfera política, como é o caso do Mundial de Futebol de 2014 e de Cristiano Ronaldo. No entanto, o fenómeno poderá ser espontaneamente decifrado com a conjuntura e atualidade do período em análise que abarca as datas da disputa do evento - Mundial 2014 - e, também, a terceira Bola de Ouro da carreira do futebolista português.

No que diz respeito aos vídeos e aos *soundbytes* introduzidos durante o programa, é Pedro Passos Coelho quem detém a primazia das referências, oito no total, num universo de 56 elementos multimédia inseridos. Ou seja, 14,3% dos vídeos e *soundbytes* do programa, no período em análise, foram relativos ao Primeiro-Ministro português. Seguem-se Cavaco Silva, António José Seguro e o PSD com três aparições cada. François Hollande e António Costa são as restantes figuras que surgem mais do que uma vez nos vídeos expostos no *Governo Sombra*. Ao contrário do que acontece no tema central, a maior parte dos indivíduos visados neste segmento de vídeo e *soundbytes* é de origem política, não deixando espaço para que nenhuma pessoa ou estrutura estranha ao círculo da política nacional e internacional tenha hipótese de surgir em mais do que uma ocasião. Cristiano Ronaldo, Bruno de Carvalho e Jacinto Paixão - personalidades ligadas ao desporto - surgem apenas uma vez cada, o mesmo acontece com indivíduos que se distinguem noutras áreas, como por exemplo, Joana Vasconcelos, Sharon Stone ou o Papa Francisco.

É nas "Pastas Ministeriais", nos "Decretos-Lei" e nos "Estados de Espírito" que a análise ganha contornos mais dinâmicos devido ao facto dos temas se converterem em

opções individuais, consoante o perfil e a ideologia política de cada interveniente participativo no *Governo Sombra*.

No segmento das "Pastas Ministeriais", a temática preferida de João Miguel Tavares foi o BES, cinco das suas pastas foram referentes ao tema que espoletou exatamente durante o período de análise, explicando, assim, a sua importância no programa. Desde os primeiros indícios de crise, ao aumento de capital, até à demissão e acusação de Ricardo Salgado, todas estas fases cronológicas da derrocada do banco são análogas aos episódios analisados. Para além das pastas relativas ao grupo Espírito Santo, José Sócrates e António Costa surgiram por quatro vezes cada como assunto central da "Pasta Ministerial" do jornalista. As duas personalidades de esquerda foram visadas por motivos dissemelhantes, José Sócrates devido, sobretudo, à sua acusação e posterior detenção, enquanto António Costa terá sido visado, maioritariamente, devido ao processo de sucessão a António José Seguro, na liderança do PS. Por duas vezes, surgiram a crise na Grécia, Pedro Passos Coelho e o Manifesto dos 74. O Manifesto surgiu no primeiro trimestre de 2014, com o objetivo de alertar para a necessidade de reestruturar a dívida insustentável e promover o crescimento, recusando a austeridade. Auferiu de uma certa notabilidade por ter subscritores de renome de dissemelhantes quadrantes políticos, como por exemplo, Francisco Louçã, Pacheco Pereira ou Manuela Ferreira Leite. É de realçar que nas duas ocasiões que o Manifesto dos 74 foi aludido por João Miguel Tavares, foi para ser duramente criticado. Em 46 programas, os intervenientes apresentaram 44 "Pastas Ministeriais", isto porque, nos episódios de 25 de abril de 2014 e de 2 de janeiro de 2015, não existiu essa atribuição por se tratarem de episódios especiais na sua estrutura, quando comparados com os restantes. Essa situação, no caso do episódio de 25 de abril de 2014, é transversal a todos os segmentos. Ao contrário do verificado nas pastas de João Miguel Tavares, Pedro Mexia foi bastante mais diversificado e raramente repetiu protagonistas. Apenas António Costa, António José Seguro, o Syriza<sup>24</sup>, a RTP e o caso CITIUS<sup>25</sup> se repetem por duas ocasiões cada. As eleições primárias que ocorreram no PS e o aumento do poder e, posterior vitória, do Syriza nas eleições gregas, contribuíram para a repetição temática apurada. As restantes pastas de Pedro Mexia referem-se a intervenientes que surgiram apenas por uma vez neste segmento do programa. Por fim, Ricardo Araújo Pereira, também foi, ao longo do

---

<sup>24</sup> Coligação da Esquerda Radical, partido grego que está no poder desde janeiro de 2015.

<sup>25</sup> Portal online do ministério da justiça português

período de análise, elegendo o BES como assunto predileto nas suas "Pastas Ministeriais". O banco foi referido em seis ocasiões, sendo que o facto do humorista ter sido um dos visados que perdeu dinheiro com a falência do BES, poderá ter tido alguma influência nas menções. Foram aludidos, ainda, por duas vezes cada, Paulo Portas, Cavaco Silva, a Grécia e o caso dos submarinos. O BES foi o assunto com mais primazia nesta secção do programa e acabou por ser a instituição/pessoa mais referida tanto por Ricardo Araújo Pereira, como por João Miguel Tavares. Este último, comentador conotado com a direita, referiu mais assuntos e pessoas de esquerda enquanto, Ricardo Araújo Pereira, homem de esquerda, referiu mais assuntos e pessoas da direita, em ambos os casos, as referências assumiram-se em forma de crítica. Já Pedro Mexia caracteriza-se por uma postura temática mais diversificada e não tão vincada ideologicamente, no que diz respeito às "Pastas Ministeriais".

Nos "Estados de Espírito", José Sócrates foi a pessoa mais visada por João Miguel Tavares, foram quatro indicações no total, sendo três das quais após e sobre a detenção do ex-Primeiro-Ministro. Pedro Passos Coelho foi mencionado por três vezes, sendo que, em uma das ocasiões, João Miguel Tavares defendeu que não se podia culpar o Primeiro-Ministro de tudo o que corre mal em Portugal, nomeadamente no que se refere à falta de condições e recursos nas profissões liberais. António José Seguro, Cavaco Silva, o BES, a TAP, o PS, o PSD e o Tribunal Constitucional foram os restantes assuntos que se repetiram por mais do que uma ocasião, duas cada. A TAP surge como tema no programa, devido ao seu processo de privatização conturbado, que originou greves que resultaram no cancelamento de várias dezenas de voos. Já o Tribunal Constitucional é aludido, quase sempre, devido à sua intervenção de rejeição de algumas propostas governamentais consideradas inconstitucionais. Recorde-se que a legislatura - de 2011 a 2015 - liderada por Pedro Passos Coelho e Paulo Portas, foi a que possuiu mais propostas chumbadas pelo Tribunal Constitucional em toda a história democrática em Portugal. Pedro Mexia utilizou o seu espaço para referir Marinho e Pinto e assuntos relacionados com o Município de Lisboa por três vezes cada, representando uma parcela considerável dos "Estados de Espírito" do comentador. A Câmara de Lisboa foi aludida, na totalidade das ocasiões, já depois de António Costa ser candidato, e, posteriormente, líder, do Partido Socialista. Pedro Mexia adoptou uma postura crítica por considerar ter existido uma falta de escrutínio ao desempenho do ex-presidente da autarquia. Já Ricardo Araújo Pereira, referiu Cavaco Silva por três vezes,

sempre com críticas duras ao Presidente da República. Maria Luís Albuquerque, Pedro Passos Coelho, António Costa, as eleições Europeias - que dominaram a atualidade durante um período coincidente com as datas em análise - e o Governo, foram os restantes visados que surgiram por mais do que uma vez. Neste segmento, à semelhança do que aconteceu com as "Pastas Ministeriais", é possível apurar, nos perfis dos intervenientes do programa, uma correlação com as temáticas que são selecionadas para discussão. Mais uma vez, João Miguel Tavares e Pedro Mexia preferiram realçar erros e fragilidades da esquerda, enquanto Ricardo Araújo Pereira optou por indicar Cavaco Silva, sempre em tom muito crítico e irónico como iremos analisar de forma mais minuciosa noutra fase desta dissertação.

O "Decreto-Lei" de João Miguel Tavares foi muito diversificado, apenas foram repetidos assuntos acerca de António Costa, de Jorge Jesus e da Rússia, todos eles apenas por duas vezes. A Rússia surge como uma tema proeminente devido à crise com a Ucrânia e o território da Crimeia. O conflito dominou as páginas internacionais dos principais órgãos de comunicação social por algum tempo e não foi descurado no *Governo Sombra*. Pedro Mexia renova a tendência de ser o interveniente que mais diversifica nos visados e só mesmo temas referentes ao Papa Francisco chegaram a ser discutidos por mais do que uma vez. A decretar, Ricardo Araújo Pereira foi o menos original. A privatização da TAP mereceu três "Decretos-Lei". O BES, o Mundial de 2014, a Justiça, Cavaco Silva e Pedro Passos Coelho mereceram, cada um, duas referências. Verifica-se, portanto, que o "Decreto-Lei" é a parte do programa onde menos se denota uma crítica aos agentes políticos e isso deve-se, em parte, pela própria estrutura do separador. Esta é a fase mais curta do programa e tem como finalidade um comentário final de cada interveniente, não sendo sequer discutido por todo o painel, é a única fase do programa que não possui contraditório, é menos substancial e, consequentemente, menos argumentativa.

Para além dos separadores fixos existentes no *Governo Sombra*, foram anotadas, durante o período em análise, várias frases marcantes proferidas durante o programa e, também elas, usufruíram de alvos mais proeminentes e regulares consoante o seu autor.

João Miguel Tavares teve como principal alvo Cavaco Silva, no total, foram cinco as frases mais marcantes acerca do Presidente da República, que se refletem em

13,5% do universo total de frases-chave proferidas por este interveniente. Como exemplo:

A sofisticação filosófica daquela abordagem não é possível de outra maneira, ou seja, quando está com o microfone à frente, geralmente fala de papa Nestum. Para conseguir falar de coisas mais evoluídas, precisa de escrever. É normal, isso também me acontece.<sup>26</sup>

Eu simpatizo com Passos Coelho porque para o arzinho de sonso de Cavaco Silva nestas coisas, não há já pachorra. Ele já gastou os créditos de sonsice ao longo do seu mandato.<sup>27</sup>

Pedro Mexia dividiu os seus alvos de forma mais equitativa, ainda assim, António José Seguro, António Costa e temas referentes à liberdade de expressão foram os elementos mais visados nos comentários mais acutilantes de Mexia, como por exemplo, respetivamente:

Eu podia declarar aqui, por exemplo, que tenho o físico de David Beckham, mas tenho-me estado a contar durante estes anos todos para não estragar a imagem do programa. O que é que Seguro quer dizer com esteve a conter-se? Esteve a limitar-se?! Agora vai ser feroz, vai mudar de natureza?<sup>28</sup>

Na *Quadratura do Círculo* da noite eleitoral, António Costa referiu duas vezes Rui Tavares. Duas vezes! Uma vez era análise política, a segunda, já era amor.<sup>29</sup>

Se a questão da liberdade de expressão fosse a questão do bom gosto, acabava a televisão amanhã. Todas, incluindo o nosso programa.<sup>30</sup>

Por fim, Ricardo Araújo Pereira não esconde a sua posição crítica em relação a Cavaco Silva, referido por oito vezes, a Pedro Passos Coelho, referido por cinco vezes e ao Governo, referido por quatro vezes. Aqui seguem alguns exemplos:

Eu proponho descavacar. É uma espécie de desratização mas mais saudável (...) o que é incrível é pensar que esta criança é Presidente da República.<sup>31</sup>

---

<sup>26</sup> *Governo Sombra* de 14/03/2014

<sup>27</sup> *Governo Sombra* de 12/09/2014

<sup>28</sup> *Governo Sombra* de 06/06/2014

<sup>29</sup> *Governo Sombra* de 30/05/2014

<sup>30</sup> *Governo Sombra* de 09/01/2015

<sup>31</sup> *Governo Sombra* de 16/05/2014

Eu tenho cães e, às vezes, os cães desentendem-se e tal e há um, reconhecendo ao outro que aprendeu a lição, que se deita no chão, com as patas para cima. E, em vez da frase, eu preferia ter visto o Cavaco, no chão, com as patinhas para cima ao pé do presidente Alemão.<sup>32</sup>

A ideologia e a prática política de Passos Coelho não é um conto de crianças, é um filme para adultos. Infelizmente, o rabo que protagoniza esse filme é, realmente, o nosso.<sup>33</sup>

### 3.4. Análise de conteúdo: as temáticas

Tal como saber quem são os principais visados no programa, e quem são os intervenientes que os referem, conhecer quais são as temáticas mais debatidas - e por quem - também é essencial para uma definição rigorosa daquela que é a agenda e o propósito de existência do *Governo Sombra*. Para essa organização temática ser possível, foram criadas 9 macrotemáticas que abrangem, na sua grande maioria, todos os conteúdos discutidos: Política Nacional; Política Internacional; Europa; Economia; Sociedade; Liberdade de Expressão; Desporto; Cultura; Fait-Divers. Para temáticas que não se enquadrem em qualquer uma das supracitadas, e tendo em conta que não deverão ter expressão quantitativa relevante, foi criada uma macrotemática denominada de "Outros Temas". Mas, antes de apresentar as relações relativas às temáticas presentes no programa, é importante apresentar o conceito de agenda-setting, desenvolvido por Maxwell McCombs e Donald Shaw durante a campanha presidencial americana de 1968. A pertinência da teoria neste contexto deve-se à possibilidade de ser mais inteligível a compreensão de quais são os objetivos desta análise, depois de assimilar as suas principais valências. A teoria do agenda-setting descreve a capacidade que os meios de comunicação têm em influenciar os assuntos que são discutidos na esfera pública (McCombs, M & Shaw, D, 1972). Ou seja, se um determinado tipo de notícia é disseminado por mais ocasiões, ou com mais destaque, existe uma tendência natural para que as audiências assimilem o assunto como mais importante do que os restantes. Tal premissa pode, e é, aqui aplicada: quanto mais se fala de política em qualquer programa de debate e opinião, ou nos telejornais da televisão portuguesa, mais importância terá a política para as audiências de ambos os programas. A teoria do

---

<sup>32</sup> *Governo Sombra* de 27/06/2014

<sup>33</sup> *Governo Sombra* de 30/01/2015

agenda-setting é, então, essencial, para apreender qual é a agenda seguida no *Governo Sombra* em termos de número de incidências nas diversas fases do mesmo.

No tema central do *Governo Sombra*, são as matérias referentes à política nacional que detém primazia. Exatamente metade dos temas introduzidos por Carlos Vaz Marques são inseridos nessa macrotemática. O resto dos temas surgem com valores muito similares, sendo que a Cultura e os fait-divers não aparecem em nenhuma ocasião neste segmento<sup>34</sup>.

Os conteúdos referentes à política nacional também dominam os vídeos e soundbytes presentes no programa, sendo que conservam ainda maior expressão do que no tema central. Quarenta dos elementos apresentados neste segmento são alusivos ao contexto nacional da vida política. As temáticas sociais surgem em segundo lugar na lista, mas com uma expressão muito inferior, sendo mencionadas apenas em sete ocasiões. Não existe qualquer conteúdo sobre a Europa, sobre cultura e sobre Fait-Divers, sendo que também não foi necessário aplicar a categoria dedicada a outros temas<sup>35</sup>.

Nos três segmentos geridos pelas vontades e perfis de cada um dos intervenientes deverá ser possível, com esta análise, perceber a tendência de cada elemento, bem como a propensão temática de cada separador do *Governo Sombra*. Entre "Pastas Ministeriais", "Estados de Espírito" e "Decretos-Lei", vamos tentar perceber as disparidades e as similaridades que são merecedoras de destaque.

Exatamente metade das "Pastas Ministeriais" de João Miguel Tavares foram dedicadas à política nacional, sendo a outra metade dividida entre política internacional, sociedade, liberdade de expressão, desporto e, sobretudo, economia. No caso de Pedro Mexia, a seleção de temas relativos à política nacional também é a temática dominante, sendo referida em 20 ocasiões. A política internacional surge de seguida com 12 alusões, colocando as restantes - sociedade, desporto, fait-divers, liberdade de expressão e economia - fragmentadas com expressões muito reduzidas. Ricardo Araújo Pereira também concede primazia à política nacional nesta fase do programa, com 18 dos seus temas a incidirem nessa macrotemática. A economia - por 11 vezes - e a sociedade - por 8 ocasiões - são os outros conjuntos com enunciações de realce. É notório que as

---

<sup>34</sup> Ver tabela 5 nos Anexos

<sup>35</sup> Ver tabela 6 nos Anexos

"Pastas Ministeriais", tal como o nome indica, são dominadas por temas políticos e que é, principalmente, a realidade nacional que está na agenda do *Governo Sombra*.

Nos "Estados de Espírito" a tendência temática maioritária mantém-se. João Tavares ocupou por 27 vezes o seu espaço neste segmento - no período em análise - com assuntos de política nacional. Os temas relacionados com sociedade destacam-se de seguida, ainda que ligeiramente, com 7 referências, sendo a restante quantidade menos expressiva e distribuída pelas restantes macrotemáticas. Pedro Mexia reservou, durante o mesmo período, 21 dos seus "Estados de Espírito" para a política nacional. No entanto, há a destacar que é o elemento do *Governo Sombra* que mais insiste em assuntos internacionais, neste segmento, registaram 9 ocorrências. Por fim, Ricardo Araújo Pereira não se diferencia na supremacia da política nacional, já que metade dos seus temas, inseridos nesta fase, foram relativos a essa macrotemática. O humorista foi quem mais privilegiou temas relativos à economia, surgindo no debate em 7 momentos.

O "Decreto-Lei" vem confirmar a tendência verificada nos dois primeiros segmentos observados: A política nacional domina em todas as fases do programa e é, unanimemente, a macrotemática mais escolhida pelos três intervenientes. João Miguel Tavares dedicou-lhe 17 dos seus decretos aplicados durante o período de análise, Pedro Mexia e Ricardo Araújo Pereira dedicaram-lhe 16. As dissemelhanças entre intervenientes assentam-se nas segundas preferências. João Miguel Tavares envolveu a sociedade em 8 ocasiões, não sendo, esse facto, surpreendente, uma vez que o jornalista já ocupou o cargo de editor de sociedade no *Diário de Notícias*. Pedro Mexia continua a destacar temas internacionais, destacando-os por 12 vezes e, finalmente, Ricardo Araújo Pereira fica-se, também, pela sociedade como segunda preferência, com 7 dos seus decretos a serem-lhe dedicados.

Nas frases consideradas mais marcantes do *Governo Sombra*, pelos critérios de humor, sátira, crítica acutilante e reflexão acerca de temas como os limites do humor e da liberdade de expressão, também é possível verificar algumas tendências similares às supramencionadas nos três separadores fixos do programa. Neste caso particular, e ao contrário do que aconteceu nos segmentos anteriores, o universo total não é idêntico nos vários intervenientes, sendo que Ricardo Araújo Pereira detém um total de 64 frases-chave, Pedro Mexia possui 40 e João Miguel Tavares fica-se pelas 36. É pelo jornalista,

João Miguel Tavares, que se começa a perceber que a política nacional continua a ser o principal componente temático do programa, metade das suas frases enquadram-se nessa macrotemática. Numa segunda linha de destaque, encontramos uma curiosidade, que são os "Outros Temas" com uma expressão de 19,4%. Na sua maioria, os outros temas referem-se a piadas referindo-se ao seu colega de painel, Ricardo Araújo Pereira.

É uma boa notícia mas, por exemplo, se calhar, o Ricardo Araújo Pereira para dizer 'é uma boa notícia' precisava de um supositório de haxixe, porque ele, no seu estado normal, não conseguiria dizer uma coisa dessas.<sup>36</sup>

Pedro Mexia dedica metade das suas frases-chave aos assuntos sobre política de âmbito nacional. Uma grande parcela da sátira e humor político produzida pelo intelectual tem elementos de esquerda como alvos.

O que sabemos agora sobre Seguro é que é um homem que tem a ferocidade, é um animal feroz, mas o animal é o Calimero. (...) É um Calimero furibundo.<sup>37</sup>

Se Guterres não quiser, o próprio Marafona<sup>38</sup> pode ter hipóteses, porque o PS está desesperado à procura de um candidato.<sup>39</sup>

As frases-chave de Ricardo Araújo Pereira correlacionadas com a política nacional surgem em maior número, quando comparadas com as dos restantes intervenientes, são 39 e correspondem a mais de metade das frases do humorista. No entanto, Ricardo Araújo Pereira destaca-se pela incidência em temas sociais - com 7 frases dedicadas - e, ao contrário dos restantes membros de painel, apenas proferiu duas frases fora de qualquer contexto temático. As suas críticas, em posição ao que acontece com Pedro Mexia, são, maioritariamente, direccionadas a políticas e elementos de direita.

Este pedido do manifesto dos 70, para que o Governo seja um pouco mais duro com os credores, para que seja mais ativo relativamente aos credores e queira reestruturar dívidas, é um pedido que o Governo não merece. Porque o Governo faz, de facto, isto a credores, ele tentou reestruturar a dívida que tem com os funcionários públicos, o dinheiro que deve aos pensionistas, portanto, o Governo é duro com os credores, nós é que somos os credores errados.<sup>40</sup>

---

<sup>36</sup> *Governo Sombra* de 13/02/2015

<sup>37</sup> *Governo Sombra* de 26/09/2014

<sup>38</sup> Guarda-Redes de futebol

<sup>39</sup> *Governo Sombra* de 20/02/2015

<sup>40</sup> *Governo Sombra* de 14/03/2014

O Primeiro-Ministro disse que o Governo se esforçou para que, com o impacto da crise, não se lixasse o mexilhão. Tendo em conta aquilo que aconteceu nos últimos três anos, é não conhecer o marisco, dizer que o mexilhão não se lixou.<sup>41</sup>

Apesar de não se possuírem dados suficientes para uma análise quantitativa similar à dos restantes intervenientes do *Governo Sombra*, Carlos Vaz Marques, no papel de moderador, também consumou algumas frases merecedoras de registo, nomeadamente, devido à sua carga simbólica e satírica. O jornalista contribui, amiúde, para a contextualização do debate e, esporadicamente, adiciona a componente humorística na interação com os colegas de painel.

Foi Portugal que esteve mal ou foram os alemães que jogaram acima das nossas possibilidades?!<sup>42</sup>

Um dos casos desta semana foi a divisão entre banco bom e banco mau, ou banco bom e banco novo, o das borboletas.(...) Sim, é porque aquilo é o dinheiro a voar.<sup>43</sup>

A partir da investigação quantitativa conduzida, é possível concluir que a agenda do *Governo Sombra* está marcada por acontecimentos de política nacional, seguindo a sua agenda mediática. Todos os segmentos do programa, sem exceção, dependendo, ou não, do perfil de cada interveniente, mostraram, durante todo o período em análise, um domínio vincado dos assuntos sobre política interna. Essa predominância confere uma maior necessidade de análise aos temas que surgem posteriormente, com uma percentagem e reincidência menor mas, ainda assim, relevante e conclusiva. João Miguel Tavares privilegia os temas associados à sociedade, a sua experiência jornalística nesse universo pode ajudar a explicar essa opção. Pedro Mexia revela uma certa tendência para os temas ligados à política internacional e, por fim, Ricardo Araújo Pereira, oscila entre os temas sociais e os temas económicos, sendo que, no último caso, os números são influenciados devido ao tema da rutura do banco BES.

## Capítulo IV - Estudos de caso

### 4.1. Análise do Discurso

---

<sup>41</sup> *Governo Sombra* de 12/12/2014

<sup>42</sup> *Governo Sombra* de 20/06/2014

<sup>43</sup> *Governo Sombra* de 05/09/2014

Foram selecionados os casos de José Sócrates e do *Charlie Hebdo* para serem analisados tendo em conta o discurso utilizado e o conteúdo emitido no *Governo Sombra*. Ambos serão abordados tendo em conta algumas valências da Análise Crítica do Discurso e serão fundamentados com alguns autores de referência nesse âmbito. Nesta dissertação, será utilizada a definição de Canale (1983:9), que considera que o discurso é o conhecimento de como aplicar e combinar formas gramaticais e significados para produzir um texto unificado, falado ou escrito, em diferentes géneros. A Análise Crítica do Discurso opera com uma abordagem em que o contexto é uma dimensão fundamental, e onde o sujeito constrói os processos discursivos a partir da sua natureza de ator ideológico. Será privilegiada a linguística crítica e social, em detrimento da linguística autónoma que se refere à semântica, sintaxe e morfologia. Essa opção é alinhada com os objetivos da análise e congrega as ideias de Norman Fairclough (1989), um crítico da linguagem autónoma, pelo facto de a considerar um modo não social de estudar a linguagem, uma fórmula que não tem nada a dizer sobre as relações entre linguagem, o poder e a ideologia. Para o autor, “o discurso como prática ideológica constitui, naturaliza, mantém e transforma os significados do mundo de diversas posições nas relações de poder” (Fairclough, 1989:94). As práticas discursivas têm, quase sempre, efeitos e motivações ideológicas. Ou seja, podem ajudar a produzir e reproduzir relações de poder desiguais, como por exemplo, entre classes sociais, entre mulheres e homens, entre maiorias e minorias culturais ou étnicas. Nesse âmbito, a ideologia exerce um papel importante nas relações de poder que se estabelecem durante as práticas discursivas. Na linguagem de sátira política, a ideologia é totalmente relevante à investigação, uma vez que o discurso se pode posicionar numa lógica de inversão de poderes, onde os intervenientes do programa colocam os atores políticos - que detêm, em geral, o poder - num patamar comum ao seu e ao das audiências, ou até em posições de domínio inferiores, invertendo as relações pelas quais a sociedade normalmente se rege. Deste modo, pretende-se desconstruir algumas práticas discursivas e tornar visível o que antes pode ter sido invisível e, aparentemente, natural. Pretende-se, também, demonstrar que as práticas linguístico-discursivas presentes no programa ajudam a satirizar as estruturas enraizadas, sobretudo as do poder e da dominação social e política.

Em síntese, a Análise Crítica do Discurso que considera a linguagem como uma prática social e descodifica as ideologias do discurso (Fairclough, 1989:20) é

fundamental para esta tipologia de trabalho onde, para isso, foram estudadas, esquematizadas e organizadas algumas passagens discursivas proeminentes ao longo do tratamento dos casos em análise, no *Governo Sombra*. O mesmo autor sublinha, também, que a Análise Crítica do Discurso requer multidisciplinaridade, ou seja, para além da desconstrução do texto, usa conhecimentos mais vastos que possam explicar o discurso que é objeto de análise.

#### 4.2. Caso 1: José Sócrates

José Sócrates foi uma das personalidades políticas mais visadas no *Governo Sombra*, entre março de 2014 e o final de fevereiro de 2015. As menções ao ex-primeiro-ministro surgiram, quase sempre, acompanhadas de acontecimentos que marcaram a atualidade noticiosa em Portugal e de casos com alguma projeção mediática e relevância social e política. A sua detenção, no dia 21 de novembro de 2014 é, naturalmente, o expoente máximo dos debates e conversas acerca de José Sócrates no programa, uma vez que representou o marco de ser a primeira vez na história da democracia portuguesa que um ex-primeiro-ministro foi detido para interrogatório judicial. Posteriormente, sobreveio a prisão preventiva, decisão que desencadeou inúmeras questões, nomeadamente, sobre a presunção de inocência, culpabilidade, falhas judiciais, violações ao segredo de justiça, contornos políticos, entre outras. Apesar desses dois momentos - detenção e prisão preventiva - serem primordiais, no que diz respeito ao caso, Sócrates sobrevém no discurso do programa bem antes desses acontecimentos. Surge, especificamente, quando se evidencia, de sua parte, uma aproximação à vida política do Partido Socialista e, conseqüentemente, quando apoia e participa diretamente na campanha eleitoral para as eleições europeias de 2014. Adotando uma lógica cronológica, é desde aí que se inicia a análise.

No dia 14 de março de 2014, José Sócrates surge no 'Estado de Espírito' de Pedro Mexia, com a denominação, "Pós-Socrático". A justificação do tema dada pelo interveniente é explícita na seguinte declaração: "**Sócrates voltou, como nunca se foi embora, e nunca teve a intenção de se ir embora.**" Entre críticas pessoais e elogios profissionais, desenvolveu o tema dizendo, "**(...) ao contrário do que o ódio a Sócrates leva as pessoas a dizer, Sócrates é um bom político, não no sentido do legado que eles nos deixou, que eu acho que é francamente negativo, não do ponto de vista da sua personalidade que a mim não me agrada particularmente, não**

**tenho especial simpatia por coléricos, mas é uma pessoa que tem, digamos, aquela ferocidade. Comparado com o atual líder, é uma figura bastante mais temível no combate político."** Desde logo se denota a dimensão opinativa do programa, com Pedro Mexia a desenvolver a sua posição acerca da pessoa de José Sócrates e do seu trabalho enquanto político. Com a adjetivação perceptível na palavra "coléricos", existe uma personalização do conteúdo. Isto é, o ex-primeiro-ministro foi, neste caso particular, criticado por uma característica pessoal - do ponto de vista do interveniente que produziu essa adjetivação - e não por qualquer decisão ou função errada que poderá ter realizado enquanto Primeiro-Ministro, pelo menos, não de forma específica, ficando-se tudo por uma generalização de opinião. A retórica nunca é apenas conversa e existe retórica no *Governo Sombra*. John Richardson (2006:186) define-a como uma linguagem política desenhada com a capacidade de formar as decisões, crenças e comportamentos do público. Para além disso, usa os modos de prova Aristotélicos<sup>44</sup> com suporte para análise discursiva. Seguindo o exemplo do autor supracitado, o excerto de discurso de Pedro Mexia, utiliza claramente o *ethos*, ao referir-se ao carácter de José Sócrates várias vezes, e até mesmo à sua reputação enquanto pessoa e político. Ainda que a intenção do programa não seja formar crenças e moldar comportamentos, o seu discurso não pode ser desprovido de significação desta tipologia, porque existem relações de poder entre os intervenientes e os telespectadores, em que os últimos têm os primeiros como alguém capacitado para desenvolver opiniões em torno de determinados assuntos. Se é essa capacidade ou a sátira associada que constrói audiências, não sabemos e ficará, quem sabe, para futuras investigações.

Depois da alusão inaugural, José Sócrates volta a ser tema no programa de dia 21 de março de 2014, com a "Pasta Ministerial" de João Miguel Tavares de "Gestão da Dívida". O mote para a referência foi o Manifesto dos 74, um grupo de personalidades de várias áreas políticas, económicas e sociais, que se juntou para apoiar a necessidade de "reestruturar a dívida insustentável e promover o crescimento, recusando a austeridade."<sup>45</sup> Entre os que assinaram o manifesto, estão Bagão Félix, Manuela Ferreira Leite e Francisco Louçã. A menção a Sócrates chega a meio do debate sobre as pessoas que declararam que também teriam assinado o manifesto, caso tivessem sido abordadas

---

<sup>44</sup> Logos, Ethos e Pathos. Logos direciona o ouvinte ou leitor com base no recurso à razão, a um bom argumento para apoiar uma conclusão, Ethos refere-se ao carácter, à reputação e à autoridade e Pathos, apela à emoção para tornar a audiência mais receptiva a uma conclusão.

<sup>45</sup> Site oficial: <http://www.manifesto74.com/>

ou convidadas, algo que o ex-primeiro-ministro disse que faria. O moderador, Carlos Vaz Marques questiona, **"Qual é o problema de Sócrates ter dito que assinaria o manifesto?"** ao que João Miguel Tavares retorque, **"Nenhum. Nenhum mas, eu acho que melhor do que dizer, é mostrar. Porque ele, em 2011, dizia umas coisas, ligeiramente diferentes."** Assim foi desferido o mote para a delação de uma incongruência política, ao mesmo tempo que se revela denotativo o facto do programa ter um guião previamente estruturado. Isto porque foi lançado um vídeo de José Sócrates em debate com Francisco Louçã, a defender algo completamente oposto do que é defendido no manifesto que o próprio disse, quatro anos depois, que assinaria. No vídeo, assiste-se à argumentação de Sócrates:

Vamos ao essencial da sua proposta, o que é que Francisco Louçã propõe para resolver o problema. Diz assim: vamos reestruturar a dívida. O que é que significa reestruturar a dívida?! Reestruturar a dívida é um termo técnico, isto significa não pagar para da nossa dívida, isso seria absolutamente trágico para o país. Isso significaria calote para os credores. Isso significa, em primeiro lugar, Portugal passar imediatamente a fazer parte do lote de países que não cumprem. Da lista negra. Isso significaria, desde logo, o colapso no sistema financeiro (...) isso traria consequências gravíssimas na nossa economia, nas empresas e nos trabalhadores. Pagaríamos isso com desemprego, com falências e com miséria, Francisco Louçã. É por isso que essa proposta é absolutamente irresponsável. (José Sócrates em debate com Francisco Louçã para as Legislativas de 2011)

Carlos Vaz Marques finaliza a observação de incongruência política ao lançar a seguinte questão, após o vídeo: **"José Sócrates, veemente, na recusa de uma reestruturação da dívida, dum calote, isto era em 2011. Será que Sócrates, que agora apoiaria e subscreveria, este manifesto de reestruturação da dívida, se esqueceu do que disse?"** A sátira cumpre aqui o seu papel - de forma premeditada, ou não - de *watchdog*, uma vez que alerta para incoerências e, até, para perigos políticos, ao mesmo tempo que faz rir com a ridicularização de situações que são, em primeira instância, sisudas. Ricardo Araújo Pereira é, comumente, o elemento que mais recorre ao humor e, ainda na sequência da mudança de opinião entre José Sócrates Primeiro-Ministro e, mais tarde, no papel de comentador, afirmou: **"Atenção, José Sócrates perdeu estas eleições, foi provavelmente por defender coisas deste tipo. E mais, o José Sócrates perigoso é o Primeiro-Ministro, o José Sócrates comentador não faz mal a ninguém. O comentador que subscreve este manifesto não causa mal nenhum ao país. Agora o Primeiro-Ministro que é contra reestruturações de dívida, deixou o país no estado em que nós vimos."**

O dia 28 de março de 2014 é a data do último programa que mencionou Sócrates, antes da sua detenção e, posterior, prisão preventiva. O assunto surgiu no "Estado de Espírito" de João Miguel Tavares, denominado de "Mauzão" e sobreveio depois do espaço de opinião do político, na RTP, se ter transformado, por intermédio de José Rodrigues dos Santos, numa entrevista de índole confrontadora. Entre opiniões sobre a legitimidade, ou não, da atitude que o jornalista perfilhou, houve espaço para sátira, humor e opinião no *Governo Sombra*. O principal destaque está presente desde logo na introdução do tema pelo moderador, com a questão: **"Tem dentro de si também um animal feroz, João Miguel Tavares?"** O termo "animal feroz" procede a uma caricatura a José Sócrates, devido à sua personalidade política, que lhe valeu a atribuição do termo em praça pública. Ao dizer "animal feroz", é expectável que a audiência compreenda de imediato, por associação, de que se vai falar de José Sócrates. A metáfora utilizada dá fluidez ao guião e enriquece a discussão.

É no dia 28 de novembro de 2014, que se enceta a saga judicial de José Sócrates e a sua respetiva análise no *Governo Sombra*. O episódio foi, quase na íntegra, dedicado a esse tema, com todas as "Pastas Ministeriais" e com o "Estado de Espírito" de João Miguel Tavares a incidirem em várias valências da questão central. Ricardo Araújo Pereira aborda, desde logo, o tema com o humor que lhe é característico, **"Comecei a ouvir dizer coisas e as coisas eram de sentido inverso. Prenderam o Messias! Ai ai ai, ai ai ai, prenderam o Messias! Por outro lado era, ui ui ui prenderam o Anticristo! E eu fiquei sem saber o que dizer porque não estou habituado a comentar casos judiciais, nem com o Messias, nem com o Anticristo. Fui ver, o que é que sucedeu? Era o Sócrates. Então, não tinham prendido nem o Anticristo, nem o Messias. Tinham prendido... Como é que eu digo? Uma pessoa."** O humorista utiliza as figuras de Messias e de Anticristo para vincar - quanto à lexicalização do discurso - a dicotomia existente entre os apoiantes e seguidores de Sócrates e os seus críticos e opositores. Não só ridiculariza essa mesma dicotomia excessivamente polarizada, como a consegue fazer com humor, ironia e utilizando intertextualidades religiosas. As interjeições utilizadas de forma duplicada dão ênfase ao discurso e mantêm o distanciamento do interlocutor em relação ao que está a referir, visto que não se revê em nenhuma das fações. Com a continuidade do debate a desbravar trilhos mais específicos do caso, o moderador lança a "Pasta Ministerial" de João Miguel Tavares, com a seguinte frase introdutória: **"Agora, o João Miguel Tavares quer ser o**

**Ministro dos Almoços, mas não é para discutir o menu do estabelecimento prisional de Évora.”** A analogia entre o nome do ministério fictício – que cria, só por si, uma paródia ao sistema governativo organizado em ministérios – e o menu alimentar da prisão onde José Sócrates estava detido, é o mote para uma crítica acutilante do interveniente à forma como a comunicação social abordou o caso. **“(…) embora com a boa comunicação social que nós temos, já soubemos qual é todo o menu que José Sócrates anda a consumir e que até no primeiro dia terá comido cozido à portuguesa. Não sei é se tem direito a tudo: farinheira, orelha de porco.”** A frase final, onde se interroga sobre os eventuais ingredientes do cozido, está suportada por uma ironia crítica à cobertura mediática do caso e aos seus pseudoacontecimentos sucessivos e relacionados. O conceito de acontecimento mediático conduz a discussão até aos possíveis pseudoacontecimentos (Boorstin, 1961), que têm como ilustração perfeita as conferências de imprensa, as entrevistas programadas para fins de mediatização ou questões irrelevantes com o pretexto de se continuar a falar de determinado caso, para, no fundo, não sair da agenda. O estudo iniciado por Daniel Dayan e Elihu Katz, acaba por ser estrutural para a análise, devido à noção destes serem acontecimentos “concebidos para a televisão, ou seja, os Media são chamados ou pedem para fazer a cobertura” (1999:21).

No mesmo episódio, João Miguel Tavares ficou à margem de Pedro Mexia e Ricardo Araújo Pereira, no que diz respeito à opinião sobre o conceito - e ramificações associadas - de presunção de inocência. O primeiro sublinha que tem o direito a achar, mesmo respeitando essa presunção, enquanto, os restantes, adotaram uma postura mais cautelosa, ao dizer repetidamente ao longo do programa “não sei”. Sobre esta questão, há uma passagem meritória de ser referenciada:

**João Miguel Tavares - Eu também não sei, mas acho!**

**Ricardo Araújo Pereira - Tu tens uma fezada, João Miguel?**

**João Miguel Tavares - Eu e qualquer português.**

Neste excerto denota-se mais uma das principais disparidades entre o discurso presente no *Governo Sombra* e o discurso jornalístico tradicional. Nomeadamente, a opinião declarada com que a sátira opera, tentando encontrar padrões partilhados entre o interlocutor e as audiências para que seja apreendida. Essa noção está patente na frase “Eu e qualquer português”, sendo que, paradoxalmente, a declaração só faz sentido para

quem partilha da mesma opinião que o interveniente que a proferiu. Alguns dos telespectadores procuram, tanto nos órgãos de comunicação social, como nos programas de entretenimento televisivo, bens simbólicos e unificadores, ou seja, o que antes eram chamados de heróis e que, hoje, são celebridades (Hobbes, 1998:106-112). A referência está relacionada com a noção de liderança e, nesse sentido, podemos nos interrogar sobre quem são esses líderes no *Governo Sombra*. Ricardo Araújo Pereira? João Miguel Tavares? Pedro Mexia? A polifonia de vozes poderá ser uma falsa amiga do esclarecimento, mas o que está em causa no programa não é a informação crua, é o humor, a sátira – com intenção moral associada –, o entretenimento com elementos maioritariamente políticos, sociais e económicos. A diferença do género não deverá descurar a responsabilidade social associada às opiniões dos intervenientes, ao mesmo tempo que deve ser revisto o conceito de *politainment* (Thussu 2007:171-214). Ou seja, o conceito de política como entretenimento, mesmo que esse entretenimento seja, por vezes, sério e opinativo, como é o caso.

Ainda na senda da discussão da presunção de inocência, a dinâmica de confrontação de ideias no programa desponta. Pedro Mexia utiliza a ironia para ridicularizar os argumentos do colega de painel, João Miguel Tavares, como é visível no seguinte excerto, **"Há uma grande diferença entre o juiz Carlos Alexandre e João Miguel Tavares. Carlos Alexandre decretou a especial complexidade do processo, é uma coisa muito complexa, tem de se analisar tudo. João Miguel Tavares, já sabe! Tu decretaste a especial simplicidade do processo. Eu não sei o que fez Sócrates, não sei o que fez Duarte Lima, não sei o que aconteceu à Maddie, não sei!"**. Mais uma vez, Pedro Mexia utiliza o *ethos* Aristotélico ao aludir à reputação e estatuto do juiz Carlos Alexandre para validar o seu argumento. Ricardo Araújo Pereira interage, pouco depois, outorgando a ideia de que, da mesma forma que se suspeita de Sócrates, também se deve suspeitar de outros políticos: **"O Zé Manuel Fernandes no *Observador* escreveu um texto a dizer que já é altura de nos curarmos do Sócratismo. É o que tu dizes, esta acumulação de casos e tal, se calhar já é altura... Ele podia escrever exatamente a mesma coisa com o título: já é altura de nos curarmos do Paulo Portismo, do Passos Coelhoismo, do Relvismo, até do Passos Coelhoismo é possível. Do Cavaquismo... ui do Cavaquismo."** O humorista apoia-se nas interjeições e numa linguagem corporal expressiva - mais do que qualquer outro

interveniente - para acentuar as duas insinuações e tiradas humorísticas, possuindo elas intenções moralistas ou não.

Ainda no mesmo episódio, de dia 28 de novembro de 2014, a discussão prolongou-se até à postura do secretário-geral do PS - António Costa - sobre o caso, e até às visitas que o ex-primeiro-ministro recebera, até então, na prisão. Ou seja, todos os pontos de maior interesse noticioso e político que advieram ao longo da semana, usufruíram no *Governo Sombra*, de espaço para serem dissecados, resumidos e analisados. Carlos Vaz Marques desferiu a seguinte questão: **"Em contraponto às cautelas de António Costa, Mário Soares foi a Évora declarar que José Sócrates não é um político preso, mas, um preso político. A questão é: consegue imaginar como é que António Costa terá reagido ao ouvir aquelas declarações?"**. É necessário salientar que esta, e quase todas as outras perguntas provenientes do moderador, podem ser consideradas simples auxílios para o desenrolar da conversa, uma vez que não são improvisadas e fluidas no meio do discurso, mas sim previamente elaboradas. No entanto, para demonstrar que o exagero - elemento essencial da sátira - também está presente no *Governo Sombra*, a resposta de Ricardo Araújo Pereira é uma ilustração adequada: **"Sim, consigo. Consigo e gostava de lhe levar uma caixa de lenços de papel para enxugar as lágrimas."** Logo após a utilização do exagero, a ironia mantém-se no discurso do humorista, ao dizer **"O MRPP, de quem se espera alguma sensatez, escreveu um comunicado a dizer: a contra-revolução está em marcha! Mas, prenderam algum revolucionário? Foi o Che Guevara ou foi o Sócrates?"**. Isto porque, o partido MRPP costuma ser conotado a algum extremismo ideológico e, como tal, sensatez é um antónimo do que esperará dessa força política aqui satirizada. Isso acontece ao mesmo tempo que a posição do partido em relação ao caso Sócrates é escarnecida, quando o interveniente utiliza a comparação com a personalidade Che Guevara para denunciar o que considera como ridículo.

No mesmo sentido da dicotomia "Messias" vs. "Anticristo" que foi supradita, Pedro Mexia sublinha-a com outras palavras: **"Há duas tribos, há a tribo da cabala e a tribo do aleluia."** Sendo a cabala referente aos que consideram a detenção de Sócrates injusta, um caso político e sem fundamento judicial e, por outro lado, sendo a tribo do aleluia referente aos que já almejavam que algo tivesse acontecido há mais tempo. João Miguel Tavares insurge-se e procede, uma vez mais, a uma manifestação da sua postura antagónica no que diz respeito ao ex-primeiro-ministro: **"Eu faço de**

**facto parte, com orgulho, da tribo dos obcecados, da tribo que ao longo de muitos anos foi dizendo: José Sócrates não se parece com nada que nós já tenhamos visto na nossa democracia e fez pior a este país do que qualquer coisa que eu tenha visto desde o PREC."** A sátira deste interveniente - o único jornalista do painel, à exceção do moderador - não é, necessariamente humorística, mas tem como base uma clara intenção moral e social. O seu discurso hegemónico é sucessivamente contra Sócrates e a favor da sua detenção.

No dia 5 de dezembro de 2014, José Sócrates voltou a ser comentado. Tanto por intermédio do tema central da semana, que foi a recusa por parte do Tribunal de um Habeas Corpus elaborado por um cidadão, como, também, devido à "Pasta Ministerial" de João Miguel Tavares, denominada das "Visitas". A pasta propendeu para o debate sobre as várias personalidades políticas do PS que visitavam Sócrates dia após dia, gerando à sua volta um enorme circo mediático, com vários jornalistas alocados à porta do Estabelecimento Prisional de Évora para entrevistar e gerar uma polifonia de vozes opinativas acerca do tema. Ricardo Araújo Pereira satirizou a matéria ao aproveitar para mencionar Carlos Santos Silva - o empresário e amigo de José Sócrates que lhe terá emprestado dinheiro quando este foi viver para Paris. **"Mas, em relação a estas visitas, eu respeito pessoas que vão visitar. Se um amigo meu for preso, eu também o vou visitar. Agora eu suspeito é que estão a visitar o amigo errado, porque se é para visitar um amigo a sério... eu vou visitar o Carlos Santos Silva! Esse é que é um amigo! Um amigo que... ouve lá, vais para Paris?! Toma lá uma casa de 2,8 milhões!"** Esta hibridez de temas e transitividade de discurso é uma das principais singularidades do *Governo Sombra*, tornando-o distinto de um programa de opinião política de conteúdo mais denso. Repare-se que o humorista conseguiu - aqui e em muitas outras ocasiões - anotar o ridículo de uma situação, no meio do debate sobre um tema de atualidade. A ridicularização aqui presente é a de um amigo emprestar 2,8 milhões e uma casa, e, o tema de atualidade são as visitas que Sócrates tem vindo a receber. A possibilidade de desvio torna o léxico mais rico e mais imprevisível, causando o elemento surpresa que é essencial para o humor funcionar, despoletar o riso e, conseqüentemente, trazer prazer ao telespectador, que poderá ser um dos aspetos basilares para desenvolver o público-alvo específico que elege o *Governo Sombra* como programa de preferência, em detrimento de outros com um discurso mais sério, mais fixo e menos transitivo no que diz respeito a deixar opções em aberto e a suprimir

algumas possibilidades, muitas vezes de forma consciente. As escolhas que se compõem no *Governo Sombra* partem de quatro pontos de vista, que podem ser ideologicamente relevantes.

O dia 12 de dezembro de 2014 regista o terceiro episódio consecutivo com referências a José Sócrates. Mais uma vez é João Miguel Tavares que inicia esse debate, com a sua "Pasta Ministerial" do "Habeas Corpus". Ainda que as opiniões políticas do interveniente sejam, em geral, opostas às de José Sócrates e que este seja o seu principal alvo em termos de quantidade de menções, não é correto que a conotação - negativa, neste caso - das referências sejam atribuídas exclusivamente ao seu interlocutor. Elas acontecem porque o programa fala dos temas que marcam a atualidade. Se não fosse João Miguel Tavares, seria, provavelmente, outro elemento a fazê-las, se não fosse na "Pasta Ministerial", seria noutro segmento. Nesta altura, com estes acontecimentos, falar de Sócrates era inevitável, tanto nos telejornais, como nos jornais e, em última instância, nos programas de debate político.

**Carlos Vaz Marques - O João Miguel Tavares vai ser, desta vez, ministro do Habeas Corpus. Quer o corpo de quem?**

**João Miguel Tavares - Eu quero o corpo de imensa gente mas, geralmente, não tenho sorte nenhuma.**

**Ricardo Araújo Pereira - Nunca os habeas de ter.**

**João Miguel Tavares - Bom, mas não sou só eu que tenho azar com os habeas corpus. Sou eu e José Sócrates.**

A passagem discursiva supramencionada, é um adágio da presença de humor sem necessitar de estar adjacente a significados semiológicos políticos. É entretenimento para, depois, passar a ser informação, para se mesclar com infotainment e tornar-se, posteriormente, num debate sério. É tudo isto, sem estar catalogado apenas numa parcela. O tema é Sócrates, que é atualidade política e social. O assunto é tratado, neste excerto, com humor que não só informa mas entretém, confere uma leveza antecedente aos factos. Sendo os factos, evidenciados de seguida por João Miguel Tavares, o perfil dos cidadãos que elaboraram Habeas Corpus com o objetivo de retirar José Sócrates da prisão:

Mas então, só para fazer um resumo, não sei se as pessoas lá em casa têm acompanhado isto com o devido interesse. O primeiro é um jurista de Vila Nova

de Gaia, o primeiro Habeas Corpus. Que há sete anos tinha-se barricado na Universidade Lusíada e regou os sofás com gasolina e prometia emular-se pelo fogo. O segundo era um professor de Penafiel, simpatizante do movimento anarquista, que apresentou o pedido numa fotocópia do *Jornal de Notícias*. E o terceiro, agora o último, que ainda não foi decidido, é um comerciante de sucata de Famalicão, condenado por violência doméstica e também já teve umas atribulações com Manuel Godinho do *Face Oculta*. E eu penso, epa, até José Sócrates merece melhor do que isto. (João Miguel Tavares, Episódio de 12/12/2014)

Assim se fica com informação acerca dos protagonistas dos três Habeas Corpus, ao mesmo tempo, que com a frase "até José Sócrates merece melhor do que isto", o ex-primeiro-ministro é vítima de humor assente na teoria da superioridade, ficando relegado para um estatuto diminuído.

O quarto episódio ininterrupto com alusões a Sócrates, teve lugar no dia 19 de dezembro de 2014. Desta vez, foi no tema central do programa que se desprende a questão do recluso ter ficado impedido de dar entrevistas na prisão. Existiu consenso, entre os intervenientes, sobre a notícia, uma vez que os três concordaram que poderá ter sido uma medida algo exagerada mas, simultaneamente, frisaram que é diferente ficar impedido de dar entrevistas na prisão, do que a partir da prisão. No entanto, Ricardo Araújo Pereira protagonizou a passagem mais acintosa do episódio: "**Tendo em conta o tipo de pessoas que estão a ser presas, fica a nota, para as prisões, talvez um estúdio não seja má ideia, ao lado da lavandaria, um estúdio. Quem o podia fazer, sabes quem era? O Grupo Lena. Ah, se calhar é melhor não.**" É necessário salientar que o Grupo Lena foi, até 2009, administrado por Carlos Santos Silva, o amigo que emprestou dinheiro a José Sócrates, com a agravante de ter consumado vários contratos estatais durante o período em que o político exerceu funções de primeiro-ministro. Assim se entende a sátira de Araújo Pereira, ao sugerir que o Grupo Lena pudesse construir o hipotético "estúdio" prisional.

A partir do episódio de dia 26 de novembro de 2014, inicia-se a utilização do termo "recluso 44" ou "preso número 44" em substituição do nome, José Sócrates. Essa mudança discursiva sobreveio logo após ter sido tornado público o seu número de recluso na prisão de Évora. A conotação é negativa, indica e realça o seu estatuto de homem preso e torna-se numa retórica que utiliza a metonímia. Ou seja, a regular substituição de um termo, neste caso, um nome, por outro, havendo entre ambos uma

relação de sentido que é percecionado pela maioria da audiência, tanto da comunicação social, como do programa em análise. Eis as ocorrências, no *Governo Sombra*:

Vaz Marques - Quer falar das visitas ao **preso número 44**? (26/10/2014)

João Miguel Tavares - **Ao preso número 44**. Em primeiro lugar, falando muito seriamente, eu estava preocupado, genuinamente preocupado, isto aqui não é ironizar, que de repente dos direitos de José Sócrates, em termos de visitas, tivessem realmente a não ser devidamente cumpridos porque é verdade que a família dele tinha todo o direito a visitá-lo, sem ter que levar com as câmaras de televisão todas em cima. (26/10/2014)

João Miguel Tavares - "E é para a nossa habitual rubrica 'notícias do **recluso 44**'". (30/01/2015)

João Miguel Tavares - "Então era uma vaga de fumo. Era uma vaga de fumo fraquinha. Aquilo não sei se eram uma ou duas camionetas. Aquilo parecia uma excursão do INATEL. As pessoas em vez de irem, sei lá, para Albufeira, decidiram parar ali para visitar o **recluso 44**." (30/01/2015)

Vaz Marques - "Esta semana João Miguel Tavares sente-se um diligenciador simpático, para falar do **recluso 44**." (06/02/2015)

João Miguel Tavares - "Epa, mas por acaso, nós temos de pedir ao nosso realizador para entrar uma espécie de genérico, tipo 'notícias do **recluso 44**!' Ficava aqui um separador, agora, no meio do programa e evitávamos estar a explicar... é sobre o **recluso 44**. Mas atenção, não tenho culpa que o **recluso 44** nos dê estas incríveis oportunidades para todas as semanas poder refletir sobre ele." (06/02/2015)

Vaz Marques - "A confirmação por parte de José Sócrates que de facto fez o telefonema para Angola compromete o **recluso 44**?" (06/02/2015)

João Miguel Tavares - "(...) É a nossa habitual rubrica 'notícias do **recluso 44**' porque o *SOL* anunciou e informou-nos que parece que José Sócrates estava a escrever um livro antes de ter entrado para a prisão e agora, felizmente, espero que tenha mais tempo para o acabar, chamado 'Carisma', Carisma!" (13/02/2015)

Concomitantemente com o contexto do tema, ou da notícia, o termo recluso 44 passou a ser sinónimo de José Sócrates em qualquer discurso, seja ele informativo ou satírico. No *Governo Sombra*, surgiu dez vezes em quatro episódios.

O episódio de dia 26 de dezembro de 2014, aludiu a Sócrates na "Pasta Ministerial" de João Miguel Tavares, denominada das "Visitas" e no "Decreto-Lei" de Ricardo Araújo Pereira, que teve o nome de "Nova Ala". O facto de António Costa não ter, na altura da emissão do programa, visitado José Sócrates, começou a ser discutido, com análises e tentativas de significação política para a visita ainda não ter ocorrido. Quando questionado sobre o melhor momento para isso acontecer, Ricardo Araújo Pereira retorquiu com uma analogia a uma música do cantor popular, Quim Barreiros: **"O melhor dia é o 31 de julho. Ah não, não, isso é para casar. Mas eu concordo com o Pedro, é o 31 de dezembro. Aliás, acho que falta uma canção 'qual é o melhor dia para ir visitar o Sócrates?!'. E é isso, é 31 de dezembro."** Ao mesmo tempo que utiliza o humor, o comediante deu a sua opinião, ao considerar que no dia 31 de dezembro seria a altura ideal dadas as distrações naturais da data. O humor é utilizado aqui como alívio, como uma forma mais leve de encarar e discutir um tema proeminente da política nacional. Mais à frente na mesma discussão, Pedro Mexia conduz o seu discurso no mesmo sentido humorístico ao colocar a seguinte pergunta retórica: **"Achas que se a visita for muito pacífica e amistosa, os jornais vão titular 'Costa Concórdia'?!"** Salienta-se a intertextualidade e o trocadilho, uma vez que *Costa Concórdia* era o nome do paquete que naufragou no dia 13 de janeiro de 2012, com mais de 4 mil pessoas a bordo, depois de encalhar num recife.

O dia 2 de janeiro de 2015 não só é o primeiro episódio do ano do *Governo Sombra*, como é um dos mais importantes no âmbito desta análise. O episódio mais do que a sátira, tem na paródia o seu principal acessório. Ou seja, tem uma base de criação artística e fictícia, baseada em elementos da vida real. A paródia vai além do discurso verbal uma vez que a aparência de dois dos intervenientes está alterada. Ricardo Araújo Pereira apresenta-se de bigode, enquanto João Miguel Tavares surge com um penteado totalmente dissemelhante do habitual. A voz conjuntiva do visual tem aqui importância redobrada porque cria uma deixis temporal, produzindo a ideia de que passou muito tempo e de que estamos num futuro fabricado e não no presente que conhecemos. Trata-se de uma construção da própria construção da realidade. Nesta data, os intervenientes realizaram o rescaldo fictício do ano de 2015, ou seja, falaram dele como se tivesse no

seu termo, em vez de no seu início. Um dos pontos-chave é a fotografia de José Sócrates à frente do Estabelecimento Prisional de Évora de onde, alegadamente, teria fugido.



Figura 3. "Selfie" de José Sócrates emitida no programa de 02/01/2015

A paródia ao futuro esteve presente em todo o episódio, mas isso não significa que a sátira ao tempo atual não se tenha, também, consumado. Aliás, a análise ao futuro era fictícia, no entanto, a sátira é real. Carlos Vaz Marques questiona Ricardo Araújo Pereira sobre as várias teorias que existem sobre o modo como Sócrates teria conseguido fugir da prisão. A resposta teve as seguintes passagens, **"(...) provavelmente tinha fugido por um túnel escavado pelo Grupo Lena. (...) E que, também, tinha sido um grupo de hackers, munidos todos de computadores Magalhães que tinha interferido com o sistema de segurança da prisão."** As menções ao Grupo Lena e aos computadores Magalhães têm uma clara ideologia associada, uma vez que são dois assuntos delicados que se encontram interligados ao currículo de José Sócrates, tanto o político, como o social. O Grupo Lena pelas suspeitas que existem de supostos favorecimentos em várias construções durante o seu Governo e os computadores Magalhães por terem sido uma grande aposta de uma das suas Legislaturas e ter sido, em larga medida, um projeto fracassado. Em súpula, mesmo num futuro fictício, tudo foi construído para poder criticar Sócrates com elementos verídicos.

No dia 9 de janeiro de 2015 regressou-se ao formato rotineiro do programa, ao mesmo tempo que se continuou a falar de Sócrates. Desta feita, por via de duas "Pastas Ministeriais". A de João Miguel Tavares da "Caixinha das Presunções" e a de Ricardo Araújo Pereira da "Visita". Com exceção ao episódio relativo à semana da detenção, Pedro Mexia não dedicou qualquer "Pasta Ministerial" ao assunto, o que revela um maior distanciamento e cuidado relativo a questões jurídicas. Essa prudência, corresponde ao perfil do interveniente, com estudos em Direito ainda que nunca tenha exercido funções. A passagem discursiva mais marcante do episódio foi de Ricardo Araújo Pereira, enquanto comentava a frase que António Costa proferiu depois de visitar o seu colega de partido na prisão. "Vim visitar um lutador por aquilo que acredita ser a sua verdade" é a frase em questão e o comentário do humorista foi o seguinte: **"Portanto, não só José Sócrates tem a sua verdade, que é uma lá dele, é uma privada. Aposto que não é, aposto que é do Carlos Santos Silva e ele pediu-lhe emprestada. Mas pronto, neste momento é do Sócrates. É a verdade dele e é uma verdade que ele acredita ser a sua verdade. Portanto, é fantasia em cima de fantasia. É um bolo de bolacha de fantasia e com cobertura de aldrabice."** O vocábulo "aldrabice" remete para um discurso acusatório, e aqui se reveste o papel de watchdog que o *Governo Sombra* pode exercer em certas circunstâncias e em alguns momentos. Para além disso, realizou-se mais uma referência ao empréstimo de Carlos Santos Silva, criando analogia com todo o caso judicial e a "verdade" de Sócrates.

"Excursionário" é o nome do "Estado de Espírito" de João Miguel Tavares que serviu de mote para falar das excursões que surgiram para visitar José Sócrates. O jornalista criticou a utilização do cravo como símbolo utilizado de forma amíúde. "(...) **da mesma maneira que querem criar impostos sobre os sacos de plástico, criem um imposto cada vez que os cravos são utilizados como artefacto simbólico. Porque aquilo estava cheio de cravos. O pobre do cravo teve uma função tão bonita na história portuguesa, anda a ser vilipendiado desde 1974.**" A retórica de João Miguel Tavares reveste-se no modelo de prova Aristotélico do pathos, uma vez que ao proferir, "o pobre do cravo teve uma função tão bonita na história portuguesa", está a apelar ao fator emocional da conquista da liberdade nacional para tornar os telespectadores mais recetivos ao seu argumento.

Os dias 6, 13 e 28 de fevereiro de 2015 são as datas dos três últimos episódios, do período em análise, em que José Sócrates foi tema. As primeiras duas têm, mais uma

vez, João Miguel Tavares como precursor. No dia 6, sob forma de "Estado de Espírito" cognominado de "Diligenciador Simpático", para falar novamente dos empréstimos de Carlos Santos Silva a José Sócrates e, no dia 13, no formato de "Decreto-Lei" com o nome "Carisma", para falar do alegado livro que o ex-primeiro-ministro estaria a escrever na prisão. O último episódio, do dia 28, deixa o mote sobre se José Sócrates irá, ou não, permanecer em prisão preventiva. A questão sobre a continuidade, ou não, da prisão de Sócrates, acaba por encerrar o capítulo sobre a evolução da personagem no programa durante este período. Uma progressão que se iniciou com o debate acerca de um ex-primeiro-ministro que estaria a regressar à vida ativa do Partido Socialista, para, depois, terminar com discussões acerca da sua liberdade e das suas incoerências judiciais e políticas.

### **4.3. Caso 2: Charlie Hebdo**

O atentado que atingiu o jornal satírico francês *Charlie Hebdo* foi um dos temas mais delicados inseridos no *Governo Sombra*. As razões são diversas: morreram doze pessoas, outras cinco ficaram gravemente feridas e foi, provavelmente, um dos maiores ataques à liberdade de expressão do século XXI em sociedades democráticas. As ramificações do acontecimento vão desde a dicotomia entre o mundo ocidental e o mundo islâmico, até às questões da liberdade e tolerância religiosa, passando, também, pelo debate acerca dos supostos limites à sátira, ao humor e à liberdade de expressão e, conseqüentemente, de imprensa. O *Charlie Hebdo* é um jornal semanal humorístico que combina cartoons satíricos com artigos e reportagens de investigação. Ao longo dos seus 45 anos de existência, o jornal foi alvo de várias ameaças terroristas. Em 2011 sofreu mesmo um ataque com uma bomba incendiária que causou apenas danos materiais. Foi no dia 7 de janeiro de 2015 que a ameaça se tornou realidade e traduziu-se em vítimas mortais. As motivações dos terroristas terão sido, sobretudo, as constantes representações humorísticas de Maomé na publicação francesa. Naturalmente, o tema reuniu consensos no *Governo Sombra*. O caráter de confronto do programa foi comutado por vários pontos de vista congregantes de um bem partilhado pelos perfis ideológicos de todos os intervenientes: a liberdade de comunicar, a liberdade de satirizar, a liberdade de expressão. Este caso foi retratado no programa apenas por três vezes, sendo mais reduzido temporalmente quando comparado com o anterior.

O primeiro episódio onde o atentado ao *Charlie Hebdo* foi mencionado aconteceu dois dias depois do ataque, ou seja, no dia 9 de janeiro de 2015. Foi o tema central desse episódio e comentado logo no princípio do mesmo com a pergunta de Carlos Vaz Marques: **"A sátira é uma atividade de risco, Ricardo Araújo Pereira?"**. O humorista ironiza ao responder: **"Na civilização, não deveria ser. Na civilização, a única atividade de risco devia ser o crime, essa devia ser uma atividade de risco. Uma vez que a sátira não é crime, na civilização não deveria ser."** O poder, na concepção de Foucault<sup>46</sup>, de Ricardo Araújo Pereira está centrado na sua maior legitimidade para apresentar uma opinião sustentada sobre o tema, devido tanto ao seu perfil de humorista, frequentemente satírico e irónico, quer devido ao facto de ser o único interveniente do painel que faz da comédia profissão. Não terá sido uma mera casualidade que o guião do episódio tenha sido construído de forma a que Ricardo fosse o primeiro a comentar o tema. A visão hegemónica do *Governo Sombra* acerca da matéria foi inaugurada pelo elemento com mais estatuto satírico e humorístico para que, posteriormente, todos os outros unissem os respetivos discursos unificados pelo consenso. As analogias com outros casos similares quanto à liberdade de expressão, nomeadamente de contexto nacional, foi mais uma das estratégias discursivas utilizadas ao longo do desenvolvimento do tema. Um dos exemplos está assinalado na seguinte comparação pronunciada por Ricardo Araújo Pereira: **"O que é curioso é constatar, por exemplo, que hoje há várias pessoas que são campeãs da liberdade de expressão, mas há quanto tempo foi o referendo do aborto, por exemplo? Eu lembro-me que a sátira durante o referendo do aborto, durante a campanha, não era vista com uns olhos tão benevolentes como de alguns campeões da liberdade de expressão agora."** O termo "campeões da liberdade de expressão" é uma crítica à postura de vários jornalistas, comentadores e cronistas que produzem comentários acerca do *Charlie Hebdo* de forma incoerente - na opinião do emissor da citação supracitada - com outras opiniões que foram proferindo, ao longo do tempo, em outros contextos onde a liberdade de expressão e a sátira foram objetos centrais de debate. Pedro Mexia aproveitou o recurso à comparação para fazer uma outra mais geral e, também, mais conclusiva: **"Se a questão da liberdade de expressão fosse a questão do bom gosto, acabava a televisão. Todas! Incluindo o nosso programa. Não havia televisão amanhã."**

---

<sup>46</sup> O poder é criador. Cria determinadas formações discursivas de ver, analisar e até condenar o outro. É um produto de pensar acerca das coisas e uma forma de pensar acerca do mundo.

O dia 16 de janeiro de 2015 trouxe-nos mais argumentos sobre o tema e datou o início das ramificações para outras valências relacionadas. A "Pasta Ministerial" de João Miguel Tavares das "Reflexões Difíceis" e a "Pasta Ministerial" de Ricardo Araújo Pereira do "Meu Nome" foram o pretexto para criticar e, também, satirizar algumas reações da praça pública portuguesa em relação aos ataques cometidos ao jornal francês. O moderador introduz o tema com uma subtil abordagem à leveza e caráter descontraído do *Governo Sombra* ao questionar: **"O João Miguel Tavares vai tornar-se ministro das "Reflexões Difíceis" e tem a certeza que este é o local indicado para isso?"**. As reflexões difíceis do jornalista estavam relacionadas com uma crónica publicada no jornal *Público* com o título de "Charlie Hebdo: uma reflexão difícil", de Boaventura Sousa Santos - Professor Catedrático da Universidade de Coimbra. No entanto, antes da crítica à crónica, assiste-se a um momento que ajuda a definir o *Governo Sombra* como um programa não só de comentário político, económico e social mas, também, com forte teor cómico, irónico e satírico em quase todos os temas repercutidos ao longo das emissões.

**Vaz Marques - Porque é que o João Miguel Tavares não é dado ao altermundialismo?**

**João Miguel Tavares - Sou, com h. "Haltermundialismo", eu dava-lhe com um bocadinho de "haltermundialismo" na tola. Mas sem muita violência.**

**Pedro Mexia - Como diz Vasco Santana, no *Ribeirinho*, dá-me aí o Alter do Chão.**

Momentos como o excerto supramencionado vão ao encontro da teoria do alívio do humor. Ao falar de um assunto sério, os intervenientes adotam práticas discursivas cómicas para introduzir um tema que pode ser, ou não, tratado de forma mais circunspecta. Pedro Mexia utilizou um discurso assertivo para explanar a sua posição em relação à crónica de Boaventura Sousa Santos ao dizer que já estava à espera da maioria dos argumentos utilizados: **"Eu senti-me a ler o artigo, como me sinto sempre a ler os artigos de Boaventura Sousa Santos, que é, imagino uma campanha a tocar, vejo o tema e digo: sobre isto, ele vai dizer isto. Depois, primeiro parágrafo, toca uma campanha, confere! Segunda campanha, confere!"** O interveniente utilizou um *ethos* invertido, ao usar a alegada previsibilidade de argumentos para reduzir a autoridade e a reputação de Boaventura Sousa Santos enquanto cronista. Mexia generalizou todos os artigos do mesmo autor para reforçar a sua crítica ao texto específico sobre os ataques ao *Charlie Hebdo*. O artigo do Professor

Doutor de Coimbra questionava, entre outras coisas, o facto de se chorar as vítimas dos ataques ao *Charlie Hebdo* e não outras, como por exemplo, as vítimas da situação de crise humanitária da Nigéria, provocada em grande parte por um grupo terrorista intitulado de *Boko Haram*. Foi precisamente este argumento que valeu a sátira mais saliente nesta fase, foi de Ricardo Araújo Pereira e está patente na seguinte citação: **"Eu queria que isto valesse para todas as vítimas. Vítima, mas o ocidente também tem culpa. Bom, pedofilia... Certo, mas os miúdos às vezes conseguem ser sensuais. Bom, violência doméstica... Está bem, mas há mulheres que, de facto, irritam."** O humorista ridicularizou os argumentos de Boaventura Sousa Santos ao proceder a comparações exageradas. Ou seja, ridicularização e exagero, duas das principais componentes satíricas justapostas para apontar aquilo que, de acordo com Ricardo Araújo Pereira, é um argumento absurdo.

No mesmo episódio, depois da sátira à crónica de Boaventura Sousa Santos, também houve espaço, noutra "Pasta Ministerial" para criticar mais um comentário público sobre o mesmo assunto. A opinião foi feita através da rede social Twitter e pertence à eurodeputada socialista, Ana Gomes.



Figura 4. "Tweet" de Ana Gomes difundido no programa de 16/01/2015

A reação subsequente de Ricardo Araújo Pereira é muito rica em conteúdo passível de análise:

Este rouxinol é deputado europeu, era aí que eu queria chegar. É deputado europeu, portanto é do continente em que Voltaire terá dito, é uma frase atribuída a Voltaire que não foi mesmo dita por ele mas que capta o espírito de Voltaire. 'Não concordo com o que dizes, mas defenderei até à morte o teu direito de o dizeres'. A não ser que isso ofenda pessoas, foi assim que Ana Gomes entendeu a frase. O que é curioso nisto é, vamos lá ver, se a liberdade de expressão é nós termos o direito de dizer seja o que for, desde que isso não aborreça ninguém, eu para isso não preciso de autorização. Não preciso de autorização para isso, agradeço muito que me dêem essa liberdade mas eu dessa não preciso. Se é só para dizer coisas que não aborream ninguém, ninguém precisa de liberdade de expressão. O que é fundamental na liberdade de expressão é justamente defender o direito a dizer coisas que possam ofender os outros. (Ricardo Araújo Pereira, Episódio de 16/01/2015)

Logo no início do excerto denota-se a utilização estilística da metáfora no início da declaração. "Este rouxinol" refere-se a Ana Gomes, construindo uma analogia com a rede social utilizada pela eurodeputada para exprimir a sua opinião uma vez que a expressão "tweet", traduzida à letra para português significa chilreio. Do som até ao animal que o produz, Ricardo Araújo Pereira consegue assim, ainda antes de exprimir o seu argumento, inserir humor no seu discurso. Essa capacidade causa surpresa e prazer no telespectador e conseguirá torná-lo mais receptivo a uma futura conclusão. Depois da introdução humorística, a referência a uma frase atribuída a Voltaire e alegada interpretação distorcida de Ana Gomes dessa mesma frase, fabrica a sátira direcionada para a postura da socialista. Só depois do humor e só posteriormente à sátira, Ricardo Araújo Pereira assume o modo de prova com um discurso assente no logos Aristotélico, ou seja, com recurso à razão e a um bom argumento para sustentar a sua conclusão. O bom argumento está exposto especialmente na frase: **"O que é curioso nisto é, vamos lá ver, se a liberdade de expressão é nós termos o direito de dizer seja o que for, desde que isso não aborreça ninguém, eu para isso não preciso de autorização. (...) Se é só para dizer coisas que não aborream ninguém, ninguém precisa de liberdade de expressão."**

Antes do término do episódio, é de salientar que também o moderador, Carlos Vaz Marques, utilizou a ironia ao esclarecer uma frase de João Miguel Tavares. Dado o contexto e o *timing*, a declaração dificilmente terá sido inocente e foi uma forma de também criticar a opinião de Ana Gomes. **"Essa frase pode ter sido mal entendida e alguém pode ofender-se! O João Miguel não disse judeus e muçulmanos e salsichas. Disse, vai banir porcos e salsichas. É só para não haver ninguém ofendido."**

O terceiro e último episódio que falou da ocorrência do *Charlie Hebdo* foi no dia 6 de fevereiro de 2015, quase um mês depois do trágico sucedido. Através do "Estado de Espírito" de Ricardo Araújo Pereira, foram expostos argumentos sobre evitar mostrar filmes, fazer exposições ou criar outras formas de comunicação, especialmente com teor religioso, com receio de ferir suscetibilidades. Para o interveniente do programa, não faz sentido que não se aplique a liberdade de expressão existente em todas as suas valências e possibilidades. Mais uma vez o exagero - conjugado, desta vez, com intertextualidade religiosa - é utilizado como recurso satírico da situação: **"Agora a questão é esta, na Capela Sistina, há lá aquele... os dois dedos de Adão e de Deus, eu proponho taparem porque os milhares de carpinteiros que nas serras ficam sem falangetas podem sentir-se ofendidos com aquilo. Portanto, Michelangelo, tapa-te!"**.

Os dois casos aqui retratados são diferentes, tanto em termos de teor - um político e outro, em certa medida social -, como em termos de longevidade no programa. José Sócrates é uma figura incontornável do panorama nacional. Mesmo que o foco se tenha tornado superior a partir da sua detenção, o ex-primeiro-ministro já era uma personalidade que emergia de vez a vez no *Governo Sombra*. O atentado ao *Charlie Hebdo* teve um impacto enorme na esfera pública, especialmente na francesa, e o facto de ser um tema internacional também não terá permitido uma abordagem tão prolongada no tempo como o primeiro caso. Ainda assim, os principais objetivos da análise de discurso nos dois casos foram concluídos: mostrar a utilização da sátira no programa, mostrar excertos onde o humor se correlacionou fortemente com o conteúdo, demonstrar várias técnicas discursivas que os intervenientes empregam para validarem os seus respetivos argumentos. No caso da evolução de José Sócrates, como visado no programa, está presente a ideia de Carey ([1975] 1992a) no que diz respeito à característica ritualista da comunicação, que tem a capacidade de moldar, partilhar e até de transformar realidades. O humor é, neste sentido, a transformação ao revelar-se numa construção cultural por cima de uma construção cultural. Rompe com a ordem estabelecida. No *Governo Sombra* José Sócrates não é apenas ex-primeiro-ministro, é o recluso 44, é uma personalidade satirizada e colocada em pé de igualdade com todos nós, a hegemonia termina, os papéis invertem-se e a realidade é outra. Por outro lado, o caso do *Charlie Hebdo* estabelece o consenso. Só com casos específicos como os referidos será possível chegar perto de uma definição para o *Governo Sombra*.

Os próprios intervenientes, nas entrevistas efetuadas para esta dissertação, apresentam opiniões diferentes quanto aos objetivos do programa. Ricardo Araújo Pereira declara que o seu principal objetivo no *Governo Sombra* é fazer rir:

É muito frequente haver humoristas que dizem 'mais do que fazer rir, quero fazer pensar'. Eu nunca percebi essa ambição. Primeiro, porque não entendo o público como uma massa amorfa que está em casa a vegetar à espera que eu o faça pensar. Acho que eles já estão a pensar por si na altura em que eu os apanho. Nunca pensei que fazer rir e fazer pensar fossem atividades incompatíveis. Eu normalmente estou a fazer as duas ao mesmo tempo. Dá-me jeito até para saber de que é que me estou a rir, estar a pensar ao mesmo tempo. Se as pessoas querem fazer pensar, recorrem a outras pessoas, outro tipo de técnico, que não sou eu. Acho que fazer rir, talvez seja até mais difícil e mais nobre, num certo sentido. Por isso é a isso que eu me dedico. Não sou ingénuo ao ponto de considerar que aquilo que eu faço não tem influência nenhuma, mas rejeito que eu consiga controlar essa influência. Rejeito que essa influência seja grande e rejeito sequer que eu consiga prever que tipo de influência é que será. (Ricardo Araújo Pereira)

Pedro Mexia aproxima-se da opinião do humorista ao afirmar que não vê no *Governo Sombra*, uma oportunidade para informar o público. No entanto, aceita a hipótese admitindo que conteúdos de sátira e humor podem, por vezes, informar, ainda que com perigos associados:

Isso acontece, aliás é um fenómeno em programas com um impacto mundial incomparável, como o *Daily Show*. Nós sabemos que muitas das pessoas do *Daily Show* vêem o programa como um programa informativo, ou seja, tomam conhecimento dos assuntos ao ver o *Daily Show*. Eu acho isso perigoso. (...) Passar da informação para a comédia em dois segundos é um bocadinho perigoso. Há um momento e há informação que não é passível de ser cómica, deve ser simplesmente absorvida sem passar logo a uma outra fase. Nós [no *Governo Sombra*] não temos acesso a fontes privilegiadas, as coisas que nós falamos são coisas do domínio público, vêm nos jornais nomeadamente. Mas sabemos que grande parte das pessoas que vêem ou ouvem o programa não lêem jornais todos os dias e, portanto há assuntos que não são evidentes. Às vezes não são evidentes até para nós, há um que diz, 'queria falar daquela entrevista de fulano tal' e nós às vezes nem demos por isso, portanto, o que o Carlos faz é o papel de contextualizar. Portanto, esse trabalho de contextualização é essencial, até porque o comentário, quer seja crítico, quer seja irónico, se aquilo não tem a base de factos, não tem efeito nenhum. Há ali um momento em que se trabalha, de forma muito sucinta, claro, a apresentação da informação. (Pedro Mexia)

João Miguel Tavares diverge das duas opiniões anteriores. O jornalista olha para o programa como um conteúdo com capacidade informativa e considera que a sátira é um bom método para complementar a informação no *Governo Sombra*:

Eu acho que isso é uma marca da minha geração, felizmente, graças a deus. Isso tem a ver já com uma costela anglo-saxónica, que a nossa cultura foi buscar ao desvio de França para Inglaterra. A nível cultural, trouxe-nos o humor. Idealmente trazemos uma palavra inglesa que eu gosto muito que é o *wit*, que é aquela espécie de humor inteligente. Eu identifico-me muito com isso e nós tentamos fazer isso no programa. O humor informal. Eu acho que o Pedro faz isso muito bem, o Ricardo faz isso muito bem. Portanto, esse tom é essencial no programa. Eu acho que esse devia ser o tom mais presente no debate público. Acho que as pessoas devem discutir com seriedade e com firmeza mas, ao mesmo tempo - e por isso, ao contrário do que às vezes possa parecer eu não sou de todo um fundamentalista de coisa nenhuma - eu gosto que tudo tenha esse lado de humor, porque, apesar de tudo, vamos todos morrer. (...) eu entendo o programa como realmente um programa de informação e levo-o mais a sério, não sei se é excesso de modéstia deles. Mas eu acho que como todos os programas que estão no espaço público, ele desempenha um papel, e é de facto de informação e de informação de pessoas. Eu acho que há valores que são transmitidos no programa que são muito, muito importantes. (João Miguel Tavares)

Ficou claro, através da análise aos dois estudos de caso e à diversidade de opiniões entre os próprios intervenientes, que o *Governo Sombra* é mais do que um simples conteúdo de opinião política. Não só possui outros temas, que vão para além da política nacional e internacional, como vai além da opinião. Não é totalmente sério, nem é estritamente cómico. Não é jornalismo, mas não é entretenimento puro. É um género híbrido, que se molda às circunstâncias e à atualidade semanal, sempre com boa disposição, crítica acérrima e sátira aplicada.

## Conclusão

A primeira conclusão acerca do *Governo Sombra* é de que se trata do único programa na televisão portuguesa, onde se debatem temas políticos, que não possui nenhum elemento que está, ou já esteve, na vida política ativa. Essa é uma vantagem inegável que descompromete o uso da sátira no programa, sem que existam interesses além dos pessoais na mensagem que é proferida. A agenda do programa privilegia os acontecimentos mais noticiados da política nacional, uma vez que todos os momentos ou rubricas do programa apresentam uma prevalência em discutir temas de política interna. É quem está no poder, ou quem tem reais possibilidades de lá chegar, que se torna o alvo preferido da sátira, da ironia e da paródia no programa. Pedro Passos Coelho, Cavaco Silva, António Costa e José Sócrates foram as personalidades políticas mais referidas, transversalmente a todos os intervenientes, ainda que alguns tenham outras prevalências - a seguir à política, João Miguel Tavares aborda mais temas sociais, Pedro Mexia dirige-se para temas internacionais e Ricardo Araújo Pereira mostra ligeira preferência pelos económicos. O que importa concluir neste contexto é que a sátira tende a ignorar partidos de menor dimensão, procura o poder, para que o possa inverter e torná-lo ridículo aos olhos das audiências. Se a sátira tem, inerentemente, uma valência moral, não fará sentido alertar para os perigos de quem não exerce poder, nem está em vias de o poder fazer.

Com a Análise Crítica do Discurso, apreenderam-se os principais recursos utilizados pela sátira no *Governo Sombra*. No estudo de caso de José Sócrates, confirmou-se a hipótese do humor subverter a construção hegemónica da realidade, construindo uma outra por cima da já existente. Há uma inversão de sentido, é retirado o estatuto social e político a Sócrates que passa, no contexto do programa, a ser o recluso 44, a ser ridicularizado, quer por via do exagero, quer por via de vários apontamentos a incongruências de discurso do ex-primeiro-ministro ou até de alguma personalização de conteúdos.

O estudo de caso relativo aos ataques terroristas do *Charlie Hebdo* remete-nos para o consenso entre todos os intervenientes. A sátira passa a ser aplicada a todas as personalidades, especificamente cronistas e políticos, que manifestaram publicamente opiniões divergentes da hegemonia no *Governo Sombra*, sendo também elas ridicularizadas. O acontecimento supracitado remete-nos para mais uma das principais

conclusões desta dissertação. A sátira só consegue subsistir quando existem padrões sociais, opinativos e ideológicos partilhados entre quem a produz e que a ouve. Só com noções similares, entre o que é considerado correto e o que é considerado errado, é que nos podemos rir com apontamentos de incongruência, com ridicularizações de quem pensa de forma contrária, com ironias que deixam transparecer uma opinião subjacente. É imprescindível partilhar a mesma base ideológica. Bem como, no caso deste programa, é imprescindível haver uma contextualização prévia dos acontecimentos semanais. O *Governo Sombra* tem capacidade de fornecer informação, mas não informa por si só. Apresenta-se como um discurso que fala sobre o que já deverá ser conhecido, fala de Sócrates, porque se sabe que Sócrates foi preso, - e em que circunstâncias - fala do ataque ao jornal satírico *Charlie Hebdo* porque já sabe, ainda que fugazmente, as principais implicações do sucedido.

Esta dissertação mostra o funcionamento de um programa de entretenimento que tem na informação a sua principal fonte discursiva. A dificuldade de definição é tanta que nem os intervenientes conseguem chegar a um consenso. Acima de tudo, identificaram-se as diferentes técnicas de discurso utilizadas para fazer rir, para criticar, para parodiar. A mensagem política tem realmente uma abrangência em programas de entretenimento e de informação muito para além do que era exequível estudar neste trabalho, não só na televisão, mas em todos os outros meios disponíveis, desde a tradicional rádio, às inovadoras redes sociais.

Essas podem ser pistas para futuras investigações. Quer a análise de outros conteúdos, quer um tipo de estudo mais sofisticado e com outros meios, por exemplo, na perspetiva dos efeitos da mensagem satírica, poderão ser contributos interessantes para desenvolver, cada vez mais, esta área de estudo que tem tendência a prosperar.

## Bibliografia

- Armstrong, P (2005) *Satire as critical pedagogy, Conference Proceedings*, Vol. 1, Stirling: Centre for Research in Lifelong Learning, University of Stirling. [Disponível em: <http://www.education.leeds.ac.uk/research/uploads/37.pdf>]
- Bakhtin, Mikhail (1984). *Rabelais and His World*. Bloomington: Indiana University Press
- Bakhtin, Mikhail (2000). *Problemas da poética de Dostoievski*. Trad. Paulo Bezerra, Rio de Janeiro: Forense Universitária
- Baumgartner, J. (2007) "Humor on the Next Frontier: Youth, Online Political Humor, and the Jib Jab Effect", *Social Science Computer Review*, Vol. 25, p. 319-338
- Canale, M. (1983) *From communicative competence to communicative performance*, em J. Richards & R. Schmidt (org.), *Language and Communication*. Nova Iorque: Longman
- Carey, J. W. (1992) "A Cultural Approach of Communication" In. *Communication as culture. Essays on media and society* [1975]. Londres: Routledge, p. 37-68
- Colby, A. & Ehrlich T. (2007) *Educating for Democracy: preparing undergraduates for responsible political engagement*. Jossey Bass
- Creswell, John W. (2003) *Research design: Qualitative, quantitative, and mixed method approaches*, 2º Edição, Londres: Sage Publications
- Dagnes, A. (2010) *Politics on Demand: The effects of 24-Hour News on American Politics*, USA: Praeger
- Dayan, D. & Katz, E. (1999) *A história em directo e os acontecimentos mediáticos na televisão*. Coimbra: Minerva
- Deodato, Rita (2013) *A Comunicação Política no entretenimento. O caso dos programas de humor em Portugal 2007-2008*, Lisboa: ISCSP
- Eisner, Elliot W. (1998) *The enlightened eye: Qualitative inquiry and the enhancement of educational practice*, Nova Jérnia: Prentice-Hall
- Espírito Santo, P. (2008) *Estudos de Comunicação Política*, Lisboa: ISCSP

- Fairclough, Norman (1989) *Language and Power*, Londres: Longman
- Fletcher, M. D. (1987) *Contemporary political satire: narrative strategies in the post-modern context*. Londres: University Press of America
- Freud, S. (2001) "Jokes and Their Relation to the Unconscious", *The Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, Ed. James Strachey
- Frye, Northop (1957) *Anatomy of Criticism*. Princeton: U.P.
- Goffman, E. (1955) "On face work", *Psychiatry*, Nova Iorque: Guilford Press, Vol. 18, p. 213-231
- Gonçalves, Inês (2010) *Satire: A Double-Edged Sword. A study about the impact of political satire*, Cardiff School of Journalism
- Gray, J. & Jones, J. P. & Thompson, E. (2009) *Satire TV*, Nova Iorque: NYU Press
- Hendrickson, G. L. (1971) "Satura tota nostra est." in Ronald Paulson (ed.), *Satire: Modern Essays in Criticism*, Nova Jérícia: Prentice-Hall, p. 37-51
- Henriques Da Silva, Raquel (2010) *O Zé Povinho de Rafael Bordalo Pinheiro*, *Revista de História da Arte*, Lisboa: FSCH
- Hobbes, T. & Gaskin, J.C.A. (1998) *Of the Natural Condition of Mankind, as concerning their Felicity and Misery, Leviathan*, Oxford: Oxford University Press, p.106-112
- Hutcheon, L. (2000) *A Theory of Parody: The Teachings of Twentieth-Century Art Forms*, Illinois: University of Illinois Press
- Iliou, I. (1955), *Modern Encyclopedia Lexicon*, Vol. 16, Atenas.
- Janco, R (1984) *Aristotle on comedy*, Berkeley: University of California Press
- Jones, Jeffrey P. (2005) *Entertaining politics: new political television and civic culture?*, Rowman and Littlefield Publishers
- Kant, I. (1952) *Critique of judgment*, Oxford: Clarendon Press

- Keane, C. (2007) "Defining the Art of Blame: Classical Satire". In R. Quintero (Ed.), *A companion to Satire: ancient and modern*, Malden, Oxford, Victoria: Blackwell Publishing, p. 31-51
- Lichter, S.R. & Niven. D. & Amundson, D. (2003) "The Political Content of Late Night Comedy", *The Harvard International Journal of Press/Politics*, nº8, p. 119
- Lynch, O.H. (2002) "Humorous Communication: Finding a Place for Humor in Communication Research", *Communication Theory*, p. 423-445 [Disponível em: <http://cc.shu.edu.tw/~tyu/CTA.pdf>]
- Lyttle, J. (2001) "The Effectiveness of Humor in Persuasion: The Case of Business Ethics Training", *Journal of General Psychology*, nº 128(2) p. 206 -16
- Martins, M. M. (Coord.) (2006), *Comunicação e Marketing Político – Contributos Pedagógicos*, Lisboa: ISCSP
- McCombs, Maxwell (2004). *Setting the Agenda: The Mass Media and Public Opinion*, Cambridge: Blackwell Publishing, p. 198
- McCombs, M & Shaw, D (1972). "The agenda-setting function of mass media", *Public Opinion Quarterly*, nº 36
- Meyer, J. (1998) *Humor as communication's unifying and dividing tool*, San Antonio, TX.
- Morreall, J. (1987) *The Philosophy of Laughter and Humour*. Albany: State University of New York Press
- Morreall, J. (1983) *Talking laughter seriously*, Albany: State University of New York Press
- Morris, L. A. (2007) "American Satire: Beginnings through Mark Twain". In R. Quintero (Ed.), *A companion to Satire: ancient and modern*, Malden, Oxford, Victoria: Blackwell Publishing, p. 377-399
- Negrine, R. & Papathanassopoulos, S. (1996) "The Americanization of Political Communication", *The Harvard International Journal of Press/Politics*, nº1, p. 45
- Ogborn & Buckroyd (2001) *Satire*. Cambridge: Cambridge University Press

- Quintero, R. (ed.) (2007) *A companion to Satire: ancient and modern*, Oxford, Victoria: Blackwell Publishing, p. 1-11
- Raskin, V. (1985) *Semantic mechanisms of humor*, Nova Iorque: E.P. Dutton
- Rebelo, José, (2002), *O Discurso do Jornal: o como e o porquê*, Lisboa: Editorial Notícias.
- Rodrigues, Selma (2002) "Canto/Contracanto: A paródia", *Línguas e Culturas, Revista de Humanidades e Tecnologias*, nº 6, p. 238-246
- Rosenbaum, Steve (2006) *Political Satire and the Web*. [Disponível em: [http://www.huffingtonpost.com/steve-rosenbaum/political-satire-and-the-\\_b\\_31345.html](http://www.huffingtonpost.com/steve-rosenbaum/political-satire-and-the-_b_31345.html)]
- Rusten, J. (2006) "Thucydides and comedy" In. A. Rengakos and A.Tsamakis (ed.) *Brill's Companion to Thucydides*. Leiden & Boston: Brill, p. 547-548
- Richardson, John (2006) *Analysing Newspapers: An approach from Critical Discourse Analysis*. Londres: Palgrave Macmillan
- Sant'Anna, A.R. (1999) *Paródia, paráfrase e cia*. São Paulo: Ática
- Scott, J. (2005). *Satire: From Horace to Yesterday's Comic Strips*, Clayton: Prestwick House
- Schutz, Ch. E. (1977), *Political Humor: From Aristophanes to Sam Ervin*, Nova Jérсия & Londres: Associated University Presses
- Silva, M. de F. (1987) *Crítica do teatro na comédia antiga*, Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Silva & Garcia (2012) "YouTubers as satirists: Humourand remix in online video" *JeDEM - eJournal of eDemocracy and Open Government*, Vol. 4, nº 1, p. 89-114
- Sousa, Osvaldo Macedo de (2010), *As Caricaturas da Primeira República*, Lisboa: Tinta da China
- Spacks, Patricia Meyer (1971) "Some Reflections on Satire" In. Ronald Paulson (Ed.) *Modern Essays in Criticism* , Englewood Cliffs: Prentice Hall, p. 360-378

- Stamatakos, I. (1999) *Dictionary of Ancient Greek Language*, Atenas
- Subtil, F. (2014) "A abordagem cultural da Comunicação de James W. Carey", *Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, vol. 37, nº 1, p. 19-44
- Thussu, K. Dayan (2007) *News as Entertainment: The Rise of Global Infotainment*, Londres: SAGE Publications Ltd, p.171-214
- Wagg, Stephen (1998) *Because I tell a jokeortwo - Comedy, Politics and Social Difference*, Londres: Routledge

### Bibliografia eletrónica

- Adelino Gomes (2002) "ZIP-ZIP: Os sete meses que marcaram a televisão em Portugal", Público, [Disponível em <http://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/zipzip-os-sete-meses-que-marcaram-a-televisao-em-portugal-por-adelino-gomes-1395288>] (Consultado a 09-05-2015)
- BBC. Does satire influence politics? [Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/guides/zqpr4wx>] (Consultado a 10-05-2015)
- Carla Caixinha, Conceição Sampaio & Ricardo Vieira (2015) "Atentado contra jornal faz pelo menos 12 mortos em França", *Rádio Renascença* [Disponível em: [http://rr.sapo.pt/informacao\\_detalle.aspx?fid=26&did=174017](http://rr.sapo.pt/informacao_detalle.aspx?fid=26&did=174017)] (Consultado a 17-01-2015)
- Diário de Lisboa (1957), nº 12525, Ano 37, sábado, 19 de Outubro de 1957, Casa Comum.org [Disponível em [http://hdl.handle.net/11002/fms\\_dc\\_19171](http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_19171)] (Consultado a 05-07-2015)
- Diário de Lisboa (1957), nº 12560, Ano 37, sábado, 23 de Novembro de 1957, Casa Comum.org. [Disponível em: [http://hdl.handle.net/11002/fms\\_dc\\_18305](http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_18305)] (Consultado a 05-07-2015)
- Hélder Martins (2009) "Sócrates processa João Miguel Tavares", *Jornal Expresso* [Disponível em: <http://expresso.sapo.pt/actualidade/socrates-processa-joao-miguel-tavares=f507141>] (Consultado a 14-11-2014)
- John Leech (1843) "Substance and Shadow", *Revista Punch* [Disponível em: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/f/f9/SubstanceandShadow.jpg>] (Consultado a 16-10-2015)

- Revista Caras (2014), "Eixo do Mal" Celebra 10 Anos". [Disponível em <http://caras.sapo.pt/famosos/2014-11-13-Eixo-do-Mal-celebra-10-anos->] (Consultado a 09-05-2015)
- Revista do Expresso (2014) "É uma família disfuncional. E ao fim de 10 anos continua (des)unida", Edição de 8 de novembro [Disponível em: <http://arquivo.expresso.pt/e-uma-familia-disfuncional-e-ao-fim-de-10-anos-continua-desunida=f8971219>] (Consultado a 12-11-2014)

## Anexos

Tabela 1

<b>Pastas Ministeriais - Intervenientes mais visados</b>		
<b>João Miguel Tavares</b>	<b>BES</b>	11,3%
<b>Pedro Mexia</b>	António Costa; António José Seguro; Syriza; RTP; CITIUS	22,7%
<b>Ricardo Araújo Pereira</b>	<b>BES</b>	13,6%

Tabela 2

<b>Estados de Espírito - Intervenientes mais visados</b>		
<b>João Miguel Tavares</b>	José Sócrates	9%
<b>Pedro Mexia</b>	Marinho e Pinto; CM de Lisboa	13,6%
<b>Ricardo Araújo Pereira</b>	Cavaco Silva	6,8%

Tabela 3

<b>Decretos-Lei - Intervenientes mais visados</b>		
<b>João Miguel Tavares</b>	António Costa; Jorge Jesus; Rússia	13,6%
<b>Pedro Mexia</b>	Papa Francisco	4,5%
<b>Ricardo Araújo Pereira</b>	TAP	6,8%

Tabela 4

<b>Frases-Chave - Intervenientes mais visados</b>		
<b>João Miguel Tavares</b>	<b>Cavaco Silva</b>	13,5%
<b>Pedro Mexia</b>	Liberdade de Expressão; António José Seguro;	21,4%

	António Costa	
Ricardo Araújo Pereira	Cavaco Silva	12,5%

**Tabela 5**

<b>Tema Central - Temáticas</b>		
<b>Política Nacional</b>	25	50%
<b>Economia</b>	5	10%
<b>Desporto</b>	5	10%
<b>Política Internacional</b>	4	8%
<b>Sociedade</b>	4	8%
<b>Europa</b>	3	6%
<b>Liberdade de Expressão</b>	3	6%
<b>Outros Temas</b>	1	2%
<b>Cultura</b>	0	0%
<b>Fait-Divers</b>	0	0%
<b>Total</b>	50	100%

**Tabela 6**

<b>Soundbytes/Vídeos - Temáticas</b>		
<b>Política Nacional</b>	40	70,1%
<b>Sociedade</b>	7	12,3%
<b>Desporto</b>	4	7%
<b>Política Internacional</b>	4	7%
<b>Economia</b>	1	1,8%
<b>Liberdade de Expressão</b>	1	1,8%
<b>Europa</b>	0	0%
<b>Cultura</b>	0	0%
<b>Fait-Divers</b>	0	0%
<b>Outros Temas</b>	0	0%
<b>Total</b>	57	100%

**Tabela 7**

<b>João M. Tavares - Pastas Ministeriais</b>		
<b>Política Nacional</b>	22	50%
<b>Economia</b>	12	27,3%
<b>Sociedade</b>	4	9,1%
<b>Política Internacional</b>	3	6,8%
<b>Liberdade de Expressão</b>	2	4,5%
<b>Desporto</b>	1	2,3%
<b>Europa</b>	0	0%
<b>Cultura</b>	0	0%
<b>Fait-Divers</b>	0	0%
<b>Outros Temas</b>	0	0%
<b>Total</b>	44	100%

**Tabela 8**

<b>Pedro Mexia - Pastas Ministeriais</b>		
<b>Política Nacional</b>	20	45,5%
<b>Política Internacional</b>	12	27,3%
<b>Sociedade</b>	8	18,1%
<b>Fait-Divers</b>	2	4,5%
<b>Economia</b>	1	2,3%
<b>Desporto</b>	1	2,3%
<b>Liberdade de Expressão</b>	0	0%
<b>Europa</b>	0	0%
<b>Cultura</b>	0	0%
<b>Outros Temas</b>	0	0%
<b>Total</b>	44	100%

**Tabela 9**

<b>Ricardo A. Pereira - Pastas Ministeriais</b>
---

<b>Política Nacional</b>	18	41%
<b>Economia</b>	11	25%
<b>Sociedade</b>	8	18,2%
<b>Política Internacional</b>	2	4,5%
<b>Desporto</b>	2	4,5%
<b>Fait-Divers</b>	2	4,5%
<b>Europa</b>	1	2,3%
<b>Liberdade de Expressão</b>	0	0%
<b>Cultura</b>	0	0%
<b>Outros Temas</b>	0	0%
<b>Total</b>	44	100%

**Tabela 10**

<b>João M. Tavares - Estados de Espírito</b>		
<b>Política Nacional</b>	27	61,3%
<b>Sociedade</b>	7	15,9%
<b>Economia</b>	4	9,1%
<b>Desporto</b>	2	4,5%
<b>Política Internacional</b>	1	2,3%
<b>Europa</b>	1	2,3%
<b>Cultura</b>	1	2,3%
<b>Fait-Divers</b>	1	2,3%
<b>Liberdade de Expressão</b>	0	0%
<b>Outros Temas</b>	0	0%
<b>Total</b>	44	100%

**Tabela 11**

<b>Pedro Mexia - Estados de Espírito</b>		
<b>Política Nacional</b>	21	47,7%
<b>Política Internacional</b>	9	20,5%

<b>Sociedade</b>	7	15,9%
<b>Economia</b>	3	6,8%
<b>Europa</b>	2	4,5%
<b>Desporto</b>	1	2,3%
<b>Fait-Divers</b>	1	2,3%
<b>Cultura</b>	0	0%
<b>Liberdade de Expressão</b>	0	0%
<b>Outros Temas</b>	0	0%
<b>Total</b>	44	100%

**Tabela 12**

<b>Ricardo A. Pereira - Estados de Espírito</b>		
<b>Política Nacional</b>	22	50%
<b>Economia</b>	7	15,9%
<b>Política Internacional</b>	4	9,1%
<b>Sociedade</b>	3	6,8%
<b>Liberdade de Expressão</b>	3	6,8%
<b>Fait-Divers</b>	3	6,8%
<b>Europa</b>	2	4,6%
<b>Desporto</b>	0	0%
<b>Cultura</b>	0	0%
<b>Outros Temas</b>	0	0%
<b>Total</b>	44	100%

**Tabela 13**

<b>João M. Tavares - Decretos-Lei</b>		
<b>Política Nacional</b>	17	38,6%
<b>Sociedade</b>	8	18,2%
<b>Política Internacional</b>	5	11,5%
<b>Economia</b>	3	6,8%

<b>Desporto</b>	3	6,8%
<b>Cultura</b>	3	6,8%
<b>Europa</b>	2	4,5%
<b>Liberdade de Expressão</b>	2	4,5%
<b>Fait-Divers</b>	1	2,3%
<b>Outros Temas</b>	0	0%
<b>Total</b>	44	100%

**Tabela 14**

<b>Pedro Mexia - Decretos-Lei</b>		
<b>Política Nacional</b>	16	36,4%
<b>Política Internacional</b>	12	27,3%
<b>Cultura</b>	4	9,1%
<b>Sociedade</b>	4	9,1%
<b>Liberdade de Expressão</b>	3	6,8%
<b>Europa</b>	2	4,5%
<b>Fait-Divers</b>	2	4,5%
<b>Desporto</b>	1	2,3%
<b>Economia</b>	0	0%
<b>Outros Temas</b>	0	0%
<b>Total</b>	44	100%

**Tabela 15**

<b>João M. Tavares - Frases-Chave</b>		
<b>Política Nacional</b>	18	50%
<b>Outros Temas</b>	7	19,4%
<b>Política Internacional</b>	5	13,9%
<b>Liberdade de Expressão</b>	3	8,3%
<b>Europa</b>	1	2,8%
<b>Sociedade</b>	1	2,8%

<b>Fait-Divers</b>	1	2,8%
<b>Economia</b>	0	0%
<b>Desporto</b>	0	0%
<b>Cultura</b>	0	0%
<b>Total</b>	36	100%

**Tabela 16**

<b>Pedro Mexia - Frases-Chave</b>		
<b>Política Nacional</b>	20	50%
<b>Outros Temas</b>	6	15%
<b>Política Internacional</b>	5	12,5%
<b>Liberdade de Expressão</b>	4	10%
<b>Sociedade</b>	3	7,5%
<b>Economia</b>	2	5%
<b>Europa</b>	0	0%
<b>Desporto</b>	0	0%
<b>Cultura</b>	0	0%
<b>Fait-Divers</b>	0	0%
<b>Total</b>	40	100%